



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MYLLENA ARAUJO DO NASCIMENTO

**O ACONTECIMENTO DA *TROLLAGEM* NA ORDEM DO DISCURSO
POLÍTICO BRASILEIRO: LIMITES ENTRE O HUMOR E O
DISCURSO DE ÓDIO**

JOÃO PESSOA, PB
2022

MYLLENA ARAUJO DO NASCIMENTO

**O ACONTECIMENTO DA *TROLLAGEM* NA ORDEM DO DISCURSO POLÍTICO
BRASILEIRO: LIMITES ENTRE O HUMOR E O DISCURSO DE ÓDIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Discurso e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Braga.

JOÃO PESSOA, PB
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244a Nascimento, Myllena Araújo do.

O acontecimento da trollagem na ordem do discurso político brasileiro : limites entre o humor e o discurso de ódio / Myllena Araújo do Nascimento. - João Pessoa, 2022.

129 f. : il.

Orientação: Amanda Batista Braga.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística. 2. Humor e política. 3. Discurso de ódio. 4. Discurso político. I. Braga, Amanda Batista. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81(043)

MYLLENA ARAUJO DO NASCIMENTO

**O ACONTECIMENTO DA *TROLLAGEM* NA ORDEM DO DISCURSO POLÍTICO
BRASILEIRO: LIMITES ENTRE O HUMOR E O DISCURSO DE ÓDIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Discurso e Sociedade. Orientadora: Profa. Dra. Amanda Braga.

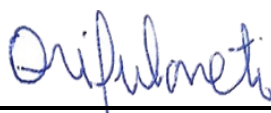
Banca Examinadora



Profa. Dra. Amanda Batista Braga (UFPB)
(Presidente)



Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini (UFSCar)
(Examinadora Externa)



Profa. Dra. Oriana de Nadai Fulaneti (UFPB)
(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Israel de Sá (UFU)
(Examinador suplente)

Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida (UFPB)
(Examinadora suplente)

JOÃO PESSOA, PB
2022

AGRADECIMENTOS

Aos **meus pais**, por todo o amor, dedicação e ensinamento e pelo incentivo incessante aos estudos durante toda a minha vida. Vocês dois possuem um papel fundamental em todas as minhas conquistas.

A minha querida irmã, **Aninha**, por ser minha grande companheira e por sempre acreditar no meu potencial.

Ao meu amado companheiro, **Pedro Henrique**, por todo o amor, carinho, compreensão e incentivo. Obrigada por partilhar diariamente comigo os prazeres e os percalços da vida acadêmica e por sempre me incentivar a seguir o caminho da pesquisa.

A **Amanda Braga**, por ser a melhor orientadora possível durante todo o processo de escrita desta dissertação. Obrigada por toda a dedicação profissional, por todo o ensinamento, por acreditar fortemente na minha pesquisa, pela empatia e companheirismo ao longo destes dois anos de mestrado pandêmico.

A **Vanice Sargentini**, por todo o aprendizado ao longo das disciplinas que pude tê-la como professora durante o mestrado. Obrigada pela leitura atenta desta dissertação e pelos primorosos conselhos e referências que foram essenciais durante todo o processo de escrita deste trabalho.

A **Geovana Chiari**, pela leitura cuidadosa do meu trabalho na qualificação e pelas sugestões que tanto somaram a esta dissertação.

A **Oriana de Nadai**, pela leitura atenciosa e pelas contribuições ao meu trabalho.

Ao **Observatório do Discurso**, por ser desde a graduação um grupo composto por pessoas que tanto me acolhem, incentivam e tornam a vida acadêmica mais prazerosa.

A **Thainá Lima**, pela linda amizade que construímos desde a graduação e por compartilhar cotidianamente comigo as alegrias e dificuldades das vivências universitárias. Obrigada por tanto.

A **Beatriz Almeida**, pela amizade tão especial. Obrigada por todo o carinho e por todo o estímulo de sempre.

Às amigas **Alinne, Mylla e Maria Letícia**, pelo companheirismo desde a graduação e por serem pessoas que proporcionam tantas alegrias a minha vida.

À **CAPES**, pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

A presença do humor no âmbito político é perpassada por continuidades e descontinuidades relacionadas aos modos de circulação e de distribuição desta prática ao longo do tempo. Até o final do século XX, o arquivo do discurso político era mais homogêneo, o que significa que seu modo de produção era mais regular. Entretanto, com o advento da internet, este quadro se modifica e possibilita o surgimento de novas práticas discursivas, sendo uma delas o uso mais frequente e mais diverso do humor no âmbito político, para além do humor derrisório já antes encontrado em revistas e panfletos, por exemplo. Atualmente, com a ascensão da extrema direita, o que encontramos é o uso mais expressivo de um humor agressivo endereçado aos adversários políticos e às minorias sociais. Neste sentido, esta dissertação objetiva analisar o acontecimento da *trollagem* na ordem do discurso político brasileiro, bem como seu lugar no limiar entre o humor e o discurso de ódio. Para tanto, propomos analisar a emergência, o funcionamento e a caracterização da *trollagem* política, sobretudo após a campanha presidencial de 2018 até o ano de 2021. A fim de alcançarmos tal objetivo, realizamos a seleção de enunciados que materializam a *trollagem* política produzida pela extrema direita brasileira, observando uma maior regularidade de seu aparecimento em três distintas materialidades: *memes* políticos, falas públicas e gestos públicos. Como aporte teórico-metodológico, utilizamos a Análise do Discurso de linha francesa a partir das reflexões de Michel Foucault, sobretudo no que se refere a seu método arqueológico de análise e às noções de *enunciado*, *descontinuidade* e *acontecimento*. Com este trabalho, demonstramos que o acontecimento da *trollagem* provocou uma mutação discursiva em relação aos modos de dizer do discurso de ódio no discurso político, uma vez que este, na contemporaneidade, se adapta ao uso de estratégias humorísticas regulares no ambiente digital.

Palavras-Chave: Discurso. *Trollagem*. Humor. Discurso de ódio.

ABSTRACT

The presence of humor in the political sphere is permeated by continuities and discontinuities related to the modes of circulation and distribution of this practice over time. Until the end of the 20th century, the archive of political discourse was more homogeneous, which means that its mode of production was more regular. Nevertheless, with the advent of the internet, this scenery changes and allows the emergence of new discursive practices, one of them being the most frequent and diverse use of humor in the political sphere, in addition to the derisive humor already found in magazines and pamphlets, for example. Currently, with the rise of the extreme right, what we find is a more expressive use of aggressive humor aimed at political opponents and social minorities. From this perspective, this dissertation aims to analyze the event of *trolling* in the order of Brazilian political discourse, as well as its place on the threshold between humor and hate speech. To this end, we propose to analyze the emergence, functioning and characterization of political trolling, especially after the presidential campaign from 2018 to 2021. In order to achieve this objective, we selected statements that materialize the political *trolling* produced by the Brazilian extreme right, observing a greater regularity of its appearance in three different materialities: political *memes*, public speeches and public gestures. As a theoretical-methodological contribution, we use French Discourse Analysis based on Michel Foucault's reflections, especially with regard to his archaeological method of analysis and the notions of *enunciation*, *discontinuity* and *event*. With this work, we demonstrate that the *trolling* event provoked a discursive mutation in relation to the ways of saying hate speech in political discourse, since this, in contemporary times, adapts to the use of regular humorous strategies in the digital environment.

Keywords: Discourse. *Trolling*. Humour. Hate speech.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
 CAPÍTULO I – DO HUMOR AO ÓDIO: DESCONTINUIDADES NA ORDEM DO DISCURSO POLÍTICO.....	15
1.1 O encontro entre Michel Foucault e os estudos discursivos	15
1.2 A construção do humor no discurso político: algumas considerações	23
1.3 O discurso humorístico agressivo e o discurso de ódio na mídia tecnológica.....	38
 CAPÍTULO 2 – A EMERGÊNCIA DA <i>TROLLAGEM</i> NO DISCURSO POLÍTICO DA EXTREMA DIREITA BRASILEIRA.....	44
2.1 A ascensão da extrema direita no cenário político brasileiro.	44
2.2 O que é a <i>trollagem</i> ?	54
2.3 O uso da <i>trollagem</i> política em tempos de (pós)verdade.....	62
 CAPÍTULO 3 – A DISPERSÃO DO ACONTECIMENTO DA <i>TROLLAGEM</i> EM DISTINTAS MATERIALIDADES	75
3.1 O enunciado e o acontecimento: a perspectiva foucaultiana de análise dos discursos.....	75
3.2 Reverberações da eleição de Jair Bolsonaro em 2018: o acontecimento da <i>trollagem</i> na ordem do discurso político brasileiro	78
3.2.1 A memeficação da política: o funcionamento da <i>trollagem</i> em memes políticos.....	79
3.2.1.2 Virilidade.....	80
3.2.1.3 Homofobia	88
3.2.1.4 Xenofobia	96
3.2.2 – A materialização da <i>trollagem</i> política em falas e gestos públicos	104
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
 REFERÊNCIAS	122

[...] Palavras podem ser como pequenas doses de arsênico: são engolidas de forma despercebida e parecem ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar.

(Victor Klemperer, **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**, 2009, p. 59)

INTRODUÇÃO

*Ela [repórter] queria dar um furo.
Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim
[risos de Bolsonaro e dos demais presentes]*¹.

O excerto com que abrimos esta introdução se refere a uma declaração proferida pelo atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro (Partido Liberal), no dia 18 de fevereiro de 2020. Em um clima derrisório e aparentemente inofensivo, o presidente insulta, com insinuação sexual, a jornalista da *Folha de São Paulo*, Patrícia Campos Mello. O insulto foi uma referência ao depoimento dado à CPMI das Fake News, no Congresso, por um ex-funcionário de uma agência de disparos de mensagens em massa pelo WhatsApp. A jornalista foi responsável por matérias jornalísticas que revelavam a contratação de empresas de marketing que enviavam tais mensagens durante a campanha eleitoral de 2018 e, desde então, vem sendo duramente perseguida por grupos populistas de direita. Esta declaração, assim como outras proferidas por Jair Bolsonaro e por simpatizantes da extrema direita, é um enunciado possibilitado pelo acontecimento da *trollagem* no interior do discurso político brasileiro.

Neste trabalho, consideramos o conceito de *trollagem* política tal como cunhado por Lamerichs et al: “Nós definimos trolling político não apenas como um ato de postar mensagens e *memes* de ódio, mas como um fenômeno mais amplo por meio do qual os usuários se envolvem em um comportamento influente e tóxico” (2018, p. 182-183, tradução nossa)². Nestes termos, este trabalho considera a *trollagem* como um fenômeno que, na ordem do discurso político brasileiro e sob o véu de um discurso humorístico e inofensivo, viabiliza uma escalada de discursos autoritários e conservadores. Trata-se de considerar, desde já, que a prática discursiva da *trollagem* política provocou uma descontinuidade no uso do humor no discurso político do país, fomentando o recrudescimento de discursos agressivos direcionados a determinados sujeitos sociais.

Especificamente sobre o humor, vale ressaltar que ele é uma característica importante da sociedade humana desde a Grécia Antiga. Souza (2017) afirma que, historicamente, uma das principais marcas do humor é a transgressão, ou seja, o confronto das condutas de boa convivência partilhadas no âmbito social. No entanto, a despeito desta condição geral, “o modo

¹ *Bolsonaro insulta repórter da folha com insinuação sexual*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2021.

² Versão original : “We define political trolling not only as an act of posting hateful messages and memes, but as a wider phenomenon through which users engage in influential, toxic behaviour” (LAMERICHES ET AL, 2018, p. 182-183).

como o humor será interpretado depende do contexto sócio-histórico em que ele se apresenta: aquilo que é banalizado em determinada época pode chocar em outra (ou o contrário)” (SOUZA, 2017, p. 23). Assim, da mesma maneira que outros traços sociais, a linguagem humorística mantém, ao longo dos séculos, algumas continuidades discursivas, mas também vem sofrendo rupturas, que são responsáveis pela emergência de novas formas de humor e da apropriação desta prática discursiva por novos sujeitos sociais. No âmbito político, particularmente, as democracias modernas e os seus respectivos atores políticos vêm se beneficiando do discurso humorístico através da apropriação dessa prática como uma forma de aproximação com a população/eleitorado e de crítica aos seus adversários políticos.

É certo que, até 1998, o arquivo do discurso político era mais homogêneo, conforme aponta Sargentini (2015), o que significa que seu modo de produção era mais regular. Entretanto, houve uma modificação desse quadro a partir da década de 2010, em virtude do grande arquivo que é a internet³. Devido ao intenso uso das redes sociais pela sociedade atual (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube etc), estes meios de circulação digital tornaram-se palanque para os políticos. Aqui, fazemos especial referência ao uso feito por políticos brasileiros, que estão sendo responsáveis, em conjunto com políticos de outras países, pelo surgimento de novas práticas discursivas, sendo uma delas o uso mais frequente do humor no âmbito político, algo que era visto em menor quantidade antes do surgimento do mundo digital⁴.

Apesar da grande circulação de enunciados humorísticos no campo político atual, o humor demorou a conquistar relevante espaço na ordem discursiva deste meio, já que ele tem como uma de suas regras o tratamento dos fatos de uma maneira não séria, como aponta Possenti (2020). Sobre isto, pode-se dizer que a eleição presidencial de 2014 no Brasil promoveu uma ruptura em relação ao que era regular nas campanhas presidenciais até então. A aposta no uso das redes sociais como uma forma de personalização dos candidatos e aproximação com os usuários/eleitorado criou condições de possibilidade para o uso estratégico do humor agressivo que, comumente, é usado com o objetivo de criticar o adversário político. Dessa forma, o discurso humorístico passou a atuar como uma espécie de rota de fuga aos históricos procedimentos de interdição (FOUCAULT, 2014) do discurso político.

³ Para mais detalhes acerca da variedade do discurso político, ver Sargentini (2015).

⁴ Anteriormente ao advento da internet, apesar de menos recorrente, já estavam presentes formas de expressão do humor derrisório no discurso político em revistas (como n’*O Pasquim*, por exemplo), em charges, panfletos, nos bufões, dentre outros.

Assim, o humor, nas atuais democracias competitivas e fragilizadas, como é o caso brasileiro, apresenta-se particularmente agressivo, promovendo, sobretudo, a polarização e a depreciação do oponente (GEORGALIDOU, 2011). Chiari (2021), ao analisar as oito eleições feitas no país após a abertura política (período pré-eleitoral das eleições de 1989 até a campanha presidencial de 2018), apresenta uma tabela de classificação da agressividade no discurso político brasileiro. Com base nas categorizações desenvolvidas pela autora, podemos apontar, a partir das eleições de 2018, uma intensificação do uso do humor agressivo no discurso político brasileiro, fomentado pelo funcionamento da *trollagem* e pelo uso regular das redes sociais por parte da classe política e dos eleitores.

A ascensão da extrema direita no cenário político brasileiro, principalmente a partir da eleição do atual presidente Jair Bolsonaro, em 2018, e o uso massivo das mídias sociais como ferramenta de comunicação política, viabilizaram o uso do humor como uma forma de autoproteção de discursos de ódio, como apontam May e Feldman (2018). Dessa forma, desde a última campanha presidencial, o humor, materializado principalmente através da prática da *trollagem* política, vem sendo regularmente utilizado como forma de discurso do atual presidente e de seus respectivos aliados políticos.

A despeito de haver uma generalização que classifica de maneira análoga os regimes fascistas e populistas historicamente, partiremos da proposição que vai de encontro a este pensamento, estabelecida por Filnchelstein (2019), para quem “o populismo é uma forma de democracia autoritária, enquanto o fascismo é uma ditadura ultraviolenta” (2019, p. 27). Assim, personagens populistas como Bolsonaro, em geral, manifestam um subtipo de estilo de humor político com uma regularidade de padrões de comportamento reconhecíveis. Nesta perspectiva, o humor populista é definido como “mais do que pura diversão a serviço do viés de confirmação, um estilo agressivo e gratificante que pode funcionar de várias maneiras, na medida em que contribui e colabora com a manipulação emocional” (GIL; BREA, 2021, p. 64-65). Essa sensação de pertencimento grupal e comum resistência aos opositores políticos, alimentada pelo humor populista, intensifica determinadas sensações de superioridade em cidadãos imersos na constante competitividade fomentada pela sociedade capitalista contemporânea.

Para além deste fator, também o contexto de pós-verdade se tornou, contemporaneamente, uma condição que possibilita o maior uso da *trollagem* no discurso político. De acordo com a definição proposta pelo dicionário britânico British Oxford, o termo está relacionado a “circunstâncias em que as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças

do que a fatos” (tradução nossa)⁵. Assim, o humor inerente à *trollagem* passou a ser mais um recurso de grupos da extrema direita para a disseminação de discursos conspiratórios e negacionistas. O humor funciona, neste caso, como uma válvula de escape aos efeitos negativos desta prática, tendo em vista que o teor humorístico põe em xeque a seriedade desses discursos.

Dito isto, este trabalho se apresenta no intuito de problematizar a emergência do acontecimento da *trollagem* no interior da ordem do discurso político brasileiro. Alguns questionamentos orientam e envolvem a investigação da nossa pesquisa, são eles: quais as condições históricas que possibilitam a emergência da *trollagem* no discurso político brasileiro contemporâneo? Como se dá o funcionamento da *trollagem* no limiar entre humor e discurso de ódio? Quais são as continuidades e descontinuidades que essa prática promove em relação ao uso do humor no discurso político brasileiro? Diante de tais questionamentos, formulamos o seguinte objetivo geral: analisar a emergência e o funcionamento do acontecimento da *trollagem* na ordem do discurso político brasileiro, mais especificamente após a campanha presidencial de 2018, bem como seu lugar no limiar entre o humor e o discurso de ódio. Em relação aos objetivos específicos, pretendemos:

- Investigar a emergência do acontecimento da *trollagem*, o seu funcionamento discursivo e os seus modos de dispersão para a identificação de possíveis regularidades em relação ao humor no discurso político produzido após a campanha presidencial de 2018 até o ano de 2021;
- Descrever a prática da *trollagem* da extrema direita brasileira e sua relação com discursos de ódio machistas, homofóbicos e xenofóbicos, tomando os *memes*, as falas públicas e os gestos públicos como materialidades a serem analisadas;
- Refletir sobre a relação entre o acontecimento da *trollagem* no discurso político brasileiro e a emergência das novas sensibilidades na contemporaneidade.

Em termos teóricos-metodológicos, partiremos da Análise do Discurso, sobretudo dos estudos de Michel Foucault, que nos auxiliarão na investigação da *trollagem* como um acontecimento discursivo que opera uma descontinuidade na produção do discurso político. À esteira do filósofo francês, concebemos o tempo histórico a partir da ideia de descontinuidade e, por isso, pautamos o nosso método de escavação dos discursos a partir da perspectiva

⁵ Versão original: “relating to circumstances in which people respond more to feelings and beliefs than to facts”. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth?q=post-truth>. Acesso em: 06 dez. 2021.

arqueológica. Esta não está interessada em um método teleológico, “na longínqua presença da origem”, mas sim em “acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento” (FOUCAULT, 2000, p. 91). Acerca do conceito de acontecimento, Michel Foucault o define como a própria lei de existência dos enunciados, suas condições de emergência e sua correlação com outros acontecimentos anteriores ou simultâneos, discursivos ou não (FOUCAULT, 2020). Mas o autor refere-se também ao acontecimento como sendo “sempre uma dispersão; uma multiplicidade. É o que pesa aqui e ali; é policéfalo”. Para o filósofo, um acontecimento “se dispersa entre instituições, leis, vitórias e derrotas políticas, reivindicações, comportamentos, revoltas, reações” (FOUCAULT, 2014b, p. 175). Assim, considerar a *trollagem* como acontecimento é considerar um fenômeno que se dispersa no interior da luta política e, do mesmo modo, que se materializa nos enunciados que são aí produzidos (no caso da *trollagem*, sempre no limite entre o humor e o discurso de ódio).

A fim de cumprir com tais objetivos, a dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, discutiremos sobre o humor e o discurso de ódio na ordem do discurso político. Apresentaremos um panorama não exaustivo acerca da história do humor no ocidente, com enfoque no humor político. Além disso, faremos uma breve análise a respeito da emergência do humor agressivo nas eleições presidenciais brasileiras de 2014, materializada a partir de enunciados dos perfis do Facebook de Dilma Rousseff e de Dilma Bolada. Por fim, discutiremos a respeito da mutação do discurso político brasileiro, com o objetivo de compreendermos a ascensão da *web* e das redes sociais na ordem política contemporânea e sua respectiva contribuição para a emergência de um discurso humorístico agressivo que, em alguns casos, pode configurar discurso de ódio. Para tal, como suporte teórico e metodológico, partiremos das contribuições de Foucault aos estudos do discurso, mais especificamente da noção de descontinuidade.

No segundo capítulo, discutiremos acerca de alguns fatores que possibilitaram a ascensão da extrema direita no Brasil, caracterizaremos os traços regulares da ideologia populista e identificaremos alguns pontos em comum desta com as práticas de membros da extrema direita brasileira contemporânea. Além disso, trataremos do caminho percorrido pelos *trolls* da *deep web* ao *mainstream* político; descreveremos e exemplificaremos as características discursivas mais recorrentes da *trollagem* política no contexto brasileiro, e relacionaremos esta *trollagem* à era da guerra cultural e da pós-verdade.

No terceiro e último capítulo, teceremos algumas considerações a respeito de dois conceitos centrais para a perspectiva foucaultiana de análise dos discursos: o enunciado e o acontecimento. Esses conceitos servirão de base teórica para a análise dos enunciados.

Posteriormente, analisaremos a dispersão do acontecimento da *trollagem* no discurso político brasileiro materializada em distintas materialidades, mais especificamente em *memes* políticos da extrema direita, em falas e em gestos públicos.

CAPÍTULO I – DO HUMOR AO ÓDIO: DESCONTINUIDADES NA ORDEM DO DISCURSO POLÍTICO

Neste capítulo, discutiremos sobre o humor e o discurso de ódio na ordem do discurso político. Assim, teceremos um breve panorama acerca da história do humor no ocidente, com enfoque no humor político. Faremos, também, uma breve análise a respeito da emergência do humor agressivo nas eleições presidenciais brasileiras de 2014, materializada a partir de enunciados dos perfis do Facebook de Dilma Rousseff e de Dilma Bolada. Por fim, discutiremos a respeito da mutação do discurso político brasileiro, a fim de compreendermos a ascensão da *web* e das redes sociais na ordem política contemporânea e sua respectiva contribuição para a emergência de um discurso humorístico agressivo que, em alguns casos, pode configurar discurso de ódio. Para tanto, como suporte teórico e metodológico, partiremos das contribuições de Foucault aos estudos do discurso, particularmente da noção de descontinuidade.

1.1 O encontro entre Michel Foucault e os estudos discursivos

As contribuições teórico-metodológicas concedidas por Michel Foucault aos estudos do discurso reformularam a maneira como os analistas do discurso mobilizam, em suas análises, noções como discurso, arquivo, verdade e poder. Neste primeiro momento, nosso esforço será o de situar alguns conceitos basilares que perpassam toda a obra foucaultiana, mas que estão presentes principalmente na obra *A arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2016). São discussões que serão determinantes para o percurso analítico deste trabalho, como o próprio conceito de discurso, o método arqueológico e a filiação foucaultiana à noção de descontinuidade histórica. Posteriormente, ao longo das análises que serão desenvolvidas nos próximos capítulos, apresentaremos outros conceitos desenvolvidos pelo filósofo que nos serão produtivos.

O presente trabalho está inscrito no âmbito dos estudos discursivos, mais precisamente no interior dos Estudos Discursivos Foucaultianos, o que nos possibilita uma construção teórica focada nas contribuições teórico-metodológicas foucaultianas aos estudos do discurso e desvinculada das intituladas “três épocas” da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1990), como aponta Navarro (2020). Desse modo, Navarro (2020, p. 9) afirma que “noções tais como: discurso como efeito de sentido, interdiscurso, sujeito interpelado, inconsciente e formações imaginárias” não se enquadram em pesquisas discursivas foucaultianas, ao passo que estas

últimas abordam o ponto de encontro entre o poder e o saber, no interior das quais o sujeito é analisado a partir do seu processo de subjetivação.

Em seus primeiros estudos, como em *As palavras e as coisas*, Foucault já estabelecia um relativo diálogo com a Linguística, mas foi especialmente em *A arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2016) e em *A ordem do discurso* (FOUCAULT, 2014) que o filósofo demarcou um ponto de articulação com os estudos do discurso. A partir do método arqueológico, Foucault construiu e problematizou as noções de discurso, de práticas discursivas, de arquivo, construindo, assim, uma ligação com os pensadores da Nova História, pois estes questionavam a constituição do arquivo orientada aos longos períodos históricos. O filósofo sugere, então, que concomitantemente às grandes histórias, há outros acontecimentos, pontuais, que foram escanteados pelos estudos históricos (SARGENTINI, 2019).

Em *A arqueologia do saber*, Foucault apresenta um plano metodológico inexistente em obras anteriores, como *História da loucura*, *Nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas* (DOSSE, 2018). O filósofo aponta, já na introdução da sua obra arqueológica, que esta é o resultado coerente de um exercício desordenado que vinha sendo empreendido nos seus três estudos citados, em que houve uma tentativa de apresentar a possibilidade de formação de sujeições e que, a partir de então, foi posto em prática (FOUCAULT, 2016).

Isto posto, Foucault introduz a obra a partir de seu interesse pela grande virada epistemológica efetuada pelos historiadores dos *Annales*, em 1929 (DOSSE, 2018), e com uma crítica aos historiadores tradicionais que voltam seus estudos para os longos períodos e continuidades temporais. De encontro a essas velhas questões de análise tradicional⁶, o filósofo aponta outros tipos de indagações:

Que estratos é preciso isolar uns dos outros? Que tipos de séries instaurar? Que critérios de periodização adotar para cada uma delas? Que sistemas de relações (hierarquia, dominância, escalonamento, determinação unívoca, causalidade circular) pode ser descrito entre uma e outra? Que séries de séries podem ser estabelecidas? E em que quadro, de cronologia ampla, podem ser determinadas sequências distintas de acontecimentos? (FOUCAULT, 2016, p. 4)

As disciplinas intituladas *Histórias das ideias* traçam, desde então, outros caminhos metodológicos e passam a se interessar pela ocorrência das interrupções, sendo a posição e a natureza destas muito diversas. Assim, Bachelard propõe, simultaneamente, uma nova postura

⁶ Foucault (2016, p. 4) aponta as seguintes questões: “Que ligação estabelecer entre acontecimento díspares? Como estabelecer entre eles uma sequência necessária? Que continuidade os atravessa ou que significação de conjunto acabamos por formar? Pode-se definir uma totalidade ou é preciso limitar-se a reconstituir encadeamentos?”.

epistemológica em face da análise histórica, em que há uma ruptura das pesquisas com a origem empírica, com as motivações iniciais e com os primeiros precursores, sendo estas substituídas pelo reconhecimento de uma nova categoria de racionalidade e de seus efeitos múltiplos (FOUCAULT, 2016).

Dessa maneira, Foucault (2016) afirma que esse novo olhar epistêmico não se interessa mais em saber quais caminhos foram possíveis para estabelecer as continuidades; de que forma se deu a manutenção e a constituição de um único e mesmo projeto; que maneira de ação e que suporte provocam o jogo das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições; como a origem conseguiu expandir seu reinado bem além de si mesma e alcançar aquele desfecho que jamais aconteceu. O problema, de agora em diante, será o recorte, o limite e as modificações que valem como formação dos fundamentos. Em resumo, a história do pensamento intenta multiplicar as rupturas e procurar quaisquer perturbações da continuidade. Em contrapartida, a história pura aparenta apagar, em prol das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos.

As imbricações e as disparidades entre as duas formas de análises históricas são muitas. Neste entrecruzamento, “os problemas colocados são os mesmos, provocando, entretanto, na superfície, efeitos inversos. Podem-se resumir esses problemas em uma palavra: a crítica do *documento*” (FOUCAULT, 2016, p. 7). A história tradicional concebe o documento como um dado, que se torna algo criado para a nova história. Esta vai escavar o documento no seu interior e elaborá-lo: “ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações” (FOUCAULT, 2016, p. 7-8). Há, então, uma mutação na condição do documento, enquanto havia uma transformação dos monumentos em documentos, no presente, “a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos*” (FOUCAULT, 2016, p. 8)⁷. Dessa forma, Dosse (2018) afirma que esse progresso visa a transformação do historiador em arqueólogo, a partir de uma aproximação com esse projeto, de uma arqueologia do saber que pressupõe uma seriação construída de conhecimentos, de uma descrição inerente ao interior dessas séries.

Assim, assumir a posição de arqueólogo é, como menciona o próprio Foucault (2016), constituir séries. Essa atitude implica em algumas consequências, como diferenciar não mais acontecimentos importantes (com uma extensa cadeia de consequências) e acontecimentos

⁷ Nesse sentido, a arqueologia “não trata o discurso como *documento*, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de *monumento*. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um ‘outro discurso’ mais oculto. Recusa-se a ser alegórica” (FOUCAULT, 2016, p. 169-170).

diminutos, e sim tipos de acontecimentos de nível completamente divergente⁸. Além disso, a partir dessa mudança metodológica, há um deslocamento do descontínuo nas disciplinas históricas: enquanto a noção de descontinuidade era vista como obstáculo na história tradicional, a história nova concebe-a como prática. Para a primeira, “a descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história”. Já para a segunda, ela é “um conceito operatório que se utiliza [...] o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise” (FOUCAULT, 2016, p. 10-11).

Dosse (2018), então, aponta que o historiador, que tinha como incumbência preencher lacunas, excluir as rupturas, com o objetivo de estabelecer as continuidades, delega a partir de então uma qualidade heurística a estas descontinuidades, que precisam de uma operação arbitrária para estabelecer o nível das análises. A descontinuidade possibilita firmar limites do objeto estudado, descrevê-lo mediante suas fronteiras, mediante seus pontos de ruptura. Afinal, ela é uma forma de construir, não mais uma história limitada a um centro, ou seja, uma história global, mas o que poderia ser intitulado como história “em migalhas”, que se delineia, ao invés disso, no espaço de uma dispersão.

A despeito dessa aproximação de Foucault com os historiadores dos *Annales*, a partir de uma possível consolidação teórica das práticas desses historiadores, por parte de Foucault, Dosse (2018) alega que essa filiação é enganosa, pois a visão filosófica de Foucault, associada a Nietzsche e a Heidegger, objetiva desconstruir, de dentro para fora, o território do historiador. O filósofo francês preocupa-se com a esfera discursiva e não com o referente, que permanece sendo o principal objeto do historiador. Dessa maneira, o intuito de Foucault é inserir as estruturas nas descontinuidades temporais, nos desequilíbrios e alterações que controlam os deslocamentos de um jogo incansável das práticas discursivas. Essa prática concebe uma semelhança metodológica entre o arqueólogo e o geólogo, pois, assim como o segundo, o primeiro satisfaz-se em emergir no nível do saber os divergentes estratos acumulados, em contiguidade no tempo, e em identificar as descontinuidades e rupturas que abalaram sua sedimentação. Na esteira dessa ideia, Foucault afirma que:

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua

⁸ Foucault (2016, p. 9) cita como exemplos de acontecimentos de nível diferente “alguns breves, outros de duração média, como a expansão de uma técnica, ou uma rarefação da moeda; outros, finalmente, de ritmo lento, como um equilíbrio demográfico ou o ajustamento progressivo de uma economia a uma modificação do clima”.

presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2016, p. 31).

Apesar do conceito fulcral de *A arqueologia do saber* ser o discurso, isso não significa que o filósofo utilize os métodos linguísticos de descrição da língua. O arqueólogo tem como responsabilidade um grande domínio, que pode ser definido “pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (que tenham sido falados ou escritos), em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um” (FOUCAULT, 2016, p. 32). Assim, o material que deve ser inicialmente tratado compõe uma população de acontecimentos no espaço geral discursivo, o que constitui “o projeto de uma descrição dos acontecimentos discursivos” (2016, p. 32), indo de encontro a um projeto de descrição da análise da língua. Foucault (2016) afirma que, enquanto para uma descrição linguística, uma língua sempre representa um sistema para enunciados prováveis, o campo dos acontecimentos discursivos, em contrapartida, é o conjunto sempre finito e realmente limitado das únicas sequências linguísticas que foram elaboradas. Dito isto, a análise da língua propõe a seguinte questão para qualquer fato de discurso: “segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?” (2016, p. 33). Por outro lado, a descrição de acontecimentos do discurso sugere outra questão muito divergente: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (2016, p. 33).

Ao definir as principais questões do campo dos acontecimentos discursivos, faz-se necessário compreender o que o filósofo francês entende por discurso. Conforme Veyne (2011, p. 16-17), para Foucault, o discurso é “a descrição mais precisa, mais concisa de uma formação histórica em sua nudez, é a atualização de sua última diferença individual”. Para alcançar essa *differentia ultima* de uma datada singularidade, é preciso um empenho intelectual de apercepção, ou seja, “é preciso despojar o acontecimento dos drapeados demasiado amplos que o banalizam e racionalizam” (2011, p. 17). Essa ideia de que o discurso é a *differentia ultima* pressupõe o entendimento de que só alcançamos uma coisa em si através da ideia que dela concebemos a cada época. Logo, só a alcançamos como “fenômeno”, pois não é possível a cisão da coisa em si do “discurso”, através do qual ela está circundada em nós.

Desse modo, Veyne (2011, p. 23) afirma que “todo fato histórico ou sociológico é uma singularidade”. Foucault, assim, não crê na existência de verdades gerais, trans-históricas, de maneira que as palavras, os atos ou os fatos humanos não emanam de uma natureza, de uma racionalidade que seria a sua origem, muito menos espelham rigorosamente o objeto a que remetem. Para trazer à luz o discurso, faz-se necessário um trabalho que Foucault intitula arqueologia ou genealogia. A arqueologia atua, desse modo, como um balanço desmistificador,

pois quando se alcança profundamente determinado número de fenômenos, atesta-se a particularidade de cada um deles e o aleatório de todos, e alcança-se, através de inferência, a uma crítica filosófica do conhecimento à certificação de que as coisas humanas não têm fundamento e a um ceticismo sobre as ideias universais (VEYNE, 2011).

Uma das grandes inovações de Foucault foi trabalhar a verdade no tempo⁹. Na esteira do pensamento foucaultiano, Veyne (2011) concebe uma metáfora que compara os discursos de uma época a aquários falsamente transparentes, nos quais contemporâneos de uma dada época estão completamente imersos, desprezando o fato de estarem presos e até mesmo a existência dos aquários. Há uma variação temporal dos discursos e das falsas generalidades que a cada época são tidos como verdadeiros. Essa verdade de cada época está restrita a um dizer verdadeiro, isto é, à vontade de verdade que prevalece em um determinado momento socio-histórico. Assim, o olhar foucaultiano sobre a verdade aponta para um implícito em sua obra: “o passado antigo e recente da humanidade não passa de um vasto cemitério de grandes verdades mortas” (VEYNE, 2011, p. 25).

Apesar dessa noção da verdade primeira ser uma questão histórica, a grande filosofia escanteou-a de suas principais questões. Se, por um lado, boa parte dos filósofos partem da relação dos homens com o Ser, com o mundo, com o divino, Foucault, por outro lado, parte do questionamento sobre o que os variados homens fazem a partir de uma aparente obviedade e falam adotando como verdadeiro em diversas épocas. Resumidamente, “ele parte da história, da qual colhe amostras (a loucura, a punição, o sexo...) para explicitar-lhes o discurso, inferindo uma antropologia empírica” (VEYNE, 2011, p. 26). Desse modo, para Foucault, determinar um discurso, uma prática discursiva, significa elucidar os dizeres e fazeres das pessoas, entender o que pressupõem suas palavras, seus gestos, suas instituições, coisas feitas a cada instante. Logo, a ferramenta foucaultiana será uma prática cotidiana, a hermenêutica, o esclarecimento do sentido, ferramenta que reduz ao pó as ideias gerais. O método vital de Foucault é entender o mais precisamente possível o que o autor quis dizer em seu tempo (VEYNE, 2011).

A obra foucaultiana aborda uma espécie de positivismo hermenêutico, isto é, “nada podemos compreender de seguro sobre o eu, o mundo e o Bem, mas nos compreendemos entre nós, vivos ou mortos” (VEYNE, 2011, p. 27). Essa hermenêutica possui como método a suposição da inexistência dos universais. Com o objetivo de exemplificar o seu método,

⁹ Sobre a verdade, Foucault aponta que “Por verdade, não quero dizer o conjunto das coisas verdadeiras que há para descobrir ou para fazer aceitar, mas o conjunto das regras segundo as quais se separa o verdadeiro do falso e se associam ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2017, p. 53).

Foucault cita como exemplo uma suposta inexistência da loucura. A partir daí, o filósofo francês questiona sobre qual história seria possível fazer com os divergentes acontecimentos e práticas que alegadamente se ordenam em torno de uma dita loucura que, conseqüentemente, resultam em uma loucura verdadeira na percepção dos sujeitos, ao invés de continuar sendo algo distintamente real, porém desconhecida e não compreendida. Uma ou outra, a loucura e todas as coisas humanas só possuem a escolha de serem singularidades.

Essa singularidade nos direciona para um duplo sentido desta palavra, os discursos dos fenômenos são estranhos e não se encaixam numa generalidade, “cada um deles é o único em sua espécie” (VEYNE, 2011, p. 29). Desse modo, o discurso é aquilo que se mantém implícito, o que não é dito, um tipo de inconsciente¹⁰. Em acréscimo a essa ideia, podemos afirmar que o discurso é a parte invisível em que se singulariza cada acontecimento da história. É preciso, então, uma tentativa de apercepção dos discursos:

Ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo (FOUCAULT, 2016, p. 135).

A relação entre os discursos e os enunciados se dá na medida em que os segundos materializam os primeiros. Dessa forma, o nível enunciativo assemelha-se a certas transparências familiares que, a despeito de não esconderem nada em sua espessura, não são exibidas com completa clareza. Assim, há alguns motivos para o nível enunciativo se delinear em sua própria proximidade. O primeiro é que o enunciado não está em posição de hierarquia em relação às frases ou às proposições, está, ao contrário, sempre no interior de unidades desse gênero. Outra causa “é a de que a estrutura significante da linguagem remete sempre a outra coisa” (FOUCAULT, 2016, p. 136). A descrição do nível enunciativo requer uma constante consideração do outro, do ausente, do longínquo e da ausência. É preciso, pois, questionar a linguagem na dimensão e no momento em que é produzida. Assim, a descrição enunciativa suspende não só a percepção do significado, mas também a do significante. Por fim, a quase invisibilidade do enunciado se dá em razão da sua suposição em todas as outras análises da linguagem sem que haja a sua visibilidade. Descrever os enunciados em si mesmos não é tentar encontrar algo omissos em outras análises, como um segredo ou uma raiz da linguagem, mas

¹⁰ Segundo Veyne (2011, p. 30), “A palavra inconsciente não passa, evidentemente, de uma metonímia: o inconsciente, freudiano ou outro, só existe em nossas mentes; em vez de “inconsciente”, leia-se “implícito”.

sim intentar “tornar visível e analisável essa transparência tão próxima que constitui o elemento de sua possibilidade” (FOUCAULT, 2016, p. 137).

Essa apercepção foucaultiana do discurso desmistifica a percepção do discurso como um pensamento comum em um determinado tempo histórico. Na contramão dessa ideia, o esforço do filósofo é reverberar o princípio da singularidade, que faz da história uma sequência de rupturas. Veyne (2011) afirma que o historiador foucaultiano tem a incumbência de perceber estas rupturas sob as continuidades enganosas. O método de Foucault reproduz o que já vinha sendo feito, desde o romantismo, por outros historiadores, que é evidenciar a originalidade de uma formação histórica, sem a intenção de procurar nela o natural e o sensato, conforme nossa inclinação humana para a trivialização ao preço do anacronismo. Além disso, Foucault busca tratar cada fato histórico em si mesmo, e nunca como um caso particular de uma questão geral e tampouco de um problema filosófico, o que atrela o método do filósofo francês ao método de todo historiador.

A arqueologia, portanto, suspende o tema de uma imperiosa sucessão, isto é, pela lei de sua finitude, o discurso estaria sujeito a um encadeamento primeiro e indissociável, além do tema de que só há, no discurso, uma forma e um único nível de sucessão. As análises arqueológicas modificam esses temas por outros que irrompem, simultaneamente, sucessões múltiplas que se sobrepõem nos discursos e a forma pela qual as sucessões determinadas se articulam¹¹. Logo, faz-se necessário, para conceber uma história arqueológica do discurso, a supressão de dois modelos que, por muito tempo, imperaram nas ciências humanas: “o modelo linear de ato de fala [...] e o modelo de fluxo de consciência cujo presente escapa sempre a si mesmo na abertura do futuro e na retenção do passado” (FOUCAULT, 2016, p. 205-206). O discurso, analisado pela perspectiva arqueológica, segue uma direção oposta em relação ao modelo de historicidade praticado pelo curso da consciência ou da linearidade da linguagem. A arqueologia não concebe o discurso como uma consciência que atribui à linguagem sua forma externa, mas sim enquanto uma prática idiossincrática de encadeamento e de sucessão que, a partir dos cortes arqueológicos, propõe “descrever a dispersão das próprias descontinuidades”, conforme Foucault (2016, p. 211). É esta a perspectiva da qual partimos na consideração de nossa problemática.

¹¹A fim de explicação, Foucault (2016, p. 205) aponta que “Em vez de seguir um calendário originário, em relação ao qual se estabeleceria a cronologia dos acontecimentos sucessivos ou simultâneos, a dos processos curtos ou duráveis, a dos fenômenos instantâneos e das permanências, tenta-se mostrar como pode haver sucessão e em que níveis diferentes encontram-se sucessões distintas”.

1.2 A construção do humor no discurso político: algumas considerações

Abordaremos, a seguir, uma breve exposição da história do humor no ocidente, além de algumas discussões apresentadas por relevantes teóricos que abordaram os estudos humorísticos, como Attardo (1994), Freud (2017) e Eagleton (2020). Em relação à temática do humor no discurso político, especificamente, discorreremos acerca dos estudos realizados por Tsakona e Popa (2011), Zepeda, Franco e Preciado (2014), Sargentini (2015), Georgalidou (2011), Gil e Brea (2021), Boffanous (2002), Boin (2015), dentre outros.

O humor não é uma característica trivial da experiência humana. Os vários aspectos humorísticos, incluindo o nosso senso de humor, são partes relevantes da vida de todos os seres humanos. A atenção dada ao humor é evidente mesmo nas línguas e culturas mais remotas. De fato, a base biológica do humor nos possibilita a capacidade de criá-lo e reconhecê-lo, o que gera muitos efeitos positivos no bem-estar físico e mental do ser humano, sendo esses benefícios entendidos, a partir de uma perspectiva evolutiva, como um comportamento adaptativo do riso, conforme Fry (2014).

Devido à sua importância histórica para a sociedade humana desde a Grécia Antiga, o humor vem sendo analisado por teóricos de diferentes áreas científicas desde então. Apesar da quantidade extensa de estudos dedicados ao humor, é impossível apontar uma definição essencialista para a categoria humorística, segundo Attardo (1994). Linguistas, psicólogos e antropólogos consideram o humor uma categoria extensa, envolvendo qualquer objeto ou evento que suscita o riso, que seja considerado engraçado ou que seja divertido. Além disso, Attardo (1994) também afirma que estudos recentes apontam que as coisas que as pessoas consideram humorísticas tendem a mudar e, por isso, uma das maneiras de compreender o humor seria a partir de uma perspectiva histórica. De forma análoga, a teoria foucaultiana, como vimos na discussão empreendida no tópico anterior, também considera o discurso como um produto do seu tempo. Assim sendo, a visão não essencialista do humor apontada por Attardo corrobora a noção de descontinuidade histórica, ou seja, o humor não é compreendido como um produto naturalmente agenciado no interior das relações humanas, mas como uma construção que se desloca no decorrer do tempo histórico.

Outro critério bastante estudado no campo humorístico é o possível imbricamento entre humor e riso. Sobre essa questão, Attardo aponta que:

a suposição por trás desta identificação de humor e riso é que o que faz as pessoas rirem é humorístico e, portanto, esta propriedade é vista incorretamente como simétrica - o que é engraçado faz você rir e o que faz

você rir é engraçado. Isto leva à identificação de um fenômeno mental (humor) com uma manifestação neurofisiológica complexa (ATTARDO, 1994, p. 10, tradução nossa)¹².

Enquanto alguns autores, como Bergson e Freud, consideram o humor e o riso concepções intercambiáveis, haja vista o próprio nome do título de uma das obras do primeiro – *O riso: ensaio sobre o significado do cômico* –, discussões teóricas mais recentes vão na contramão dessa ideia. Um dos exemplos é o estudo de Olbrechts-Tyteca (1974), mencionado por Attardo (1994). Neste, a autora aponta cinco razões que dificultam ou até mesmo impossibilitam o uso do riso como um critério de definição do humor: “O riso excede largamente o humor”; “O riso não tem sempre o mesmo significado”; “O riso não é diretamente proporcional à intensidade do humor”; “O humor deduz às vezes riso, às vezes o sorriso”; e, por fim, “Rir ou sorrir não podem sempre ser observados diretamente” (OLBRECHTS-TYTECA *apud* ATTARDO, 1994, p. 11-12, tradução nossa)¹³. Assim, a distinção entre humor e riso se dá por uma diferença entre o riso psicológico e o riso originado do humor, conforme o primeiro critério, por díspares contextos socioculturais de estímulo ao riso, como explica o segundo critério, ou até mesmo por uma visão indefinida, entre os teóricos, sobre a percepção do sorriso como uma forma atenuada do riso, conforme o quarto critério.

Apesar dos estudos recentes observarem aspectos do humor pouco abordados até então, como vimos acima, pensadores gregos já refletiam sobre questões relacionadas ao campo humorístico. A literatura, de maneira unânime, considera Platão (427-347 a.C.) o primeiro teórico do humor. Para o filósofo grego, o humor está inserido no campo do “ridículo”, isto é, “quem não segue a admoestação do Oráculo de Delfos ‘conheça a si mesmo’, ou em outras palavras, a falta de autoconhecimento é definida como ridícula” (ATTARDO, 1994, p. 19, tradução nossa)¹⁴. O ridículo está circunscrito, para Platão, na categoria da perversidade e, por conta disso, o filósofo grego elenca o riso excessivo como algo que deve ser evitado pela república, pois este é visto como uma opressão da alma.

Aristóteles (384-322 a.C.), por seu turno, é influenciado pela teoria platônica do humor, uma vez que encara o humor como parte do “feio”. Apesar das semelhanças entre as duas

¹² Versão original: “The assumption behind this identification of humor and laughter is that what makes people laugh is humorous, and hence the property is incorrectly seen as symmetric - what is funny makes you laugh and what makes you laugh is funny. This leads to the identification of a mental phenomenon (humor) with a complex neurophysiological manifestation (laughter)” (ATTARDO, 1994, p. 10).

¹³ Versão original : “Laughter largely exceeds humor”; “Laughter does not always have the same meaning”; “Laughter is not directly proportionate to the intensity of humor”; “Humor elicits sometimes laughter, sometimes a smile”; “Laughter or smiling cannot always be observed directly” (OLBRECHTS-TYTECA *apud* ATTARDO, 1994, p. 11-12).

¹⁴ Versão original : “Whoever does not follow the Delphic Oracle's admonition “Know thyself,” or in other words, lacks self-knowledge, is defined as ridiculous” (ATTARDO, 1994, p. 19).

teorias, uma das diferenças é que Aristóteles “reconhece o princípio estético no riso” (PIDDINGTON *apud* ATTARDO, 1994, p. 20, tradução nossa)¹⁵. Ademais, enquanto Aristóteles condena somente o excesso do riso, a desaprovação de Platão é mais totalizadora. Outra divergência entre os gregos se dá em relação à visão de Platão do humor enquanto opressão da alma. Contrariamente, Aristóteles classifica-o como um estímulo da alma, em que o ouvinte fica em um bom estado emocional. Outro ponto importante da visão aristotélica do humor é o seu uso prático presente na *Retórica*. O uso da brincadeira é útil à argumentação do orador, porém apenas a ironia é apropriada, ao passo que as brincadeiras inapropriadas precisam ser cuidadosamente evitadas e a bufonaria deve ser tolhida, como aponta Attardo (1994), ainda que observemos, em muitos casos, o uso do recurso irônico na própria bufonaria.

Em virtude da influência grega em Roma, os latinos também beberam da fonte grega no que concerne à teoria humorística. Cícero (106-43 a.C.) abordou a problemática do humor em *De oratore*. Attardo (1994) afirma que o objetivo principal do diálogo do filósofo latino é instruir oradores públicos. Neste, um dos principais personagens do diálogo, Caius Julius Strabo, discorre longamente sobre o humor. Para o presente objetivo, pode-se pressupor que o personagem é o porta-voz de Cícero. No diálogo, Cícero aborda cinco tópicos relacionados ao humor: “1) o que é o humor, 2) de onde vem, 3) se é apropriado para o orador o uso do humor, 4) até que ponto é apropriado, e 5) quais são os gêneros do humor” (ATTARDO, 1994, p. 26, tradução nossa)¹⁶. Dos cinco pontos citados, Attardo (1994) destaca o quinto como o mais interessante para uma perspectiva linguística. Neste último tópico, Cícero principia a distinção entre humor verbal e referencial (envolvendo a representação fonêmica/grafêmica do elemento humorístico e não fazendo isso, mutuamente). Na terminologia utilizada por Cícero, as piadas (*facetiae*) podem ser “sobre o que é dito” (*dicto*) ou sobre “a coisa” (*re*).

Outro pensador latino que refletiu sobre o humor e merece destaque é Quintiliano (35 - 95). Assim como Cícero, Quintiliano trabalha a questão do humor associada ao seu uso instrumental na arte da oratória. Segundo Attardo (1994), o orador romano recomenda evitar o uso do exagero e aplicar regras de “correção” para frear, por exemplo, piadas em um caso patético. Nesta ótica, a reprovação tradicional ao humor é direcionada muito mais ao seu uso excessivo que ao humor propriamente dito¹⁷. Além disso, Quintiliano ressalta o fato de que,

¹⁵ Versão original : “recognizes the aesthetic principle in laughter” (PIDDINGTON *apud* ATTARDO, 1994, p. 20).

¹⁶ Versão original : “1) what humor is, 2) where it comes from, 3) if it is fitting for the orator to use humor, 4) to what extent it is fitting, and 5) what the genres of humor are” (ATTARDO, 1994, p. 26).

¹⁷ Percebemos, assim, que sempre houve tentativas de controle do humor. Na atualidade, podemos citar os processos e ações de revanche sofridos pelo jornal satírico francês *Charles Hebdo*. No Brasil, a produtora de vídeos de comédia veiculados na internet, *Porta dos Fundos*, também foi alvo de perseguições e processos. No

embora muitos tenham tentado, o humor não foi devidamente explicado e, aproximando-se de uma visão moderna, o orador enfatiza as características tanto físicas quanto psicológicas do riso. Mais notadamente, Quintiliano alude ao poligênese do humor, não reduzindo o riso ao sintoma físico de um evento psíquico (humor), porém identifica o escopo mais abrangente do fenômeno físico.

O Iluminismo, no período moderno, quebrou com a proposição global, em que as teorias tentavam abarcar todos os aspectos do fenômeno humorístico em uma perspectiva holística completa, que vinha sendo adotada nas teorias clássicas e medievais. A proposição global foi substituída, desde então, pela divisão da ciência em ramos acadêmicos e as teorias do humor que eclodiram nos séculos seguintes foram elaboradas em torno de uma única disciplina, elas eram filosóficas, literárias, sociológicas, psicológicas e fisiológicas, como menciona Attardo (1994). Apesar de haver possíveis ligações entre as áreas científicas naquela época, a regra era o desenvolvimento de cada teoria do humor sem a preocupação com o que vinha sendo estudado por outras áreas. Contemporaneamente, a perspectiva científica interdisciplinar é uma reação a esta tendência.

A teoria da hostilidade está dentro do grupo intitulado teorias modernas do humor. Desde os estudos mais antigos da área, com Platão e Aristóteles (citados anteriormente), já havia menção ao elemento negativo do humor, ao seu aspecto agressivo. O humor agressivo, ressaltado por abordagens sociológicas, é reconhecido como humor “exclusivo”, enquanto os usos coesos do humor (não agressivos) são denominados como “inclusivos”. De acordo com Attardo (1994), esta visão, devido aos seus numerosos adeptos, influenciou fortemente a compreensão do humor na nossa cultura. Thomas Hobbes, por exemplo, deu ênfase à ideia de que o riso manifesta-se de um senso de superioridade quanto a um objeto (o que é normalmente referido como “alvo da piada”). Bergson, por sua parte, foi o mais influente proponente da teoria da superioridade. Para ele, o humor é um corretivo, isto é, utilizado pela sociedade para consertar o comportamento desviante, combinando, assim, a teoria da superioridade e da incongruidade. Eagleton (2020) afirma que, conforme a visão do filósofo francês, uma das formas de incongruidade é a rigidez social que o humor objetiva castigar, posto que não se adequa às convenções estabelecidas.

A teoria da incongruidade, também pertencente às teorias modernas do humor, é considerada a melhor resposta para a pergunta histórica do porquê rimos. Nessa perspectiva,

entanto, diferentemente do jornal francês, a produtora brasileira conseguiu prevalecer o direito de circulação do humor.

o humor surge do impacto entre aspectos incongruentes: uma súbita mudança de perspectiva, um deslize inesperado do significado, uma atraente dissonância ou discrepância, uma momentânea desfamiliarização do familiar e assim por diante. Como temporário “descarrilamento do sentido”, ele envolve a perturbação do processo ordeiro de raciocínio ou a violação de leis e convenções (EAGLETON, 2020, p. 61).

A incongruidade ligada ao humor foi notada por vários autores ao longo da História¹⁸. Freud, na obra denominada *O chiste e sua relação com o inconsciente* (2017), combina a teoria da incongruidade à teoria do alívio, tendo em vista que associa o humor a uma liberdade reprimida de um afeto, pois “O humor é, afinal, um meio de adquirir prazer apesar dos afetos dolorosos que o dificultam; ele age como um substituto desse desenvolvimento dos afetos, ele se coloca no lugar deles” (FREUD, 2017, p. 323). Assim, a brevidade do chiste e o descarrego de sensações reprimidas por meio do riso provocam a liberação do humor¹⁹.

Assim como o humor vem sendo estudado por teorias das mais diversas áreas científicas, é notável também sua presença histórica na política. Desde a Antiguidade Clássica, o humor como forma de resistência a governantes foi usado como uma das estratégias satíricas e irônicas do povo (ZEPEDA; FRANCO; PRECIADO, 2014). Na Grécia, podemos citar como dois grandes expoentes humorísticos Aristófanes e Esopo. Zepeda et al (2014) apontam que o primeiro ficou conhecido por suas comédias e que utilizava uma linguagem sarcástica e perspicaz contra os democratas a favor do Partido Aristocrata em Atenas. O segundo, seguindo o mesmo caminho, conquistou renome por suas fábulas e por seu sarcasmo contra as elites religiosas.

De maneira similar, o humor atuou como uma forte estratégia de resistência e derrubada da ditadura militar brasileira (1964-85), segundo Possenti (2018). Prova disso é que o maior *boom* da imprensa de oposição no país se deu durante este período. Podemos citar como principais representantes do jornalismo de oposição da época os periódicos *O pasquim*, *Pif paf*, *Opinião*, *Movimento*, *O sol* e *Amanhã*, tendo os dois primeiros como principais integrantes renomados humoristas brasileiros: Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar, Tarso de Castro etc. Tanto *O pasquim* quanto o *Pif paf* utilizavam a caricatura para satirizar os militares e as práticas governamentais da época.

¹⁸ Kant e Schopenhauer, a título de exemplo, aproximaram o riso à incongruidade, como aponta Eagleton (2020).

¹⁹ Entretanto, raramente é a exposição deste tipo de humor que emerge no discurso político, devido à sua extrema programação. Um dos poucos exemplos ocorreu durante um debate televisivo na disputa presidencial de 2014, em que a então candidata Dilma Rousseff, em direção a Aécio Neves, proferiu a frase “Vocês criaram o programa Meu Banho, Minha Vida”, ironizando a falta de planejamento tucana responsável pela maior “crise hídrica” da história de São Paulo. “*Meu Banho, Minha Vida*”, a frase que marcou o debate da Globo. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/10/meu-banho-minha-vida-frase-que-marcou-o-debate-da-globo.html>. Acesso em: 23 nov. 2021.

O outro lado da moeda humorística, no âmbito político, principalmente a partir do século XX, é o seu uso enquanto estratégia política pelas democracias ocidentais. Dessa forma, Zepeda et al (2014, p. 246) afirmam que o humor é usado, contemporaneamente, com o objetivo de “construir a liderança e conseguir persuadir, informar e entreter as massas”. Uma verdadeira liderança sabe manejar o uso do humor ao seu favor, pois um político irritado, amargo e, sobretudo, comedido e chato, dificilmente conseguirá popularidade entre os eleitores. Por isso, os sujeitos políticos dos regimes democráticos modernos aprenderam que censurar o humor causa mais prejuízos que benefícios, pois um poder que não incorpora o humor em suas práticas está na urgência do desaparecimento. Como exemplo, podemos citar o caso da primeira ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher, que conseguiu favorecer a sua imagem através das zombarias dos humoristas britânicos da época. Conforme Minois (1946, p. 596), “As democracias modernas aceitam o contrapoder do riso porque avaliaram sua utilidade”.

O humor político pode ser manifestado de várias maneiras. Tsakona e Popa (2011) apontam que o humor político é produzido tanto por políticos, com o objetivo de minar seus adversários, como por jornalistas, artistas, comentaristas políticos, cartunistas, pessoas comuns, entre outros, com o intuito de criticar os políticos e a política. Em relação aos cenários em que acontecem estas manifestações, o humor de políticos de forma prototípica acontece em ambientes onde há a expectativa que o discurso político sério predomine, como em debates políticos, congressos partidários, parlamentos etc. A mídia e as pessoas comuns produzem o humor político majoritariamente por meio de gêneros humorísticos institucionalizados, como piadas, sites humorísticos, desenhos animados, dentre outros. Este tipo de humor pode se dispersar por gêneros que não são tradicionalmente humorísticos, como graffiti, reportagens e slogans políticos.

Nessa mesma linha de raciocínio, o humor em sociedades políticas democráticas possui divergentes funções, o que explica o seu uso constante como estratégia de propaganda na política. Zepeda et al citam dez funções políticas do humor, entre as quais destacamos:

o humor proporciona uma maior visibilidade social dos políticos, facilita o processo de persuasão, serve como um meio para insultar e ridicularizar os adversários, o humor ajuda a alcançar uma verdadeira diferenciação e identidade, o humor tem um grande poder de unir as pessoas e proporcionar a coesão de grupo e afeta a orientação do voto dos cidadãos (ZEPEDA et al, 2014, p. 250-252).

A crítica é, historicamente, uma das principais funções do discurso político e, por conta disso, é tradicionalmente realizada de forma mais séria, conforme observam Tsakona e Popa

(2011). Geralmente é empregada uma argumentação formal, lógica e legal, por parte dos políticos, quando o intuito é deslegitimar as políticas dos adversários, a fim de desacreditá-los e se promoverem. Apesar dessa recorrência, o humor também é utilizado, em muitas culturas e sistemas políticos, como uma maneira de descrédito aos oponentes políticos, pois permite o respeito às normas da polidez e dificulta o comportamento (verbal ou não-verbal) rude em ambientes parlamentares, locais onde há a exigência de determinadas restrições institucionais.

Em boa parte das sociedades contemporâneas, o humor é avaliado positivamente e ocasionalmente desejado. Além disso, Tsakona e Popa (2011) alegam que uma boa liderança tem como característica o uso do humor, pois possibilita que os líderes realizem suas funções de maneira mais eficaz. Consequentemente, os personagens políticos buscam elevar sua popularidade incrementando um tom humorístico ao seu discurso, que estão sempre sendo monitorados por um grande número de pessoas. O objetivo disto é angariar potenciais eleitores, através da projeção de uma autoimagem positiva. Simultaneamente, o foco na atuação humorística de um político possibilita a distração do público de questões relevantes que estão sendo discutidas, tanto que os políticos costumam participar de programas televisivos satíricos para aumentar sua visibilidade na mídia e estimular suas visões e posições políticas. Um exemplo é a constante aparição do presidente Jair Bolsonaro, em meados de 2010, na época Deputado Federal, em programas satíricos da mídia televisiva brasileira, como *Pânico na TV* e *CQC*.

A mídia também se beneficia do uso do humor no discurso político, pois o tom humorístico transforma esse discurso mais austero em algo mais atraente ao público. Em decorrência disso, os jornalistas dão preferência a trechos humorísticos do discurso político em seus artigos, a fim de captar mais leitores. O humor, por conta da sua origem de discurso coloquial e interação cotidiana, apresenta uma visão mais simples dos assuntos políticos e possibilita a conceitualização da política, por parte dos falantes, em termos costumeiros. Desse modo, “os eleitores vivem da ilusão de que os políticos ‘falam a linguagem das pessoas comuns’ e são ‘um deles’” (TSAKONA; POPA, 2011, p. 7, tradução nossa)²⁰. Portanto, o humor é um artifício para aumentar o engajamento na política e o envolvimento do público, na medida em que permite que os profissionais da mídia e/ou políticos fomentem determinados valores e pontos de vista com o objetivo de induzir o (e)leitor sobre a plausibilidade das

²⁰ Versão original : “voters live by the illusion that politicians “speak the language of common people” and are “one of them” (TSAKONA ; POPA, 2011, p. 7).

decisões políticas. Sintetizando, o humor pode contribuir para um surgimento de uma perspectiva consensual, enganosa e atraente aos cidadãos acerca das questões políticas.

A despeito do destaque apenas recente dos estudos da relação entre política e humor, há muito tempo que o discurso político utiliza a derrisão, essa “associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria”, conforme Bonnafeux (2002, p. 35). Exemplo desse uso é, segundo a autora, Jean-Marie Le Pen, expoente da extrema direita nacionalista francesa e ex-presidente do partido Frente Nacional. O político utiliza, de maneira singular, a derrisão como um argumento de distinção. Ao contrário de outros políticos, que Le Pen classifica como tecnocratas aburguesados, ele se intitula como um bobo da corte, um representante do contra-poder. Boffanous (2002) afirma que a retórica do discurso de Le Pen é repleta não só de crítica e agressão verbal puras, como também de vários mecanismos discursivos que têm como objetivo a desqualificação do outro por meio do ridículo.

A estratégia de derrisão *in praesentia* de Le Pen tem como primeiro alvo os jornalistas e possui como objetivo, simultaneamente, diminuir a legitimidade e o estatuto dos profissionais da mídia, além de driblar algumas questões melindrosas. Sua interação com os jornalistas assemelha-se a um nocaute verbal, pois consiste em provocar-lhes a intolerância e a agressividade, além de envolvê-los em suas contradições e fazê-los dizer e assumir coisas que eles não querem, ridicularizando o oponente (BOFFANOUS, 2002). Estratégia similar é feita pelo *troll*/presidente Jair Bolsonaro, haja vista os constantes ataques verbais deste aos profissionais de jornalismo. Exemplificamos, na introdução, um desses ataques feito através do insulto/brincadeira, com conotações sexuais e misóginas, que o presidente brasileiro fez à jornalista Patrícia Campos Mello.

As formas e usos do discurso derrisório lepenista possuem pontos de encontro com a *trollagem* política contemporânea, como veremos mais detalhadamente nos próximos capítulos. Boffanous (2002) elenca quatro aspectos que Le Pen utiliza em seus jogos de palavras e suas piadas de “efeito injurioso”: a ridicularização e a difamação dos adversários; o distanciamento de fundamentações em seus ataques; a manipulação social pelo riso ou pela admiração obtida pelas suas proezas verbais e suas invenções; e, por fim, ele consegue desviar ou atenuar os processos ao se amparar no discurso humorístico.

Na esteira da discussão sobre a derrisão, Boin (2015) aponta que uma das marcas mais distintas do humor é a sua possibilidade de dizer algo que não seria “dizível” sisudamente. Desse modo, o discurso humorístico derrisório e o ridículo possuem em comum o desprezo, o fato de diminuir do objeto a sua importância, marginalizando os objetos sociais considerados desprezíveis. Por essa razão, o riso derrisório é um riso sobre o objeto que se desvaloriza

(FEUERHAHN, 2001 *apud* BOIN, 2015). O mais interessante na derrisão é o movimento discursivo de refutação de valores que circulam de um momento socio-histórico.

Contemporaneamente, membros da extrema direita brasileira utilizam o discurso derrisório para contestar discursos popularmente conhecidos como “politicamente corretos”.

Nesse cenário, percebemos os *memes* como uma estratégia discursiva humorística, principalmente devido à sua ampla circulação nas redes sociais. O uso desses enunciados no contexto político se deu principalmente a partir das eleições presidenciais de 2014. Apesar de já haver uma mutação do discurso político nas eleições de 2006 e 2010, devido à incorporação dos sites partidários e da rede social Twitter, foi com a adoção da linguagem memética da internet²¹, na disputa presidencial de 2014, que o discurso político se incorporou ao discurso publicitário da época, que apelava para o caráter humorístico, como afirma Sargentini (2015).

Especificamente sobre o *meme*, este termo foi usado pela primeira vez na obra *O gene egoísta*, de Richard Dawkins, em 1976. Em seu livro, Dawkins (1976) qualificou o termo *meme* como “replicadores”, isto é, como instrumentos hábeis à multiplicação e à propagação, capazes de gerar elementos similares que, por sua vez, reiteram o processo em um ciclo contínuo. A nomenclatura *meme* é originada do grego *mimese* (imitação), tendo sido adaptada a duas sílabas para que se assemelhasse sonoramente ao termo “gene”. Os *memes* circulam no espaço digital, produzindo diversos sentidos, tendo como principais efeitos o humor e a ironia. Segundo Bortolin e Fernandes (2017, p. 87), estudar os *memes* no espaço digital é “investigar como os sentidos são aí produzidos e circulam, colaborando para reforçar já-ditos ou provocando rupturas e/ou deslocamentos”. Além disso, as autoras apontam que os *memes* são constituídos por todo objeto simbólico, seja ele verbal ou não-verbal, difundido rapidamente no espaço digital.

A campanha de reeleição de Dilma Rousseff (PT) utilizou o efeito humorístico intrínseco aos *memes*. Essa regularidade discursiva era observada nas redes sociais oficiais da candidata, mas principalmente através de uma personagem fictícia presente em um perfil do

²¹ Sargentini (2015, p. 222-223) ilustra a sua argumentação com uma discussão ocorrida em uma reunião do Partido dos Trabalhadores, cujo assunto eram as mídias sociais: “As principais conclusões são que os petistas têm dificuldade de difundir seu discurso nas redes sociais a quem não é simpatizante do partido e que a oposição é bem mais articulada. ‘Este é o novo espaço de disputa’, defendeu Tiago Pimentel, um dos palestrantes. ‘E a direita percebeu isso antes de nós’. Para quebrar a rejeição que enfrentam na internet, principalmente no Facebook e no Twitter, os petistas devem adotar a linguagem do ‘meme’, imagens de fácil compreensão e na maioria das vezes de cunho humorístico em detrimento do discurso de ‘panfleto’ - descrito por palestrantes como ‘textos longos e chatos que ninguém lê’. ‘Se a gente faz uma piada de política que envolve o Michael Jackson, por exemplo, atingimos não só a pessoa que gosta de política, mas também a que gosta de Michael Jackson’, exemplificou Cleyton Boson, coordenador de mídias sociais da prefeitura de Guarulhos”. Disponível em: *Folha de São Paulo*. 21 abr. 2014. Cadernos A8 – Poder.

Facebook intitulado Dilma Bolada. Esse perfil, apesar de não oficial, permitia à petista um lugar de enunciação de grande proximidade com o eleitor, evidenciando seu superego de maneira transparente. Outra característica importante do perfil da Dilma Bolada era a autorização de dizer o que estava fora da ordem do discurso político, mas que operava de maneira mais acentuada do que o dizer que estava inscrito na ordem politicamente correta do discurso político contemporâneo (SARGENTINI, 2015).

Além da estratégia de transmissão de uma personalidade carismática, engraçada e próxima ao eleitor de Dilma Rousseff, através das postagens dos perfis oficiais da presidenta e do fictício Dilma Bolada, o tom humorístico dos enunciados das redes sociais citadas acima também possuía o intuito de criticar o seu adversário, Aécio Neves. A histórica disputa, no cenário brasileiro, entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), bem como a acirrada concorrência à presidência no pleito eleitoral de 2014, propiciaram debates televisivos calorosos entre os dois e recorrentes acusações, de ambos os candidatos, no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HPGE). Em razão disso, o uso do humor como uma forma de crítica ao adversário tucano se tornou um recurso eleitoreiro importante, tendo em vista que “a derrisão é apresentada como um jogo, como um ar intocável que se transforma, pela magia do verbo escolhido, em uma forma socialmente aceitável de expressar sua agressividade para com outros” (MERCIER, 2001, p. 11, tradução nossa)²². Apresentaremos, a seguir, uma breve análise do funcionamento do humor na campanha presidencial de 2014, especificamente a partir de dois enunciados dos perfis do Facebook de Dilma Rousseff e Dilma Bolada.

Nove candidatos disputaram as eleições presidenciais brasileiras de 2014, sendo os principais: Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB), Marina Silva (PSB), Pastor Everaldo (PSC), Luciana Genro (PSOL) e Eduardo Jorge (PV). No segundo turno, a candidata petista e o candidato tucano protagonizaram a campanha eleitoral mais disputada desde a redemocratização do país, o que intensificou o acirramento de ânimos e a proliferação de discursos agressivos entre os candidatos e seus respectivos apoiadores.

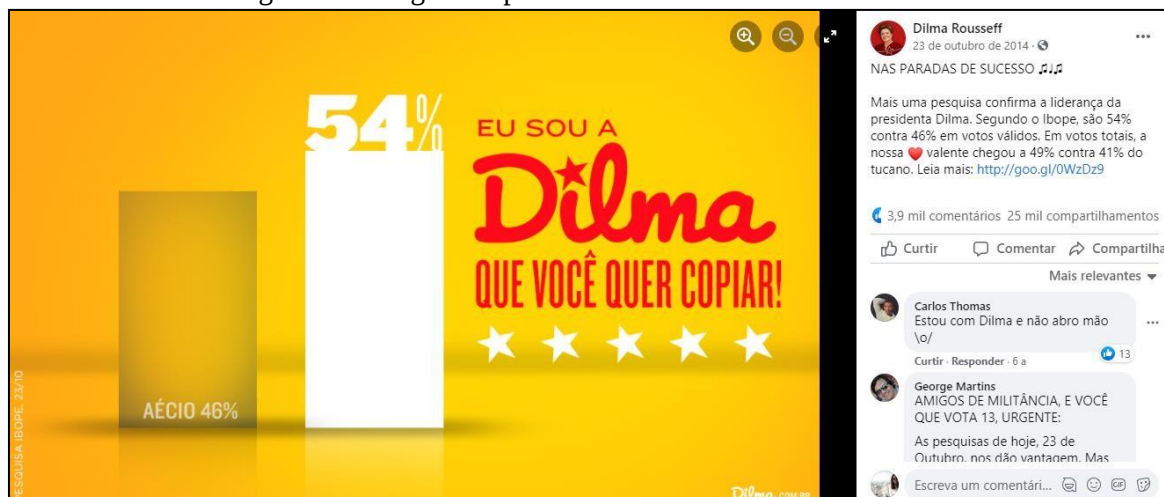
Uma das principais discontinuidades provocadas pela campanha de 2014 foi o uso massivo e estratégico das redes sociais como uma forma de interação mais direta entre os candidatos e o público eleitor. “As eleições dos memes”, como ficou cristalizada no imaginário jornalístico brasileiro (CHAGAS et al, 2017), foi marcada por discussões calorosas entre

²² Versão original : “la dérision se présente comme un jeu, comme un air de ne pas y toucher et se transforme, par la magie du verbe choisi, en une forme socialement acceptable d’exprimer son agressivité envers autrui” (MERCIER, 2001, p. 11).

candidatos e eleitores de ideologias políticas diferentes e pelo constante uso de enunciados humorísticos com conteúdos políticos, materializados principalmente através dos *memes*. Sobre isso, Curcino e Sargentini (2020) apontam que a rapidez, a descentralização e a pulverização dos meios de produção e de transmissão de textos modificaram as formas de comunicação e informação dos sujeitos, assim como da indústria de marketing, comercial ou político, na interlocução com seus potenciais consumidores e eleitores.

Assim como outras campanhas presidenciais, esta foi marcada por uma dura disputa entre o PT e PSDB. Dentre as várias postagens da candidata petista e do candidato tucano em suas redes sociais oficiais, no final do segundo turno, uma postagem²³ feita pelo perfil do Facebook da candidata Dilma Rousseff, no dia 23 de outubro de 2014, chamou a atenção do público devido ao seu teor humorístico. Vejamos:

Figura 1: Postagem do perfil do Facebook de Dilma Rousseff



Fonte: Facebook

A materialidade acima é composta por um enunciado sincrético, ou seja, por imagem e texto verbal. Na linguagem imagética, visualizamos a representação da pesquisa Ibope antes do segundo turno, que mostra a candidata petista com uma vantagem de 8% sobre o candidato peessedebista. A frase “Eu sou a Dilma que você quer copiar” é uma oração subordinada adjetiva restritiva, pois o “que” introduz a oração subordinada adjetiva e há uma restrição do significado da oração principal: “Eu sou a Dilma”. Câmara (2016) afirma que a Gramática Discursivo-Funcional descreve as orações subordinadas adjetivas restritivas no nível semântico. Por conta disso, essas orações objetivam conduzir o leitor a identificar um referente

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/DilmaRousseff/photos/784208914966035>. Acesso em: 29 jan. 2022.

dentro de um conjunto de referentes possíveis. Neste sentido, dentre todos os referentes que o adversário político Aécio Neves poderia copiar, sendo este representado pelo vocábulo “você”, seu desejo é copiar a candidata petista, tendo que em vista que ela está em primeiro lugar na corrida eleitoral.

O discurso humorístico se apresenta através da paródia feita com a música “Eu sou a diva que você quer copiar” da funkeira Valesca Popozuda. Outro aspecto relevante é a legenda da postagem, em que há o enunciado verbal “Nas paradas de sucesso” e, logo abaixo, há “Em votos totais, a nossa <3 valente chegou a 49% contra 41% do tucano”. A presença de enunciados informais e de emojis, bem como a intitulação do candidato do PSDB enquanto “tucano”, animal símbolo do partido, reforçam os efeitos de sentidos humorísticos neste enunciado, causando, assim, a ruptura da ordem discursiva através de marcas linguísticas que não são historicamente presentes nos discursos produzidos por candidatos à presidência.

A postagem acima faz parte de uma série enunciativa em que a ex-presidenta Dilma se utilizou do recurso humorístico para se aproximar do público eleitor. Apesar de não ser um perfil oficial, Dilma Bolada²⁴ foi uma personagem fictícia importante enquanto estratégia política para a ex-presidenta, pois promoveu a discussão de temas sérios a partir de uma (des)ordem discursiva promovida pelo humor. Segundo Sargentini (2015), o perfil da Dilma Bolada funciona de forma divergente dos perfis falsos, pois há um sujeito definido, visível, porém ainda é constituído por uma língua de vento, língua esta que é caracterizada como “flutuante, sem ancoragem na materialidade sensível ou histórica; sintaxe nem semântica, na qual os signos brincam entre si” (DEBRAY, 1978, p. 74). Eis um dos enunciados publicados pelo perfil e datado de 17 de abril de 2014²⁵:

²⁴ O perfil foi idealizado pelo publicitário brasileiro Jeferson Monteiro.

²⁵ Disponível em: facebook.com/DilmaBolada/photos/a.107280846077248/402784469860216/?type=3. Acesso em: 29 jan. 2022.

Figura 2: Postagem do perfil do Facebook de Dilma Bolada



Fonte: Facebook

Assim como na postagem anterior, esta reatualiza uma música da funkeira Valesca Popozuda, neste caso, a música “Beijinho no ombro”. Mais uma vez, há a presença de um enunciado sincrético, sendo a linguagem imagética composta por uma caricatura da ex-presidente Dilma dando um beijo no ombro, recurso gráfico historicamente marcado nos discursos humorísticos. Outra característica marcante é a forte presença da cor vermelha, típica dos partidos de esquerda, compondo, assim, mais uma marca que capta a atenção do (e)leitor. A linguagem verbal do enunciado apresenta uma versão “politizada” da música “Beijinho no ombro”, como descrita na legenda:

Desejo a toda tucanada vida longa 🎵
 Pra que eles vejam cada dia mais nossa vitória
 Bateu de frente é Bolsa Família, mais empregos e esperança
 Aqui dois papos não se cria e não faz história 🎵

Creio no povo ele é o meu escudo
 Late mais alto, do Planalto eu não te escuto 🎵
 Do Alvorada quase não dá pra te ver
 Tá rachando a cara na balada em Jurerê 🎵

Não sou covarde, já tô pronta pro combate 🎵
 Keep Calm e deixa de recalque
 O meu sensor de coxinha explodiu 🎵
 Pega a sua inveja e vai pra... (RALA TUCANADA)

Beijinho no ombro pro recalque passar longe 🎵
 Beijinho no ombro só pra tucanada de plantão
 Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde 🎵
 Beijinho no ombro para toda a oposição.

Há, na reatualização da música, uma provocação ao adversário Aécio Neves, marcada pelo vocábulo “tucanada”, além da divulgação de projetos sociais representativos dos governos

petistas, como o Bolsa Família, o que denota superioridade da petista em relação ao tucano. Mais uma vez é percebido, por meio do humor, o jogo com a linguagem e a ruptura de formações discursivas de um âmbito típico da língua de madeira, sendo este acontecimento discursivo causado pela introdução das mídias digitais enquanto meios de circulação do discurso político brasileiro.

Uma das premissas que caracteriza o enunciado, conforme a teoria foucaultiana, é a existência de um domínio associado (FOUCAULT, 2016). Assim, tanto a primeira quanto a segunda postagens reatualizam músicas do gênero musical funk na ordem política, gênero que é cristalizado no imaginário social como popular e, portanto, comum em contextos informais, festivos e derrisórios. O uso do humor na campanha eleitoral de 2014, materializado nesses enunciados através desta reconfiguração, possibilitou ataques indiretos ao adversário, neste caso ao candidato peessedebista, o que não diminui a agressividade dos discursos, como aponta Chiari (2021).

Analizamos, a partir dos dois enunciados acima, a construção de várias subjetividades para um mesmo sujeito político, no caso a ex-presidenta Dilma Rousseff e a Dilma Bolada, sua personagem fictícia. Apesar dessa aparente divergência entre os dois sujeitos, a segunda autorizou a produção da ruptura discursiva vigente na primeira, suscitando um novo acontecimento. Esta descontinuidade permitiu a emergência mais vinculada à derrisão e ao humor, apresentando dizeres que não seriam possibilitados em uma página oficial de uma candidata à reeleição da presidência brasileira, segundo Chiari (2017). Isto posto, a ascensão do discurso humorístico no âmbito político, propiciada pelo uso estratégico das redes sociais desde as eleições presidenciais de 2014, produziu uma regularidade que vem atravessando esta ordem discursiva desde então.

O humor materializado nos dois enunciados pode ser categorizado a partir de uma agressividade sutil e mordaz, tendo como sua forma a derrisão, de acordo com a classificação elaborada por Chiari (2021). A autora afirma que este tipo de agressividade é mais estratégico e programado, o que não exclui os efeitos agressivos dessas postagens, mas amenizam-os por meio de ataques sutis ou indiretos, sendo aparentemente inofensivos apenas nas formas verbais ou imagéticas. Desse modo, é importante salientar o jogo de regularidades enunciativas presente nas duas postagens, composto, por um lado, por discursos de empoderamento da própria Dilma Rousseff e, por outro, por construções negativas do seu oponente político presente nas duas postagens analisadas, o que vela o teor agressivo dos discursos e conserva o espírito de *fair play* presente no jogo político brasileiro até aquele momento.

Nesta análise, verificamos a emergência de discursos humorísticos agressivos a partir de dois enunciados presentes no perfil oficial do Facebook da candidata à reeleição, na campanha de 2014, Dilma Rousseff e no perfil Dilma Bolada. De forma similar, outros enunciados propagados em diferentes redes sociais na época, por divergentes candidatos à presidência e eleitores, materializam a agressividade por meio da ironia, derrisão, acusações diretas e fotomontagens (CHIARI, 2017). No entanto, apesar de já haver a presença de uma agressividade, mesmo que sutil, no humor das eleições de 2014, houve uma considerável ampliação na recorrência e no grau de agressividade do uso humorístico no pleito de 2018.

A corrida presidencial brasileira de 2018 teve como principais personagens o candidato da extrema direita Jair Bolsonaro (Partido Liberal) e o candidato da esquerda Fernando Haddad (PT). A eleição foi marcada pelo uso inigualável das redes sociais (Whatsapp, Facebook, Twitter, Instagram etc) por parte dos dois candidatos, mas com uso mais expressivo pelo primeiro. Prova disso foram os dados obtidos pelo Manchetômetro, site de acompanhamento da cobertura da grande mídia, produzido pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). O acompanhamento das eleições de 2018 pelos organizadores do site mostrou que, ao longo da campanha, os perfis das redes sociais de Jair Bolsonaro e de políticos da extrema direita geraram o maior volume de compartilhamento na *web*²⁶.

Ademais, foi presenciado no país o fenômeno digital das *fake news*²⁷ e o uso intenso e regular de um discurso de ódio contra os opositores políticos, principalmente pelo concorrente da extrema direita. A ascensão e vitória, no segundo turno, de Jair Bolsonaro, que até então era Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro e pouco cotado ao cargo governamental mais importante do país, se deu por conta de vários fatores internos e externos à política brasileira. Ressaltamos, neste momento, o emprego recorrente do discurso humorístico agressivo por Jair Bolsonaro, tanto enquanto Deputado Federal como durante e após as eleições de 2018, sendo esta uma característica de personagens políticos da extrema direita ao redor do mundo, a exemplo do francês J.M Le Pen.

O sistema político de cada país, em um determinado contexto sociocultural, define a maneira de produção do humor político pelos próprios políticos. O humor em democracias competitivas, como é o caso brasileiro, apresenta-se particularmente agressivo, promovendo especialmente a polarização e a depreciação do oponente. Além disso, "às vezes, o humor auto

²⁶ Manchetômetro. Disponível em: <http://manchetometro.com.br/2018/10/30/14-a-20-de-outubro-2018/>. Acesso em: 23 dez. 2021.

²⁷ O dicionário de Oxford define *fake news* como "falsos relatos ou eventos, escritos e lidos em websites" (tradução nossa). Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/fake-news>. Acesso em: 23 dez. 2021.

degradante pode funcionar como uma estratégia defensiva, contribuindo para o alívio da ansiedade e melhora do estado de espírito” (GEORGALIDOU, 2011, p. 86, tradução nossa)²⁸. Em um binarismo nós/eles, princípio estrutural básico no interior da linguagem política, há a aquiescência do seu próprio grupo político e a difamação das opiniões e ações dos outros. Esta estrutura é base para uma estratégia desconstrutiva do humor, tipificando a visão de mundo do outro como não confiável, conforme Mulkay (*apud* GEORGALIDOU, 2011). Promove-se, assim, um combate político através da linguagem humorística, recurso altamente captado e propagado pelos usuários das redes sociais desde 2018 até o momento.

Os principais líderes nacional-populistas, que incorporam o discurso humorístico à sua oratória política, estimulam seus seguidores nas redes sociais e simpatizantes a se unirem à causa ideológica, suscitando nesse grupo emoções negativas e positivas. Com isso, eles investem intensamente na sagacidade humorística informal, através do emprego de uma linguagem verbal e não-verbal simples, eventualmente combinada a uma linguagem não polida, com o objetivo de transparecer autenticidade e de manter distanciamento do estilo intelectualizado dos profissionais políticos. Personagens populistas, em geral, manifestam um subtipo de estilo de humor político com uma regularidade de padrões de comportamento reconhecíveis (GIL; BREA, 2021). No caso brasileiro, o principal expoente do nacional-populismo, Jair Bolsonaro, se vale de uma linguagem “simples” e do humor recorrentemente em suas redes sociais oficiais, em entrevistas a jornalistas e em discursos endereçados aos seus apoiadores. Veremos, na próxima sessão deste capítulo, como esse uso do humor em uma ordem discursiva séria como a política, apesar de recorrente em outros momentos históricos brasileiros, adquire uma agressividade violenta. Por fim, faremos uma discussão sobre o conceito de discurso de ódio e sua relação com o discurso humorístico agressivo no âmbito político.

1.3 O discurso humorístico agressivo e o discurso de ódio na mídia tecnológica

Neste tópico, apresentaremos algumas discussões a respeito da mutação do discurso político brasileiro, com enfoque na ascensão da *web* e das redes sociais na ordem política contemporânea e sua respectiva contribuição para a emergência de um discurso humorístico agressivo e, em alguns casos, para a presença do discurso de ódio nesta ordem discursiva.

²⁸ Versão original: “At times, self-denigrating humour can also function as a defensive strategy, contributing to anxiety relief and mood improvement” (GEORGALIDOU, 2011, p. 86).

O discurso político era mais uniforme até 1998. Segundo Sargentini (2015), havia o predomínio de livros com conteúdos de programas de governo e panfletos, o que constituía uma maior quantidade de textos escritos em relação aos imagéticos. Além disso, o candidato contava, mesmo com alguns obstáculos de acesso, com pronunciamentos em rádio e TV ou com filmagens feitas em comícios públicos. A única forma de alcançar vários eleitores ao mesmo tempo era através do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HPGE). O maior acesso à internet, entretanto, por parte da população, possibilitou a mudança deste cenário. A partir da década de 2010, por meio das redes sociais, as possibilidades se expandiram e passou-se a poder conversar com o candidato. Ademais, desde então é possível ter acesso ao cotidiano do candidato, por meio do Instagram, e conversar em tempo real com os internautas/eleitores. Diversificou-se, assim, a produção do discurso político, bem como facilitou-se as maneiras de captação e acesso a este discurso.

A desconstrução das línguas de madeira, típicas dos partidos de esquerda do século XX, aliadas à existência de novas práticas do discurso político contemporâneo, mais próximas à língua de vento (COURTINE, 2006), possibilitou o desenvolvimento de uma nova política discursiva na contemporaneidade. Sobre essa mutação do discurso político, Courtine diz que:

Parece que outra política do discurso está sendo desenvolvida: aquela de formas curtas, de fórmulas, de diálogos. Um discurso político mais fluido, mais imediato que requisitaria o instante mais do que se inscrever na memória, preferindo mais o ataque verbal do que a estratégia discursiva. Um discurso dialógico provocou os jogos de linguagem: o discurso político passou por uma profunda transformação na enunciação, tornando-se um discurso curto, descontínuo e ininterrupto, ao mesmo tempo que o sujeito falante re-emerge enquanto a máquina política é apagada. Esse é um dos vários efeitos sobre os enunciados políticos, geralmente descritos como condição pós-moderna, caracterizada pelo aparecimento do individualismo e a desafeição pelos sistemas ideológicos. (2006, p. 84)

A espetacularização do discurso político ocupa o lugar do discurso político ideológico. Desse modo, a mensagem política deixa de ser unicamente linguística, como as veiculadas pelo Partido Comunista Francês (PCF), e passa a ser veiculada a partir da produção e da recepção imagéticas, do mesmo modo que o discurso do homem político se torna intrínseco à sua imagem. “O modelo do porta-voz político mudou profundamente os modos de subjetivação, regulados por novas práticas” (COURTINE, 2006, p. 85). No contexto brasileiro, a mutação dos modos de comunicação política se dá com a retomada das eleições presidenciais democráticas, sendo, a partir de então, vários os recursos empregados para a sedução dos eleitores, como o uso das imagens, jingles e frases curtas de fácil reprodução. Nas ações do

governo de Dilma Rousseff (2011-2014), essa estratégia era utilizada, por exemplo, nos painéis de divulgação das ações governamentais (SARGENTINI, 2017a).

Chiari e Sargentini (2017) afirmam que a política, em comparação a outros campos e cenários de interlocução, é qualificada como arte da disputa, como prática agonística, a qual promove o embate. Em períodos de campanha eleitoral, principalmente, a agressividade adquire um lugar de destaque no que se refere a debates de ideias políticas. “Os programas de televisão, as mídias digitais tornam-se verdadeiras arenas, onde os gladiadores são os candidatos a algum cargo político [...]” (CHIARI; SARGENTINI 2017, p. 108). Assim, uma das armas usadas por esses gladiadores/candidatos é o uso do humor agressivo durante e após as campanhas eleitorais, como veremos ao longo deste trabalho.

Levando-se em consideração as mudanças no discurso político eleitoral brasileiro, as eleições de 2002 foram marcadas por um processo de docilização. Como exemplo, podemos citar a estetização da imagem do candidato Lula nesta campanha. O pleito eleitoral de 2014, em contrapartida, foi qualificado como sendo exageradamente agressivo por muitos jornalistas e pesquisas realizadas ao longo da campanha, conforme apontam Chiari e Sargentini (2017)²⁹. As autoras (2017, p. 109) ressaltam que várias notícias classificaram as eleições presidenciais daquele ano “como sendo uma campanha calcada na intolerância de gênero, intolerância política, intolerância racial, recorrendo a discursos ditos corrosivos e preconceituosos contra a mulher, o nordestino, os pobres, os ricos, dentre outros”. Faz-se importante salientar que estas notícias são entendidas como construções discursivas, isto é, exibem uma impressão sobre o que seria agressivo. O que existe, de fato, são vontades de verdade, conforme Foucault (*apud* CHIARI; SARGENTINI, 2017), de que o discurso é agressivo, tendo em vista que o que é entendido por agressividade em um determinado momento histórico pode não o ser em outro.

Uma das discontinuidades da campanha de 2014, se comparada às outras corridas presidenciais, é a força que o efeito de agressividade ganha nas campanhas televisivas, nos sites, nos debates e nas redes sociais³⁰. Focaremos, neste momento, no papel central que as redes sociais ocupam enquanto ferramenta do *marketing* político, desde então, e a respectiva

²⁹ Para mais detalhes acerca dessas pesquisas, ver Chiari e Sargentini (2017).

³⁰ Chiari (2021, p. 37-41) elaborou uma tabela de classificação da agressividade verbal no discurso político brasileiro, tendo como enfoque as oito eleições feitas no país após a abertura política (período pré-eleitoral das eleições de 1989 até a campanha presidencial de 2018). A tabela desenvolvida por Chiari (2021) é dividida em duas partes: graus de agressividade e formas de agressividade. A autora classifica a primeira parte a partir de três níveis, são eles: agressividade descontrolada, pura ou tolerante (+++), agressividade sutil e mordaz (++) e, por último, agressividade moderada e amenizada (+)³⁰. A partir dessa classificação, podemos apontar o deslocamento da utilização de um discurso humorístico agressivo sutil e mordaz (++) nas eleições de 2014, para um discurso humorístico agressivo descontrolado, puro ou intolerante (+++), a partir das eleições de 2018, fomentado pelo uso regular das redes sociais por parte da classe política e dos eleitores.

emergência de discursos humorísticos agressivos nessas plataformas (CHIARI; SARGENTINI, 2017).

Como vimos na seção anterior, o discurso político se valeu do recurso humorístico por meio da linguagem memética, introduzida aos celulares de muitos brasileiros durante os meses de abril e maio de 2014 (SARGENTINI, 2017b). A língua de vento, típica da *web*, permite aos candidatos o uso do discurso agressivo contra o oponente disfarçado de humor descompromissado, pois

se por um lado a web, com sua língua de vento, propicia desideologização do discurso político, saltando de questões graves da política brasileira, para a derisão do cotidiano, por outro ela também impõe o discurso ideológico. Quando se pensa consumir a língua de vento, e ela está lá, surgem, também, por recursos linguísticos-discursivos, os posicionamentos ideológicos (SARGENTINI, 2017b, p. 172).

Os mecanismos inerentes às redes sociais permitem uma agressividade consideravelmente mais intensa e maior que em outros médiuns, como os debates e os *sites* oficiais dos candidatos. Além do uso dos robôs, que possibilitam o envio de mensagens em redes sociais de forma instantânea e em grande quantidade, há outras ferramentas no Facebook, por exemplo, que viabilizam a emergência de discursos mais agressivos, como a possibilidade de os internautas poderem postar qualquer conteúdo sem serem punidos ou censurados de forma imediata pela plataforma. A exigência da manifestação de opiniões na internet influencia a aderência a divergentes grupos de interesse, conhecidos como “bolhas sociais”, sendo estes constituídos por internautas que compartilham gostos políticos, musicais, alimentares etc semelhantes. No interior dessas bolhas o discurso agressivo se fortalece, pois a discussão de assuntos diversos, a partir da assunção de posições semelhantes, engajam o debate, a polêmica e, regularmente, discursos agressivos (SARGENTINI, 2017b)³¹.

Atualmente, estamos observando um retorno exasperado de ideais autoritários e violentos em todo o mundo, tendo essa violência simbólica, em muitos casos, efeitos físicos. Esse fenômeno, intitulado *hate speech* (discurso de ódio), despertou preocupação em órgãos humanitários mundiais e fez a Organização das Nações Unidas lançar, em maio de 2019, um documento demarcando uma “Estratégia e plano de ação sobre o discurso de ódio”. Não há uma definição homogênea usada internacionalmente para o termo “discurso de ódio” e há uma disputa de definições para concretizar o que seria algo odioso, o que gera um debate controverso sobre o tema. Uma das versões que definem o termo parte do documento da ONU:

³¹ Chiari e Sargentini (2017) citam como exemplo da intensificação do discurso agressivo no Facebook a incitação ao ódio e ao preconceito, majoritariamente aos nordestinos, promovido pelo grupo “Dignidade médica”.

O termo discurso de ódio é entendido como qualquer tipo de comunicação na fala, escrita ou comportamento que ataca ou usa linguagem pejorativa ou discriminatória com referência a uma pessoa ou a um grupo com base em quem eles são, em outras palavras, com base em sua religião, etnia, nacionalidade, raça, cor, descendência, gênero ou outro fator de identidade (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2019, p. 2) (tradução nossa)³²

O documento ressalta que este acontecimento vem sendo fruto de uma conturbada onda de racismo, xenofobia e intolerância, incluindo o aumento de discursos injuriosos contra muçulmanos, judeus e a perseguição a cristãos em alguns países. As mídias sociais e outras formas de comunicação vêm sendo usadas como veículos de intolerância e a facilidade da circulação desses discursos nas redes auxiliam o recrudescimento de movimentos neonazistas. Por conta disso, uma parte da classe política, em especial a extrema direita, está usando em seu benefício esta retórica incendiária que desumaniza, estigmatiza e persegue minorias, migrantes, mulheres e qualquer sujeito que possa ser classificado como o outro.

Uma abordagem teórica sobre a discussão em torno da criminalização do discurso de ódio foi feita pela filósofa Judith Butler, na obra *Discurso de ódio: uma política do performativo* (2021). A autora analisa, com base no conceito de performatividade presente na teoria argumentativa, alguns enunciados de discurso de ódio direcionados à comunidade LGBTQIA+, mulheres e negros. Sua perspectiva de análise destaca o poder ambivalente e fluído das palavras, ou seja, um mesmo discurso de ódio que insulta ou rebaixa também pode ser usado como uma forma de contragolpe através de uma forma de reconhecimento e de constituição de identidade e, por conta desses efeitos múltiplos da linguagem, Butler reflete sobre o perigo de conferir ao Estado a total responsabilidade de definição do dizível e do indizível.

Butler problematiza o discurso injurioso a partir do questionamento sobre “as palavras que ferem” e “as representações que ofendem” (2021, p. 12). Além da relevância da escolha das palavras para se endereçar a alguém no discurso injurioso, o modo de endereçamento desse discurso também o determina, pois é a partir desse modo que há a constituição do sujeito no interior dessa ordem discursiva. Assim, o caráter interpelativo do chamamento injurioso possibilita tanto a paralisação daquele ao qual é dirigido como também o oferece à condição

³² Versão original: the term hate speech is understood as any kind of communication in speech, writing or behaviour, that attacks or uses pejorative or discriminatory language with reference to a person or a group on the basis of who they are, in other words, based on their religion, ethnicity, nationality, race, colour, descent, gender or other identity factor (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2019, p. 2).

de contestação às denominações ofensivas. A *trollagem* configura-se, em muitos casos, como um modo de dizer injurioso da extrema direita, tendo em vista a maneira como esse discurso de ódio encoberto de humor reduz a vítima a uma posição de abjeção.

O discurso de ódio teorizado pelos estudos sobre os atos de fala de Austin classifica essa forma discursiva como um modelo ilocucionário. Butler (2021, p. 36) afirma que Austin sugere uma tipologia das divergentes locuções performativas. “O ato ilocucionário é aquele em que, quando alguém diz alguma coisa, está fazendo alguma coisa (...) Os atos de fala ilocucionários produzem efeitos”. Não há, nos atos ilocucionários, distinção temporal entre o que foi dito e os seus efeitos, o próprio dizer é o fazer.

Ao longo da discussão sobre a associação entre o discurso de ódio e o ato de fala ilocucionário, Butler também aborda a discussão erigida por Mari Matsuda, em que a autora interpreta o discurso de ódio não apenas como uma atuação sobre o ouvinte, mas também como um aporte para a constituição social do destinatário. Assim, nesta perspectiva teórica, o discurso também é ação, haja vista que “o discurso não apenas *reflete* uma relação de dominação social; o discurso coloca em *ação* a dominação, tornando-se o veículo pelo qual essa estrutura social é reestabelecida” (2021, p. 39, grifos do autor). O discurso de ódio subjetiva o seu destinatário no momento do enunciado, por conseguinte a injúria não é uma consequência do discurso, mas sim a performatização da própria injúria.

Na esteira dessa abordagem que reflete sobre o poder acional do discurso de ódio, Piovezani (2020) aponta a escalada de práticas e discursos de ódio contra minorias sociais, no Brasil contemporâneo, à presidência da República. A linguagem fascista que molda a estética da extrema direita brasileira não deve ser subestimada, pois são as versões fascistas ao longo da história que possibilitaram o consentimento de discursos de ódio e de práticas violentas, até mesmo fatais. A eficácia dessa prática está tanto no que contam quanto na maneira como contam, por isso a relevância de analisarmos discursos humorísticos aparentemente inofensivos, mas encobertos de concepções autoritárias e discriminatórias, sendo a própria circulação desses discursos um ato violento contra sujeitos historicamente marginalizados.

CAPÍTULO II – A EMERGÊNCIA DA *TROLLAGEM* NO DISCURSO POLÍTICO DA EXTREMA DIREITA BRASILEIRA

Neste capítulo, discutiremos acerca de alguns fatores que possibilitaram a ascensão da extrema direita no Brasil e caracterizaremos os principais traços dessa ideologia. Além disso, trataremos do caminho percorrido pelos *trolls* (da *deep web* ao *mainstream* político), descreveremos e exemplificaremos as características discursivas mais recorrentes da *trollagem* política, no contexto brasileiro, e relacionaremos esta *trollagem* à era da guerra cultural e da pós-verdade.

2.1 A ascensão da extrema direita no cenário político brasileiro

A ascensão do populismo de direita, no século XXI, vem ditando novos rumos ao fazer político contemporâneo. Esse fenômeno tem raízes históricas e não deve ser estudado a partir de perspectivas globais, mas sim através de uma “história heterogênea, do Sul ao Norte dominante” (FINCHELSTEIN, 2019, p. 286). Há uma expressiva representatividade política do populismo de direita em vários países europeus, como com Marine Le Pen, na França, e Matteo Salvini, na Itália, assim como nos Estados Unidos, com a eleição do ex-presidente norte-americano, Donald Trump (Partido Republicano), em 2016, e no Brasil, com a vitória de Jair Bolsonaro no pleito presidencial de 2018. Esses exemplos demonstram que os personagens políticos da extrema direita conquistaram espaço relevante no cenário político mundial contemporâneo.

A disponibilidade atual de novos meios de comunicação, incluindo as redes sociais, vem beneficiando as candidaturas dos representantes populistas de direita, uma vez que estes conseguem atuar nestes *médiuns* para firmar relações diretas com os cidadãos, escanteando a mediação da imprensa. Trump, por exemplo, em sua primeira candidatura, conseguiu, de maneira bem-sucedida e surpreendente, mesclar a atenção constante da imprensa independente com meios mais diretos de comunicação, em especial o Twitter, como aponta Finchelstein (2019).

As versões recentes e contemporâneas do populismo combinam, de maneira estratégica, o ataque à imprensa tradicional como fomentadora de distribuição de propaganda dos inimigos do líder, no caso o representante populista, com o uso de novas tecnologias de informação na internet, principalmente o Twitter, que enfatizam os laços entre os líderes autoritários e os seus “seguidores” (FINCHELSTEIN, 2019). De acordo com Sarlo (2011 *apud* FINCHELSTEIN,

2019, 262), “se a política é cada vez mais complexa e multipolar, a política tal como funciona nas redes sociais tende a ser vista em termos binários. Nesse sentido, as redes sociais e o populismo são perfeitos um para o outro”. O jornalismo independente e/ou *mainstream*, caso sejam favoráveis ao inimigo, são vistos como veículos suspeitos pelos populistas, e até como inimigos, e as novas tecnologias possibilitam-lhes fugir da imprensa e estreitar os laços com os seus apoiadores. Finchelstein (2019) afirma que esse contato direto e sem mediação, dos líderes populistas com os seus seguidores, permite-os enfatizar a sua hostilidade no que diz respeito aos políticos e à política dos costumes. As novas tecnologias, dessa forma, dificultam o debate, o acesso livre a ideias e minimizam consideravelmente a relevância de instituições democráticas essenciais como uma imprensa livre.

A transformação da natureza do jogo democrático pelos novos populistas de direita é alimentada, majoritariamente, de emoções negativas, pois são estas que geram mais adesão e engajamento populacional, principalmente nas redes sociais. No entanto, este tipo de comunicação também possui outra faceta festiva e libertária que fomenta o Carnaval populista. Durante o Carnaval, nenhum insulto ou piada é vulgar se colabora para a corrosão da ordem dominante e sua substituição por algum tipo de dimensão de liberdade e fraternidade (EMPOLI, 2020). Assim, o bufão de antes adquire, agora, nuances políticas populistas e se transforma em personagens como Donald Trump e Jair Bolsonaro, e os *trolls* (como veremos na próxima seção) são, dessa forma, “os novos polichinelos, que jogam gasolina no fogo libertador do Carnaval populista” (EMPOLI, 2020, p. 22).

A emergência de uma nova maneira de fazer política, moldada pela internet e pelas novas tecnologias, ganhou espaço no Brasil com a presença de uma nova geração de Youtubers de extrema direita (Nando Moura, Carlos Jordy, organização Movimento Brasil Livre etc), conforme Empoli (2020) e, principalmente, a partir das eleições presidenciais de 2018, com a vitória do representante populista de direita Jair Bolsonaro. Empoli (2020, p. 88) afirma que os comunicadores que trabalhavam para o candidato ultranacionalista “driblaram os limites impostos aos conteúdos políticos do Facebook comprando milhares de números de telefone para bombardear quem utiliza o WhatsApp com mensagens e *fake news*”. Apesar da importância do caráter técnico, é na natureza de conteúdos que se baseia a propaganda populista, pois é na mobilização de sensibilidades como medo, indignação e de discursos agressivos demonstradas através do preconceito, do insulto e da polêmica de gênero ou racista, multiplicados nas telas digitais, que a atenção e o engajamento se intensificam, em detrimento dos debates tediosos da velha política.

Assim, Gil e Brea (2021) asseveram que os nacional-populistas utilizam as mídias digitais como um esteio para mobilizar e recrutar milhares de pessoas que não acreditam nas instituições democráticas e não se sentem representadas pelos representantes políticos tradicionais. A lógica simplificadora do antagonismo, facilitada pelas redes sociais, une demandas populacionais divergentes e reconstrói a unidade do povo, o que corrobora para o esvaziamento do pluralismo social e político e se alicerça em um anti-institucionalismo seletivo. O uso do humor agressivo, através de *memes* com conteúdo de ataques personalistas ao opositor, por exemplo, impossibilita o debate democrático racional de argumentos, uma vez que fomenta a mobilização de sensibilidades tóxicas, como indignação e raiva, nos eleitores.

Essa cultura tóxica da internet do “nós” contra “eles”, alimentada pelas estratégias populistas nas mídias digitais, especialmente após as eleições de 2018, no Brasil, tem no uso agressivo do humor e da paródia contra os opositores relevantes dispositivos discursivos, produzindo uma descontinuidade nos efeitos agressivos com que o humor era usado como estratégia política até então. A disseminação online de *memes*, tweets, vídeos do Youtube, postagens do Facebook ou do Instagram, ou até mesmo de falas humorísticas com características de discurso de ódio, produzidas presencialmente, práticas que englobam a *trollagem*, compõem uma parcela estratégica da “retórica do ódio”, para usar a expressão de Rocha (2021), da extrema direita brasileira e mundial, que vem adquirindo cada vez mais espaço e poder político nas sociedades digitais contemporâneas.

A despeito de haver uma generalização que classifica de forma semelhante os regimes fascistas e populistas ao longo da história, partiremos da proposição que vai de encontro a esse pensamento, firmada por Finchelstein (2019), em que o pesquisador assevera que “o populismo é uma forma de democracia autoritária, enquanto o fascismo é uma ditadura ultraviolenta” (2019, p. 27). Há uma ligação genealógica entre os termos, o que não se estende a aspectos conceituais ou contextuais. Por isso, apesar de haver ligações relevantes entre o fascismo e o populismo, não podemos classificar igualmente o regime de Mussolini e o governo de Trump, por exemplo.

Isto posto, o surgimento dos regimes populistas modernos emergiu primeiramente na América Latina, após 1945. Neste contexto, os regimes de Juan Perón, na Argentina, e de Getúlio Vargas, no Brasil, representaram sintomas revolucionários de um novo paradigma político que estava tomando forma no começo da Guerra Fria (FINCHELSTEIN, 2019). O populismo moderno tem como característica singular a destreza transacional entre direita e esquerda. Apesar disso, Finchelstein (2019) descreve algumas características fundamentais

regulares em todos os governos populistas ao longo da história, inclusive no atual governo populista de extrema direita de Jair Bolsonaro, como aponta Sargentini (2022).

A primeira característica é “uma visão extremamente sacralizadora da política” (FINCHELSTEIN, 2019, p. 42). A candidatura de Bolsonaro representou esse aspecto ao reproduzir um paradoxo político, uma vez que o candidato se apresentou como uma alternativa de combate à corrupção praticada pela antiga política, mesmo sendo Deputado Federal há 28 anos. Assim, Sargentini (2022) afirma que o candidato se assemelha a essa característica populista de desigualdade política, pois reproduz um discurso de manutenção de apenas um grupo na política, e simultaneamente se vale do discurso neoliberal de combate às práticas dos políticos brasileiros carreiristas.

Outro aspecto intrínseco ao populismo é “uma teologia política que aceita apenas os que seguem uma liderança esclarecida como verdadeiros membros do povo” (FINCHELSTEIN, 2019, p. 42). Característica relevante para a perpetuação do bolsonarismo no poder, essa concepção é reiterada pelas intervenções do presidente brasileiro ao denominar o “verdadeiro” povo como o povo patriota. Grupos identitários como os povos indígenas, quilombolas, migrantes, dentre outros, que estão fora dessa idealização populista de povo, têm suas representações silenciadas e excluídas. Exemplo disso são os diversos passeios nas feiras, padarias e em outros estabelecimentos brasileiros do presidente desde o começo do mandato. Outra forma de aproximação direta com o povo patriota são as custosas motociatas promovidas por Bolsonaro³³. A comunicação com as pessoas na rua transparece atenção e faz do presidente o representante popular da nação. No entanto, a inclusão apenas de uma parte dos cidadãos brasileiros em seu contato direto promove a exclusão do papel das representações identitárias (SARGENTINI, 2022).

Aliada à concepção acima está a ideia de “uma percepção do líder como essencialmente contrário às elites dominantes” (FINCHELSTEIN, 2019, p. 42). Imagens de uma suposta simplicidade de Bolsonaro são recorrentes em suas aparições públicas ou nas publicações das suas redes sociais. Como ilustração, podemos mencionar a sua opção pelo uso de uma caneta popular para assinar o termo de decreto da posse como presidente. Tal ação foi fortemente divulgada nas redes sociais, gerando vários comentários em apoio ao atual líder do Executivo,

³³ *Motociatas de Bolsonaro já custam quase R\$ 3 milhões aos cofres públicos.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/motociatas-de-bolsonaro-ja-custaram-quase-r-3-milhoes-aos-cofres-publicos.shtml>. Acesso em: 02 nov. 2021.

a exemplo de alguns: "Nada de Caneta Mont Blanc. Essa é diferença de um presidente 'RAIZ' e 'NUTELLA'; 'Presidente Raiz assina Termo de Posse com caneta BIC'"³⁴.

A quarta característica recorrente no discurso de líderes populistas é “uma ideia dos antagonistas políticos como inimigos do povo” (FINCHELSTEIN, 2019, p. 42). Segundo Sargentini (2022), esse imaginário de combate ao comunismo é historicamente regular no Brasil, mas mesmo assim ainda se revelou produtivo na vitória presidencial de um representante de extrema direita. Essa narrativa agonística de perseguição aos opositores políticos é reproduzida tanto nos discursos públicos de Bolsonaro, a exemplo da entrevista a uma emissora italiana, em que o presidente acusou Lula de ter relações com narcotraficantes, mesmo sem apresentar prova alguma sobre a declaração³⁵, quanto em enunciados propagados na *web* por apoiadores da extrema direita brasileira, a exemplo dos *memes* que analisaremos no próximo capítulo, cujo conteúdo glorifica Bolsonaro e deprecia seus adversários.

Configura-se, também, como aspecto de governos populistas, “uma visão carismática do líder como uma personificação da voz e desejos do povo e da nação como um todo”, além de “um forte poder executivo juntamente com a valorização discursiva e, muitas vezes, prática, dos poderes legislativo e judiciário” (FINCHELSTEIN, 2019, p. 42). O presidente brasileiro reproduz a primeira característica de modo peculiar, conforme Sargentini (2022), pois ao passo que é carismático também incorre em discurso de ódio contra jornalistas e adversários políticos. Em relação à segunda característica, Jair Bolsonaro, assim como outros líderes populistas, necessitam praticar determinados equilibrismos, pois ao mesmo tempo que atacam e desafiam as decisões desses dois poderes constantemente³⁶, precisam demonstrar alguma afinidade com os líderes dessas outras esferas.

Por fim, um governo populista costuma perseguir o jornalismo independente, além de apresentar um nacionalismo extremista e promover uma forma autoritária de democracia antiliberal (FINCHELSTEIN, 2019). As práticas políticas do governo de Jair Bolsonaro vão ao encontro desses três elementos. Como exemplo do primeiro, a perseguição ao jornalismo independente, poderíamos citar um dos vários insultos do presidente dirigidos a jornalistas, este proferido especificamente a uma jornalista – a quem o presidente mandou “calar a boca”

³⁴ Ao assinar termo de posse, Bolsonaro opta por caneta popular, e gera debate nas redes. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/ao-assinar-termo-de-posse-bolsonaro-opta-por-caneta-popular-gera-debate-nas-redes-23341807.html>. Acesso em: 03 nov. 2021.

³⁵ Após Bolsonaro acusar Lula sem provas na Itália, Gleisi cobra o STF: ‘Ele não pode mentir livremente’. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/apos-bolsonaro-acusar-lula-sem-provas-na-italia-gleisi-cobra-o-stf-ele-nao-pode-mentir-livremente/>. Acesso em: 03 nov. 2021.

³⁶ Bolsonaro ataca Alexandre de Moraes e diz que não cumprirá mais decisões do ministro do STF. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/07/bolsonaro-ataca-alexandre-de-moraes-e-diz-que-ministro-tem-tempo-para-se-redimir-ou-se-enquadra-ou-pede-para-sair.ghtml>. Acesso em: 04 nov. 2021.

– quando questionado sobre o não uso de máscara de proteção contra a COVID-19 em um evento público³⁷. No que concerne às duas últimas características, Sargentini (2022) afirma que o slogan da campanha presidencial, “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, reafirma o nacionalismo bolsonarista. No entanto, a subserviência política de Jair Bolsonaro ao ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, rompe com o discurso patriótico da extrema direita brasileira. Em conjunto ao nacionalismo extremado populista, está o reiterado descrédito ao trâmite democrático eleitoral brasileiro, principalmente no que diz respeito ao uso das urnas eletrônicas como meio de contagem do voto popular³⁸. Contraditoriamente, tanto Jair Bolsonaro quanto seus filhos foram eleitos diversas vezes, para cargos políticos, através do voto eletrônico.

Postas as características regulares em governos populistas e seus respectivos exemplos na gestão neopopulista de Jair Bolsonaro, faz-se necessário compreender as condições de possibilidade para a popularização dos ideais da extrema direita no Brasil e, consequentemente, a vitória de Jair Bolsonaro, seu principal representante brasileiro, nas eleições presidenciais de 2018.

A despeito do Brasil possuir um dos sistemas partidários mais fragmentados do mundo, desde a redemocratização do país há um núcleo relativamente estável de organizações partidárias que são responsáveis por polarizar as eleições presidenciais (PT e PSDB) e por construir maiorias legislativas (MDB) (AMORIM NETO *apud* SANTOS; TANSCHKEIT, 2019). Apesar da relevância da direita política no cenário brasileiro, os estudos acadêmicos sobre esse posicionamento político no país só conquistaram mais espaço recentemente (SANTOS; TANSCHKEIT, 2019). Os autores afirmam que no cerne das pesquisas destacam-se os estudos relacionados às duas famílias da direita contemporânea. A primeira, conceituada como “direita moderada/direita *mainstream*”, prevaleceu no sistema político brasileiro desde a redemocratização – tendo como seu principal representante o PSDB – e possui como principal característica a defesa da economia de mercado. A segunda, intitulada como “direita radical”, se sobrepôs à primeira após a vitória de Bolsonaro e a ascensão do PSL (Partido Social Liberal) nas eleições de 2018. Esta ala ideológica, no caso brasileiro, pode ser descrita através de três fatores: perspectiva econômica neoliberal; pautas conservadoras e interferência do Estado em

³⁷ *Em ataque à imprensa, Bolsonaro insulta repórter e a manda “calar a boca”*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/em-ataque-%C3%A0-imprensa-bolsonaro-insulta-rep%C3%B3rter-e-a-manda-calar-a-boca/a-57986684>. Acesso em: 04 nov. 2021.

³⁸ *10 mentiras que Bolsonaro falou sobre as urnas para defender o voto impresso*. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/10-mentiras-que-bolsonaro-falou-sobre-as-urnas-para-defender-o-voto-impresso/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

escolhas privadas dos cidadãos (orientação sexual, cultural, religiosa e educacional); adversidade ao sistema político e perseguição aos partidos políticos de oposição.

Desse modo, autores como Rocha (2018a; 2018b), Santos & Tanscheit (2019), Rocha (2021) e Avelar (2021) nos auxiliarão a elencar e compreender alguns acontecimentos que propiciaram a derrocada do campo progressista no cenário político brasileiro e a ascensão da “direita radical” ao poder Executivo do país. Como propõe a filiação teórica deste trabalho, analisamos esses acontecimentos a partir das suas irrupções históricas, ou seja, a partir das suas emergentes singularidades.

Apesar da sua recente popularização com o bolsonarismo, a ascensão gradativa da militância das novas direitas brasileiras é anterior a esse fenômeno, sendo esse movimento gradual, mais especificamente desde a década de 1980, responsável pelo preparo da vitória presidencial de Jair Bolsonaro (ROCHA, 2021). A ação de contestação da hegemonia intelectual de esquerda na esfera cultural na década de 90, por parte do ideólogo Olavo de Carvalho, foi indispensável para possibilitar uma mobilização massiva de uma juventude de direita posteriormente. Assim, a estratégia do *sistema de crenças* de Carvalho é composta por um tríptico:

No painel central, a publicação de uma trilogia³⁹; nos painéis laterais, de um lado, uma bem-vinda ampliação da bibliografia então dominante por meio da divulgação de autores conservadores e liberais, de outro, uma campanha virulenta direcionada estrategicamente contra os principais nomes da esquerda brasileira que, em geral, ocupavam cátedras na universidade pública (ROCHA, 2021, p. 47).

A popularização da *web*, no início dos anos 2000, foi a força propulsora para a difusão dos ideais de suposto filósofo entre os jovens de direita. Segundo Rocha (2018a), foi nessa época que surgiram na internet os fóruns de discussão online, blogs e comunidades, na extinta rede social Orkut, sendo substituída pelas comunidades do Facebook. Os temas mais debatidos entre os usuários da nova direita estavam relacionados à defesa de valores cristãos, ao livre mercado e à conjuntura política nacional e internacional. Dessa forma, Olavo de Carvalho investiu na propagação das suas ideias nestes meios digitais. Criou, assim, um blog pessoal, um site coletivo e, em 2006, fundou um programa de rádio virtual intitulado *TrueOutspeak*, que era escutado tanto por membros das comunidades criadas em sua homenagem quanto por simpatizantes dos ideais da nova direita em geral.

³⁹ A trilogia intitula-se *O imbecil coletivo*, publicada em 1996.

Mesmo com uma crescente adesão de brasileiros à nova direita, a falta de financiamento a essa militância ideológica dificultou, naquele momento, a sua rápida expansão por todas as camadas sociais do país. Entretanto, esse cenário começou a se modificar após 2010.

Os desdobramentos de escândalos de corrupção como o “mensalão” geraram várias manifestações contra a corrupção nos anos de 2011 e 2012. Em 2011, foram feitas, pelo Facebook, convocações de manifestações apartidárias em combate à corrupção. Os protestos foram registrados em 34 cidades brasileiras e tiveram em torno de 26 mil confirmações na rede social. De forma similar, em 2012 houve a convocatória online de mobilizações em prol do mesmo tema. Mais uma vez as cores da bandeira nacional e o preto ganharam destaque nas passeatas do dia 21 de abril, dia de Tiradentes (ROCHA, 2018b).

Por consequência, o estopim do acontecimento das manifestações citadas acima aconteceu com as jornadas de *Junho de 2013*. De acordo com Avelar (2021), o funcionamento do nome próprio – como é o caso do que se vê na expressão *Junho de 2013* – vem sendo tema de estudo em disciplinas como linguística, antropologia e a filosofia. No que concerne aos estudos filosóficos, Jacques Derrida investigou os paradoxos que interligam a ordem do acontecimento ao nome próprio. A respeito desse atravessamento, o filósofo utiliza o conceito de iterabilidade para explicar o caráter paradoxal do nome próprio, isto é, “a condição que tem (...) de ser sempre repetível e rigorosamente único em cada uma de suas ocorrências” (2021, p. 179). O autor ainda argumenta que o fenômeno da conversão do substantivo comum em nome próprio é sempre discutido no interior da luta política. No Brasil contemporâneo, alguns nomes próprios, como Mensalão, Petrolão, Bolsa Família e Pré-Sal, foram inicialmente consolidados por um grupo do espectro político e paulatinamente popularizados em toda a pólis, mesmo o entendimento do fenômeno sendo divergente de um grupo para outro.

Assim, a transformação da expressão *Junho de 2013* em nome próprio foi uma consequência do seu ineditismo na história brasileira e sua contribuição decisiva no cenário pós-político contemporâneo do país (ROCHA, 2021). Inicialmente, a manifestação estava majoritariamente preocupada com questões sociais, mas aos poucos foi fragmentada em uma dispersão de reivindicações, ressentimentos e ódios, muitas vezes opostos entre si, cujo fruto se deu na emergência de um sentimento antissistêmico que ditou os rumos da política brasileira desde então.

Protestos que principiaram com a contestação do aumento das tarifas de ônibus em várias cidades do país tomaram proporções gigantescas devido às suas organizações nas redes sociais e à forte repressão policial aos manifestantes, principalmente em São Paulo. Ao contrário de manifestações como as *Diretas-Já* ou os *caras-pintadas*, *Junho de 2013* teve como

traço peculiar a sua intransigente autoconvocação, ou seja, a rejeição total a qualquer um que evocasse algum partido político nos protestos, tanto à direita quanto à esquerda. Isto posto, Rocha (2021) argumenta que as jornadas de junho caracterizaram um paradoxo insuperável até os dias atuais, pois ao mesmo tempo em que a recusa à figura do político tradicional corporificou um difundido sentimento antissistêmico, fenômeno que foi aparelhado pelo populismo digital de direita, a política também virou uma verdadeira paixão do cotidiano brasileiro. Nessa perspectiva, a relação tradicional entre poder e cidadania é desprezada em prol do ativismo, concepção intrínseca às massas digitais. Desde então, *ir pra rua* e ação tornaram-se sinônimos, o que influenciou diretamente as diversas manifestações ocorridas em 2016, protagonizadas por grupos de direita.

A influência do sentimento antissistêmico generalizado, aliado ao ativismo das massas digitais, criou condições de possibilidade para o ativismo judicial, prática materializada principalmente através da *Operação Lava Jato*, iniciada em março de 2014, cujos desdobramentos foram fundamentais para determinar os recentes rumos da política brasileira. A operação foi realizada pela Polícia Federal em conjunto com o Ministério Público e o Judiciário e teve como principais protagonistas o ex-juiz federal e ex-ministro Sérgio Moro, além do ex-procurador da República Deltan Dallagnol. A popularização nacional da *Lava Jato* se deu pelo fato dela ter atingido os principais partidos políticos brasileiros, em especial o PT, o PSDB e o MDB.

A espetacularização da *Lava Jato*, promovida tanto pela mídia tradicional brasileira quanto pelos próprios membros da operação, construiu uma narrativa de purificação da sociedade brasileira que justifica qualquer ação jurídica que reprima a tomada do poder pela corrupção sistêmica. Dessa forma, o posterior apoio de alguns membros da *Lava Jato* à candidatura de Jair Bolsonaro aliado ao aceite do convite de Sérgio Moro para o cargo de ministro do governo facilitaram a superação dos acordos políticos e das conformidades institucionais que balizaram a Nova República (ROCHA, 2021).

A despeito das reverberações negativas dos acontecimentos de *Junho de 2013* e da *Operação Lava Jato* para o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT), a petista conseguiu a reeleição, em 2014, após a vitória em segundo turno contra Aécio Neves (PSDB) no pleito presidencial mais disputado desde 1989. Conforme Santos e Tanscheit (2019), um dia após a eleição, o PSDB solicitou ao TSE pedido de auditoria, com o objetivo de apurar os resultados eleitorais, fato que deu início a uma grave crise institucional e política no país, que seria a posteriori ampliada pela ofensiva oposicionista no Congresso Nacional. Ademais, a disputa

entre Eduardo Cunha (MDB), ex-presidente da Câmara dos Deputados, e o Governo Federal foi mais um fator que contribuiu para a crise naquele momento.

Neste ínterim, a progressão das investigações da Lava Jato, o que possivelmente fomentou o aumento da ideia da corrupção como principal problema da época, e o encolhimento econômico que o país enfrentava, concorreram para a convocação de manifestações gigantescas no dia 15 de março de 2015, estas organizadas pelos grupos *MBL*, *Vem pra Rua* e *Revoltados Online* (ROCHA, 2018b). Assim, a grande adesão populacional aos protestos aliada à sua profusa cobertura midiática impulsionara ainda mais o sentimento antipetista e a revolta generalizada contra a corrupção que vinham sendo alimentados na população brasileira desde as manifestações de 2013.

Todos os acontecimentos citados contribuíram para o *impeachment* presidencial de Dilma Rousseff em agosto de 2016, tendo o vice-presidente Michel Temer (MDB) assumido o posto presidencial, o que marcou o fim de um período de quase quatorze anos de governos petistas. Santos e Tanscheit (2019) afirmam que o processo de *impeachment* da ex-presidenta foi reconhecido como a estratégia de reorganização e de ascensão da “direita moderada” no Brasil. Entretanto, a forte resistência ao *impeachment*, classificando-o como golpe parlamentar, por parte de uma parte da população e por organizações sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais) e a CUT (Central Única dos Trabalhadores), em junção aos discursos contraditórios de alguns parlamentares favoráveis ao *impeachment*, nos quais as justificativas não eram condizentes com os motivos pelos quais a ex-presidenta estava sendo denunciada, colaboraram para que o processo de tramitação do *impeachment* descreditasse tanto a oposição quanto o governo, o que intensificou a polarização política no país.

Isto posto, o ativismo judicial e digital, a crise política e institucional intensificada no processo de *impeachment* e o fracasso econômico e popular do governo Temer possibilitaram o fracasso da “direita moderada” brasileira e sua permutação pela extrema direita. O programa político proposto pelo governo bolsonarista caracteriza uma importante novidade tanto para a direita quanto para o sistema político brasileiro em seu total. Dessa maneira, o plano de governo da nova direita apresenta a combinação entre uma nova forma de autoritarismo e neoliberalismo, somada a uma potente agenda conservadora de cunho comportamental e religioso⁴⁰ (SANTOS; TANSCHUIT, 2019).

Assim, uma das formas de compreensão das condições de possibilidade de ascensão da extrema direita no contexto brasileiro é pelo entendimento do bolsonarismo como uma

⁴⁰ Para mais detalhes acerca do programa político do governo Bolsonaro, ver Santos e Tanscheit (2019).

coalizão⁴¹, isto é, algo que se concebeu “a partir de elementos heterogêneos e que veio a expressar algo que se gestava como demanda para uma parcela da população brasileira” (AVELAR, 2021, p. 235). Dentre esses componentes heterogêneos está a língua da *trollagem*, cujas características são próprias do mundo digital e essenciais para a composição dos traços discursivos da extrema direita brasileira. Descreveremos e exemplificaremos, nos próximos tópicos, o funcionamento desta estratégia discursiva, aqui tomada como acontecimento, no cenário brasileiro.

2.2 O que é a *trollagem*?

Apresentaremos, nesta seção, algumas considerações a respeito da *trollagem* enquanto acontecimento na ordem do discurso político brasileiro. Para isso, abordaremos aspectos relevantes acerca da passagem dos *trolls* da *deep web* para peças-chave na ascensão política da extrema direita na contemporaneidade.

O termo *troll* adquiriu notoriedade a partir do início da década de 2010, quando alguns atos de *trollagem* ganharam repercussão na rede digital. A partir de então, a nomenclatura é usada na grande mídia como comportamentos nas comunidades conectadas relacionados ao ódio, ao *cyberbullying*, ao racismo, ao machismo etc, como aponta Antunes (2019). A origem do termo *troll* faz referência a seres da mitologia escandinava que viviam embaixo de pontes ou cavernas e cobravam pedágio dos viajantes. Outra definição remonta a uma técnica de pesca, em que a isca é lançada na água várias vezes para atrair o predador e assim fisgá-lo (FRAGOSO, 2015). O dicionário Oxford, por seu turno, define o *troll* como alguém que envia mensagens deliberadamente na internet para fomentar a raiva em outras pessoas⁴².

Apesar dessa visibilidade recente, o primeiro registro da nomenclatura provém da plataforma Usenet⁴³, criada em 1979, nos Estados Unidos. A migração, de parte dos *trolls*, da *deep web* para redes sociais como Twitter, Facebook, Tumblr etc se deu muito em virtude da ascensão da alt-right (abreviação do termo *alternative-right*, “direita-alternativa” em português) no contexto político ocidental, principalmente após a eleição do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em 2016. Tal fenômeno despertou o interesse de vários

⁴¹ A compreensão do bolsonarismo como coalizão vem dos estudos desenvolvidos pela antropóloga Cesarino (2019).

⁴² Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/troll_1?q=troll. Acesso em: 29 nov. 2021.

⁴³ Meio de comunicação em que usuários postam mensagens de texto em fóruns que são agrupados por assunto.

estudiosos pelo *trolling*, o que vem propiciando estudos, de diversas áreas científicas, sobre diferentes ramificações desta prática nos dias atuais.

Lamerichs et al (2018) afirmam que a *alt-right* está associada a uma longa história de ligação à extrema direita americana, que vem crescendo consideravelmente em influência e número desde os anos 90 com a ascensão do “patriotismo” extremo. Neiwert (2017 *apud* LAMERICHS ET AL 2018, p. 181, tradução nossa) define a *alt-right* dos últimos anos como um “movimento que consiste em grupos aparentemente desconectados – nativistas, patriotas, supremacistas brancos e nazistas autodeclarados para nomear alguns”⁴⁴. Apesar desses grupos serem classificados equivocadamente de forma homogênea, eles possuem agendas conflitantes. Por conta disso, Neiwert (2017) especifica como essas divergentes ideias da extrema direita conduziram a um imenso universo alternativo, intitulado atualmente como direita alternativa, que tem origem nas ideias nacionalistas brancas, nos ideólogos “tradicionalistas” de extrema direita e são recrutados e organizados majoritariamente através da *web*.

A despeito de alguns pontos em comum entre a direita alternativa e o movimento conservador estadunidense, a primeira rejeita as principais premissas do segundo, que seriam o tradicionalismo moral, a economia liberal e a forte defesa nacional (HAWLEY, 2017). O autor afirma que a direita alternativa “inclui qualquer pessoa com sensibilidades de direita que rejeita o movimento conservador tradicional”⁴⁵ (2017, p. 24). Outro ponto divergente importante é que a direita alternativa é um fenômeno quase que exclusivamente online, fato que permite aos membros da *alt-right* serem mestres na arte da comunicação em um mundo dominado pelas redes sociais, economia da atenção e clickbaits⁴⁶ (tática usada na internet para ocasionar tráfego online por meio de conteúdos sensacionalistas ou enganosos). Além disso, o núcleo deste movimento é nacionalista branco e, por isso, membros notáveis desta ideologia torcem pela criação de um etnoestado branco na América do Norte.

Além dessas características, a direita alternativa também tem como traço ideológico importante o antifeminismo, pois é um movimento que se opõe às noções contemporâneas de igualdade de gênero e se considera favorável a uma sociedade mais patriarcal. A concepção antifeminista do movimento provém da noção de “realismo sexual”, na qual mulheres e homens

⁴⁴ Versão original: “movement which consists of seemingly disconnected groups – nativists, patriots, white supremacists, and self-declared neo-Nazis to name a few” (NEIWERT, 2017 *apud* LAMERICHS ET AL 2018, p. 181).

⁴⁵ Versão original: “includes anyone with right-wing sensibilities that rejects the mainstream conservative movement” (HAWLEY, 2017, p. 24).

⁴⁶ *Alvim errou a mão na trollagem nazi inspirada na direita dos EUA*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/alvim-errou-a-mao-na-trollagem-bolsonarista-inspirada-na-direita-dos-eua.shtml>. Acesso em: 01 dez. 2021.

têm diferenças biológicas que os tornam adequados para divergentes papéis sociais (HAWLEY, 2017). O movimento Gamergate foi um notável exemplo do poder do discurso de ódio sexista da direita alternativa, em virtude do assédio virtual que a desenvolvedora de jogos Zoe Quinn sofreu por conta de seu protagonismo na proliferação de ideais feministas no mundo virtual dos videogames.

Dentre as várias práticas discursivas inerentes à direita alternativa, a maestria na arte da *trollagem*, por parte deste movimento, foi o que o inseriu no cenário nacional. Conforme Hawley, um *troll* da Internet é:

alguém que promove a discórdia online, provocando forte reações emocionais dos leitores e, muitas vezes, mudando de assunto de conversa. Trolling nem sempre tem um propósito político óbvio; um troll pode estar procurando nada além de um momento de diversão niilista. Trolling pode assumir a forma de insultar a aparência de alguém ou deliberadamente fazer mal conselhos sobre um problema tecnológico, por exemplo. Mas a Alt-Right usa o Trolling para um propósito. Ao sair de sites especificamente dirigidos a um público radical de direita e participando de discussões em outros painéis de mensagens, por exemplo, nas seções de comentários dos principais locais de notícias, YouTube e, especialmente no Twitter, a Alt-Right é capaz de circular amplamente sua mensagem. Trolls da Direita Alternativa ajudam a dispersar as visões do movimento muito além do que seria possível se o movimento só pudesse ser encontrado em suas próprias plataformas (HAWLEY, 2017, p. 19-20) (tradução nossa)⁴⁷.

A direita alternativa atrela à prática da *trollagem* o uso inovador do humor e da ironia. Enquanto os antigos movimentos nacionalistas brancos são considerados reacionários, amargos e antissociais, a contemporânea direita alternativa se apresenta como alegre e jovial, mesmo quando os membros deste grupo dizem coisas abomináveis sobre minorias religiosas e raciais (HAWLEY, 2017). À proporção que os primeiros não acreditam na existência do Holocausto, o segundo trata o genocídio cometido pelos nazistas como uma piada. Essa diferença discursiva em torno de um mesmo acontecimento favorece apoiadores em potencial à direita alternativa, pois este grupo atrai novos membros com ousadia (*edginess*) e diversão. Essas idiossincrasias são responsáveis por um paradoxo da *alt-right*, segundo Hawley (2017), pois a adesão a grupos de *trollagem* e não a movimentos como a *Ku Klux Klan*, por exemplo, se dá exatamente pelo

⁴⁷ Versão original: “someone who fosters discord online, provoking strong emotional reactions from readers and often changing the topic of conversation. Trolling does not always have an obvious political purpose; a troll may be looking for nothing but a moment of nihilistic amusement. Trolling can take the form of insulting someone’s appearance or deliberately giving bad advice about a technological problem, for example. But the Alt-Right trolls for a purpose. By leaving sites specifically aimed at a radical right-wing audience and joining discussions at other message boards, in, for example, the comment sections of major news venues, YouTube, and especially on Twitter, the Alt-Right is able to circulate its message widely. Alt-Right trolls help disperse the movement’s views far beyond what would be possible if the movement could only be found on its own platforms” (HAWLEY, 2017, p. 19-20).

fato da potencial ameaça da direita alternativa ser aparentemente menor, o que gera mais temor à política tradicional que movimentos conservadores nacionalistas.

Em virtude do escopo do nosso trabalho, ou seja, o acontecimento da *trollagem* na ordem discursiva política brasileira, bibliografias como Phillips (2015), Nagle (2017), Gorman (2019) e Antunes (2019) são relevantes para o nosso entendimento quanto ao percurso que os trolls traçaram desde os *chans*⁴⁸ até o *mainstream*. Apesar das três primeiras autoras abordarem a temática a partir do contexto estadunidense, tais pesquisas nos permitem elucidar a *trollagem* no âmbito político brasileiro, uma vez que a extrema direita do nosso país se apropriou das estratégias discursivas da direita alternativa e da extrema direita estadunidenses, sendo a *trollagem* uma prática discursiva regular na estética política dos dois países.

Na obra *This is why we can't have nice things: mapping the relationship between online trolling and mainstream culture*, Phillips (2015) descreve as origens e a evolução da subcultura da *trollagem*. A autora afirma que o dicionário inglês Oxford indica o ano de 1992 como a primeira instância registrada da *trollagem* usada em um contexto online. Phillips também aborda estudiosos que investigam os *trolls* a partir de diferentes pontos de vista. Um dos exemplos é a pesquisa da linguista Claire Hardaker, que examinou cerca de duas mil interações do termo *troll* no grupo *Usenet*. Após anos de trabalho e análise das regularidades discursivas desses perfis virtuais, Hardaker (*apud* PHILLIPS, 2005, p. 16) define um *troll* como uma pessoa “cuja(s) real intenção(ões) é/são causar perturbação e/ou acionar ou exacerbar conflitos com o objetivo da sua própria diversão” (tradução nossa)⁴⁹.

Nagle (2017), por seu turno, adverte sobre os males que a subcultura online da *trollagem* causa fora das redes digitais. Nagle destaca os ataques que cidadãos e jornalistas críticos a Donald Trump e/ou aliados sofreram por membros da extrema direita digital. Os ataques eram mais agressivos se os críticos fossem negros, mulheres ou integrantes de outros grupos minoritários. Exemplos de discursos de ódio contra críticos da extrema direita brasileira também são recorrentes, haja vista a perseguição digital que mulheres como a política Manuela

⁴⁸ *Chan* ou *imageboard* (quadro de imagens) “é um tipo de fórum de discussão na internet. Ele tem interface simples e se baseia na postagem de imagens e textos, geralmente de forma anônima. Neles, o conteúdo antigo é rapidamente excluído. Nem tudo postado lá é extremo: muitos *chans* estão entre as fontes mais populares de memes de internet. Mas por garantir o anonimato dos usuários, alguns tópicos permanentes abrigados por *chans* acabaram, ao longo dos anos, reunindo um perfil de pessoas propensas a preconceitos, cultura de ódio, trotes e até ameaças”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/03/14/chan-incel-dark-web-entenda-os-termos-ligados-ao-massacre-de-suzano.htm>. Acesso em: 18 ago. 2021.

⁴⁹ Versão original: “whose real intention(s) is/are to causa disruption and/or to trigger or exacerbate conflict for the purposes of thwir own amusement” (HARDAKER *apud* PHILLIPS, 2005, p. 16).

D'ávila (PCdoB) sofre constantemente desde as eleições de 2018⁵⁰, assim como os ataques digitais direcionados à jornalista Patrícia Campos de Mello durante o mesmo período⁵¹, em virtude da sua investigação sobre o impulsionamento de *fake news* nas mídias digitais durante a campanha presidencial.

Outra pesquisa relevante acerca dos variados perfis e dos objetivos dos *trolls* foi feita pela jornalista Gorman (2019). A fim de investigar como os próprios *trolls* observam e definem as suas práticas online, a autora entrevistou uma série de praticantes da *trollagem*. Dessa forma, alguns *trolls* enxergam a *trollagem* a partir do seu objetivo político, já outros observam a prática como uma forma de criar o seu próprio entretenimento na internet. Apesar das divergentes opiniões acerca da prática da *trollagem* entre os próprios *trolls*, os efeitos do ódio na internet nas vítimas ultrapassam o mundo virtual. Por conta disso, a autora intitula os *trolls* que causam danos reais às vítimas como “*trolls* predadores”. Esses danos vão desde a perda de empregos até o suicídio.

De maneira semelhante às autoras acima, Antunes (2019) disserta sobre o longo percurso que os *trolls* trilharam até conquistarem a popularidade política contemporânea. Os anos 2000 revolucionaram a web e, com isso, milhares de usuários e grandes corporações que antes não navegavam pelo mundo digital passaram a usar a internet como fonte de renda. Esta democratização digital prejudicou o usufruto da livre censura por parte dos *trolls*, pois os novos usuários, que não compartilharam dos mesmos ideais dos *trolls*, começaram a frequentar um território que antes era dominado pela prática da *trollagem*.

A fim de driblar essa censura, novas plataformas como o *4chan*, e outras iguais que vieram em seguida, foram criadas. Antunes (2019, p. 115) afirma que cada um dos sites “tem um tema específico, como animação, games, política ou pornografia”. Dentre as materialidades postadas nos *chans*, os *memes* foram uma das que mais se popularizaram⁵². Um dos *memes* mais disseminados nos *boards* do *4chan* foi o *Pepe The Frog* (O Sapo). Segundo Antunes (2019), apesar da imagem do Pepe ter sido compartilhada majoritariamente a partir de *memes* inofensivos, os *chans* começaram a fazer a relação do sapo com discursos intolerantes, valendo-

⁵⁰ *Justiça ordena exclusão de 91 links com mentiras sobre Manuela D'Ávila*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/11/10/justica-redes-sociais-noventa-links-fake-news-manuela-davila.htm>. Acesso em: 10 jul. 2021

⁵¹ *Juíza condena Bolsonaro a indenizar Patrícia Campos Mello por ataque machista*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/juiza-condena-bolsonaro-a-indenizar-patricia-campos-mello-por-ataque-machista/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

⁵² Nagle (2017) assevera que essa cultura do anonimato propiciada pelos *chans* construiu um ambiente favorável aos pensamentos mais sombrios dos usuários. Piadas internas, pornografias estranhas, imagens sangrentas, suicidas, assassinas e incestuosas, racismo e misoginia eram característica deste ambiente virtual. O *4chan* criaram e difundiram inúmeros *memes* que propagam esses ideais na internet

se do uso de linguagem ofensiva com nuances racistas, antissemitas e misóginas. Analisaremos, no próximo capítulo, alguns *memes* humorísticos, que compartilham discursos homofóbicos e que idealizam um ideal viril machista, viralizados pela extrema direita brasileira contra opositores políticos.

Os ataques dos *trolls* nos *chans* objetivam conquistar a reação das pessoas; o sucesso deste objetivo é denominado *lulz*. Conforme Antunes (2019), a utilização do discurso contra o politicamente correto almeja, para os *trolls*, causar alguma reação aos alvos. A conquista efetiva dessas ações, a partir de uma série de mensagens agressivas e táticas específicas, é o *lulz*. Antunes (2019, p. 122) afirma que “*Lulz* seria um anacronismo de “*Lol*” (laugh out loud, em tradução livre, gargalhar, rir muito), porém não são sinônimos”. Presdee (*apud* RICHARDS; WOOD, 2018, p. 190) aponta que o *lulz* é uma maneira de representação do autêntico eu do *troll*, alimentado por um tipo de moral divergente da aceita fora desses ambientes virtuais. A partir disso, Presdee analisa que o *lulz* adquire um sentido político, pois pode ser interpretado como um contra-ataque às concepções culturais contemporâneas. Desse modo, o uso do humor, ou o que é concebido como engraçado pelos *trolls*, serve como uma forma de autoproteção contra acusações de discursos de ódio (MAY; FELDMAN, 2018).

O *lulz* tornou-se, assim, uma filosofia política e uma prática adotada pelos adeptos da extrema direita, pois é uma forma de ataque aos opositores políticos sob o disfarce humorístico (ANTUNES, 2019). Nessa perspectiva, a *trollagem* serve como uma prática de repulsa à condução política social atual. Vejamos o que dizem as pesquisadoras Olsen e Lapoe:

O *trolling* contemporâneo é político, mas sua política nasceu do niilismo e do desprezo pela humanidade. Os *trolls* contemporâneos acham a dor divertida e a utilizam como uma arma da qual obtêm diversão e poder às custas do bem-estar mental, físico ou emocional de outra pessoa (OLSEN; LAPOE, 2017, p. 119, tradução nossa)⁵³.

Antunes (2019) assevera que a *trollagem* era, anteriormente, apenas uma forma de humor, mesmo que questionável, mas contemporaneamente está se transformando em uma agenda política, com vertente extremista de direita.

A popularização da *trollagem* nas mídias sociais *mainstream* ocorreu em virtude da proliferação dos *memes* nestas redes, além da cobertura da mídia sobre as ações dos

⁵³ Versão original: “Contemporary trolling is political, but its politics are born of nihilism and disregard for humanity. Contemporary trolls find pain humorous and use it as a weapon from which they derive amusement and power at the expense of another person’s mental, physical, or emotional well-being” (OLSEN; LAPOE, 2017, p. 119).

hackativistas, sobretudo nos movimentos *Occupy*⁵⁴, resultando na adesão de muitos usuários a esta cultura, como afirma Phillips (*apud* ANTUNES, 2019, p. 131). A direita alternativa estadunidense é especialista em como usar esses enunciados, aparentemente inofensivos, em prol da viralização das suas ideias. Em razão disso, Hawley (2017) assevera que por mais que os *memes* da Internet sejam comumente vistos como uma fonte de diversão fútil, até mesmo pelos membros da *alt-right*, há também uma lógica para os *memes* desse movimento. A incansável proliferação de *memes* populares, por parte da direita alternativa, permite a introdução de conceitos e termos ao público em geral, mesmo àqueles que não usam mídias sociais. Assim, os *memes* da *alt-right* de maior sucesso na web, como o mencionado anteriormente *Pepe The Frog*, foram inicialmente fomentados por uma pequena quantidade de *trolls* da internet, porém se espalharam nas redes sociais, em especial no Twitter, principalmente por usuários que não são filiados à direita alternativa.

O deslocamento da *trollagem* de seu ambiente usual para as mídias digitais populares acarreta algumas mudanças nesta prática. Sanfilippo e Fichman (*apud* ANTUNES, 2019, p. 131) apresentam a existência de dois perfis de *trolls* nas mídias sociais: os sociais e os políticos. Os sociais são impulsionados pela busca do pertencimento ou da confiança pessoal, além de acreditarem que a *trollagem* é uma prática social, por isso suas atitudes podem ser julgadas tanto positiva quanto negativamente. Os *trolls* políticos, por sua vez, atacam os argumentos dos opositores em seções de comentários ou mídias sociais e *sites* de notícias, plataformas em que espalham seus ideais. Os pesquisadores afirmam que o Twitter é a rede social em que mais se encontra *trolls* políticos e sociais.

O enfoque do nosso trabalho é a *trollagem* política, uma vez que analisaremos o acontecimento da *trollagem* no discurso político brasileiro, em especial após as eleições presidenciais de 2018. Para isso, utilizaremos a concepção de *trollagem* política cunhada por Lamerichs et al (2018, p. 182-180, tradução nossa): “Nós definimos *trolling* político não apenas como um ato de postar mensagens e *memes* de ódio, mas como um fenômeno mais amplo por meio do qual os usuários se envolvem em um comportamento influente e tóxico”⁵⁵.

⁵⁴ *Occupy Wall Street* (em português: *Ocupe Wall Street*), conhecido pela sigla OWS, é um movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas - sobretudo do setor financeiro - no governo dos Estados Unidos. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street#:~:text=Occupy%20Wall%20Street%20\(em%20portugu%C3%AAs,no%20governo%20dos%20Estados%20Unidos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street#:~:text=Occupy%20Wall%20Street%20(em%20portugu%C3%AAs,no%20governo%20dos%20Estados%20Unidos). Acesso em: 11 jul. 2021.

⁵⁵ Versão original: “We define political trolling not only as an act of posting hateful messages and memes, but as a wider phenomenon through which users engage in influential, toxic behaviour” (LAMERICHs et al, 2018, p. 182-183).

A *trollagem* política, além de ser uma prática de usuários comuns da *web*, tornou-se, principalmente a partir das eleições estadunidenses de 2016, uma prática regular entre políticos simpatizantes da direita alternativa, que utilizam ao seu favor as estratégias discursivas desta, mas que não necessariamente são membros desse movimento. Stein (*apud* ANTUNES, 2019, p. 120) aponta o ex-presidente Trump como um praticante da *trollagem*⁵⁶, pois, além do mesmo compartilhar, em suas redes sociais oficiais, conteúdos produzidos por *trolls*, como *memes* e *tweets*, o republicano também usa estratégias discursivas idênticas para atacar seus adversários políticos.

De forma análoga, representantes políticos brasileiros também vêm utilizando a *trollagem* para chamar a atenção de possíveis seguidores. O guru da extrema direita brasileira, recentemente falecido, o filósofo Olavo de Carvalho, publicou em suas páginas do Facebook e Twitter a foto e o endereço da casa do jornalista Denis Russo Burgierman (NOGUEIRA *apud* ANTUNES, 2019). O ataque ocorreu por conta de uma matéria sobre o filósofo na revista *Época* e, em virtude disso, Carvalho intitulou o jornalista como inimigo. A atitude de Carvalho representa um caso de *doxxing* (ação de revelar informações de identificação sobre alguém na Internet⁵⁷). Antunes (2019) afirma que casos como esse comprovam o viés ideológico da *trollagem*, em que há a imposição de ideais políticos, usados como pretextos para os ataques.

As práticas de vanglória e humor inflamatório, como a *trollagem*, possuem o potencial de funcionar como um agitador emocional e trazem consigo choques emocionais ocasionalmente grupais, enquanto deslocam os não pertencentes a esse grupo, conforme apontam Gil e Brea (2021). Assim, a exploração da *trollagem*, no âmbito político brasileiro, mobiliza certas emoções preponderantes na esfera das sensibilidades das sociedades de massa (COURTINE, 2020), como a raiva e o ressentimento, que inflama a polarização política e incentiva a disseminação do discurso de ódio.

A conquista da presidência brasileira pelo Partido dos Trolls⁵⁸ comprovou a ascensão e a popularização da extrema direita no país. Segundo Avelar (2021), a língua da *trollagem* digital, usada incessantemente pelo grupo ideológico do bolsonarismo nas redes sociais, sobretudo no WhatsApp, e transitada em qualquer conteúdo, foi esquematizada a partir de uma série de operações retóricas:

⁵⁶ Empoli (2020) afirma que o próprio Trump é um *troll*.

⁵⁷ O que é *doxing* – definição e explicação. Disponível em: [⁵⁸ O bolsonarismo e o Partido dos Trolls. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-bolsonarismo-e-o-partido-dos-trolls/>. Acesso em: 12 jul. 2021.](https://www.kaspersky.com.br/resource-center/definitions/what-is-doxing#:~:text=O%20doxing%20(algumas%20vezes%20escrito,sem%20a%20permisso%C3%A3o%20da%20v%C3%ADtima. Acesso em: 11 jul. 2021.</p>
</div>
<div data-bbox=)

atuação reiterada nos mesmos veículos, registro extremamente agressivo contra o interlocutor ou o sujeito tematizado no discurso, desconsideração completa da diferença entre verdade factual, hipótese não fundamentada e pura invenção, modo hiperbólico do discurso, postulação permanente de algo oculto e adoção de uma ambiguidade acerca da seriedade ou não do enunciado e da crença ou descrença do sujeito enunciadador nele (AVELAR, 2021, p. 256).

O último aspecto é fundamental para entender o uso da *trollagem* como estratégia discursiva para objetivos políticos. Avelar (2020) aponta que a incerteza sobre o estatuto dos enunciados objetiva sustentar a denegação automática, se porventura o enunciado seja desmentido ou questionado, além de conceder o humor preciso para conservar a atenção do usuário na efemeridade atencional das redes sociais. Desse modo, o *troll* opera nesse jogo discursivo em que verdade e mentira, constativo e performativo⁵⁹ se amalgamam e se confundem no interior da ordem discursiva digital. Tal como a concepção de *trollagem* política mencionada acima, utilizaremos esta constelação retórica da língua dos *trolls* para ancorar nossa análise no próximo capítulo.

Intentamos, então, compreender a passagem da *trollagem* da subcultura da *web* nos *chans* para o *mainstream* político a partir da adesão desta estratégia discursiva pela extrema direita. Mais especificamente, buscamos descrever as principais características desta prática e sua importância no mundo digital, neste atual momento histórico, para a proliferação de discursos de ódio, encobertos por um aparente e inofensivo humor, direcionados a opositores políticos e minorias sociais. Por isso e por outras razões que ainda discutiremos neste trabalho, faz-se urgente compreender a irrupção deste acontecimento no cenário político brasileiro contemporâneo.

2.3 O uso da *trollagem* política em tempos de (pós)verdade

Neste tópico, abordaremos as relações entre *trollagem* política e (pós)verdade, em especial a maneira como a era digital da (pós)verdade vem possibilitando o uso massivo da *trollagem* como uma forma de humor da superioridade e de fomento à guerra cultural no

⁵⁹ Avelar (2021, p. 264-265) aponta que “em análises linguísticas tradicionais, estamos acostumados a diferenciar o que é a modulação constativa do discurso, que tem lugar sempre que ele afirma algo sobre o mundo (“esta mesa é amarela”), e a modulação performativa, que ocorre sempre que o discurso realiza ou tenta realizar uma ação sobre o mundo (“eu vos declaro marido e mulher” ou “Vai, Corinthians!”). A reiterada confusão entre os planos constativo (no qual é possível dizer que uma afirmação é “falsa”) e performativo (no qual é inócuo fazer a distinção entre falso e verdadeiro) levou jornalistas, agências de checagem e profissionais da ciência sociais à estupefação e à impotência”.

contexto político brasileiro, principalmente por parte da extrema direita. Para embasar a nossa discussão, utilizaremos Foucault (2000; 2006; 2010; 2017), Sargentini e Carvalho (2021), Fontana (2021), Arnoux (2021), Avelar (2021), Rocha (2021), Dunker (2017), dentre outros.

Uma das questões centrais do pensamento foucaultiano é analisar historicamente como são produzidos os efeitos de verdade no interior de discursos que não possuem em sua essência um aspecto de verdade ou de falsidade. Nessa linha de raciocínio, Foucault (2017, p. 53) entende como verdade o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeito específicos de poder”. São em termos de verdade/poder que, segundo o filósofo, devemos pensar o regime de verdade, pois a verdade é deste mundo, ou seja, é produzida nele à custa de inúmeras coerções e nele fabrica efeitos regulamentados de poder. Por isso, o regime de verdade foucaultiano deve ser observado a partir de uma perspectiva histórica descontínua, na qual cada sociedade tem sua “política geral” da verdade, ou seja, os mecanismos e as instâncias que possibilitam diferenciar os enunciados verdadeiros dos falsos; a forma como se valida uns e outros; os tipos de discursos que são aceitos e que funcionam como verdadeiros; as técnicas e os procedimentos que são prestigiados para a aquisição da verdade; o estatuto daqueles que têm a incumbência de dizer o que funciona como verdade (FOUCAULT, 2017). É nessa compreensão acerca do estatuto da vontade de verdade e da sua função econômica-política na sociedade, e não em prol de uma luta pela verdade absoluta, que devemos pensar a ruptura que as relações de poder da era digital da (pós)verdade vem produzindo no próprio entendimento socio-histórico do que é considerado verdadeiro e nas formas de verificação do *status* de veracidade desses discursos.

O regime de verdade também se encontra ligado aos processos de subjetivação. Sargentini e Carvalho (2021) apontam que pesquisar as práticas de constituição do sujeito vai ao encontro de expor as maneiras de atividade do sujeito sobre si mesmo, que conserva sua procura pela verdade. É nesse questionamento sobre a verdade que, conforme os autores, Foucault reporta o estudo sobre a verdade à Antiguidade greco-romana, sobretudo porque essas sociedades “compreendiam a busca da verdade como uma prática de si, que pudesse levar o sujeito ao cuidado de si (SARGENTINI; CARVALHO, 2021, p. 74). Na Grécia Antiga, o sujeito acredita que só conseguirá governar o outro se aprender a governar a si mesmo, alcançando, assim, as práticas de liberdade fomentadas por uma estética da existência. Na cultura cristã, em contrapartida, há uma mudança na forma de entender a verdade. A partir de então há a criação do sujeito moral, para quem a verdade não se dá pela experimentação, mas sim por um movimento de acúmulo de verdades predefinidas nas leis, nas normas e nas condutas. Essas veracidades são interiorizadas por um processo de subjetivação, que se

estabelece em uma crença de que as verdades partem da origem do pensamento e não nas relações sociais, como era pensado na Antiguidade. Desse modo, o poder pastoral, devido à sua autoridade, representa essa instituição que tem uma suposta qualificação para dizer a verdade, o que faz com que o sujeito siga o rebanho e se sinta pertencente a esse grupo de pessoas. É essa pertença que transforma o sujeito em alguém que segue a verdade e o comando de outrem. São essas divergentes concepções de verdade que, para Foucault, configuram a passagem do cuidado de si, da Grécia Antiga, para o conhece-te a ti mesmo, do poder pastoral (SARGENTINI; CARVALHO, 2021).

A construção da vontade de verdade por um processo de subjetivação/objetivação impossibilita uma relação binária entre o verdadeiro e o falso, em que um é oposto ao outro, pois “são as condições de possibilidade que definem e sustentam os discursos verdadeiros”, segundo Sargentini e Carvalho (2021, p. 75). Contemporaneamente, os regimes de verdade vêm sendo modificados, em especial por conta de *fake news* que respondem a vontades de verdade de determinados poderes econômicos, políticos e religiosos.

Esse contexto de proliferação de enunciados que fogem ao escopo das instâncias e dos mecanismos de apuração da veracidade dos discursos se entrecruza com a luta pelo domínio da “verdade” fomentada pela guerra cultural. Conforme Rocha (2021, p. 113), “guerra cultural implica um entendimento fundamentalista do mundo, cujo corolário é a eliminação pura e simples de tudo que seja diverso”. É a partir dessa concepção agônica de disputa cultural, em que não há espaço para o diálogo democrático, que a estratégia discursiva bolsonarista conquistou espaço no contexto político brasileiro, e onde a *trollagem* passa a ser muito mais que uma “brincadeira” de alguns *trolls* da *web*, mas sim uma estratégia de proliferação de discursos de ódio por parte de membros do núcleo ideológico da extrema direita brasileira.

A guerra cultural, no caso brasileiro, vem sendo alimentada há anos com a coalizão digital da extrema direita, esta composta pelo guru Olavo de Carvalho, mencionado anteriormente, pelos seus alunos, sendo dois deles Eduardo Bolsonaro e Carlos Bolsonaro, por alunos de Olavo que se tornaram Youtubers de direita, por comunidades de incels (diminutivo da expressão “involuntary celibates”, ou celibatários involuntários, geralmente formada por homens heterossexuais que destilam misoginia no mundo digital), por monarquistas, terraplanistas e, após o impeachment de Dilma Rousseff, pelos movimentos *Revoltados On Line*, *Vem Pra Rua* e *Movimento Brasil Livre* (MBL). Essa coalizão, segundo Avelar (2021, p. 257), era marcada “por uma combinação peculiar de fundamentalismo cristão, anticomunismo e concepção conspiratória de política”, sendo esses traços de um ressentimento alimentado

contra “uma hegemonia cultural de esquerda”, que são substanciais na guerra cultural fomentada reiteradamente pela estética bolsonarista.

A construção discursiva do “nós contra eles” foi fortemente incitada nas eleições presidenciais de 2018. Alguns exemplos dessa retórica aconteceram na véspera do segundo turno, em que o candidato Bolsonaro proferiu o seguinte enunciado, no dia 1º de setembro, durante um comício no Acre: “Vamos fuzilar a petralhada toda aqui do Acre”⁶⁰. Mediante uma retórica semelhante, no dia 21 de outubro, por meio de uma chamada de vídeo para uma multidão que protestava ao seu favor na Avenida Paulista, fez o seguinte discurso:

Nós somos a maioria. Nós somos o Brasil de verdade. (...) Petralhada, vai tudo vocês pra ponta da praia. Vocês não terão mais vez em nossa pátria porque eu vou cortar todas as mordomias de vocês. Vocês não terão mais ONGs para saciar a fome de mortadela de vocês. Será uma limpeza nunca vista (sic) na história do Brasil. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).⁶¹

Sobre o conteúdo deste enunciado, Rocha (2021) analisa que ele resume a essência da guerra cultural bolsonarista, isto é, a recusa do que não seja igual. Há, no discurso do então candidato, a eliminação precisa do outro, sempre enxergado como inimigo. O autor analisa ainda o léxico recorrente na linguagem extremista, como os verbos varrer, apagar e eliminar. Além disso, o uso do substantivo limpeza testemunha a incapacidade de encarar a diferença, sendo a sua aniquilação o único caminho possível. A menção à ponta da praia rememora os tempos da ditadura militar brasileira, pois no vocabulário militar este local indicava onde os presos políticos seriam torturados e executados. Mas não foi a primeira vez que Bolsonaro fez apologia às práticas criminosas da ditadura. Muito antes, durante uma entrevista concedida à Tv Band em 1999, manifestou: “Pau de arara funciona. Sou favorável à tortura, tu sabe disso. E o povo é favorável também”⁶².

Os enunciados citados ratificam a máxima foucaultiana de que linguagem é ação (FOUCAULT, 2000; 2006; 2010), ou seja, tanto no próprio ato de produção da linguagem quanto nos efeitos que ela produz, a prática discursiva ecoa para além das palavras, causando, neste cenário, uma guerra cultural que gera uma polarização não democrática, censura ao

⁶⁰ “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

⁶¹ Bolsonaro faz referência a área de desova de mortos pela ditadura. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/bolsonaro-fez-referencia-a-area-de-desova-de-mortos-pela-ditadura.shtml>. Acesso em: 05 dez. 2021.

⁶² Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/veja-10-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-o-golpe-de-1964-e-a-ditadura-militar.shtml>. Acesso em: 05 dez. 2021.

pensamento dissidente e, em alguns casos, ataques físicos ao opositor político, homogeneamente categorizado como “comunista” e/ou “petralha” pelos membros da extrema direita brasileira, uma vez que o imperativo da vontade da maioria vai de encontro aos preceitos da democracia, pois este é “um sistema que assegura plenos direitos às minorias ou aos derrotados em pleitos eleitorais” (ROCHA, 2021, p. 116), o que não corresponde à arena cultural/política vivenciada no país atualmente.

O discurso bélico fomentado pela guerra cultural adquire proporções ainda maiores em tempos de pós-verdade. O dicionário British Oxford escolheu o termo pós-verdade como a palavra do ano de 2016. Conforme a definição proposta pelo dicionário, o termo está relacionado a “circunstâncias em que as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que a fatos” (tradução nossa)⁶³. Desde a popularização da palavra, o termo passou a ser debatido no meio político, midiático e acadêmico e é recorrente, nessas discussões, a associação da pós-verdade ao aumento da circulação das *fake news*. A respeito das discussões em tornodesses termos, Fontana (2021) assevera que boa parte dos textos que abordam essa questão colocam as palavras pós-verdade e *fake news* em relação de contiguidade, normalmente em estruturas coordenadas “pós-verdade” e “*fake news*”, e os seus sentidos alternam-se entre a sinonímia (sendo avaliadas como reciprocamente substituíveis) e a hiperonímia (sendo ordenadas hierarquicamente, de modo que as *fake news* são mostradas como uma forma de funcionamento da pós-verdade). A autora afirma que, a despeito das relações e, muitas vezes, das sobreposições entre os termos, os funcionamentos discursivos intitulados como “pós-verdade” e “*fake news*” podem ser analiticamente divergentes, a partir de seu modo de circulação e, sobretudo, a partir do funcionamento da enunciação. É a partir desse funcionamento que relacionaremos, por meio de exemplos, a prática da *trollagem* aos significados de pós-verdade.

Ainda no espaço da definição lexicográfica do termo pós-verdade, Fontana (2021) aponta que a palavra foi usada como sinônimo de pronunciamentos políticos falsos/mentirosos ou para remeter-se a um discurso emocional, desprovido de razão. Essa definição baseou uma discussão jornalística que vinculou esse modo de enunciação⁶⁴ política à fala pública de personagens atuais, em especial à prática oratória de Donald Trump, e acrescentamos o seu uso

⁶³ Versão original: “relating to circumstances in which people respond more to feelings and beliefs than to facts”. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth?q=post-truth>. Acesso em: 06 dez. 2021.

⁶⁴ Fontana (2021, p. 90) entende a enunciação como “prática de um sujeito historicamente constituído pela língua e pela ideologia em relações sociais sobredeterminadas pela contradição que estrutura uma formação social”.

por Jair Bolsonaro. Resumidamente, o verbete “pós-verdade”, conforme a autora, apresenta diversos sentidos que se associam a dois campos:

- o campo da *cultura política*, a partir do qual se identifica a pós-verdade a um modo de enunciar “que faz apelos emocionais”;
- o campo da *propaganda política*, representado por um conjunto indeterminado de autores (“alguns”), que interpretam a pós-verdade como a enunciação de uma “mentira, fraude ou falsidade”. (FONTANA, 2021, p. 89).

Os dois campos convergem para uma interpretação da pós-verdade associada a um modo de dizer no campo político. A conexão do termo a uma fala emocional, fraudulenta e mentirosa conecta implicitamente a pós-verdade à imagem de um locutor a quem se atribuiria a falta de razão, a emoção e a falta de ética de uma enunciação incerta ou mentirosa (FONTANA, 2021). A partir da associação da “pós-verdade” à mentira/fraude, Fontana define o funcionamento discursivo dessa prática enunciativa como:

uma forma histórica particular da enunciação política caracterizada por ser a *fala pública de um locutor autorizado, identificado por um nome próprio e inscrito em um lugar institucional de destaque no campo político, a quem lhe seria atribuído um modo de dizer emocional e irracional e uma vontade de enganar e ludibriar a opinião pública*. A pós-verdade designaria, portanto, o modo de dizer de atores políticos no poder nas condições atuais de exercício da fala pública no Brasil e em diversas regiões do mundo (FONTANA, 2021, p. 90-91) (grifos do autor).

Essa associação da enunciação política da pós-verdade a um locutor autorizado converge com a segunda característica da função enunciativa foucaultiana, na qual aponta que não necessariamente o “autor” é idêntico ao sujeito do enunciado, na medida em que este é uma função vazia, isto é, um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições e exercer o papel de divergentes sujeitos (FOUCAULT, 2016). Entretanto, no caso específico da prática da pós-verdade, a partir da *trollagem*, a identificação deste sujeito, em alguns casos, é importante para compreender como o lugar de poder daquele locutor autoriza determinados discursos, como exemplificaremos a seguir:

Figura 3: Bolsonaro associa a COVID-19 a uma gripezinha



Fonte: YouTube

A imagem acima é um fotograma retirado de um pronunciamento nacional realizado pelo presidente Jair Bolsonaro e veiculado na TV e no rádio, no dia 24 de março de 2020⁶⁵, período em que a pandemia da covid-19 já acometia o mundo inteiro. Apesar da gravidade do vírus, o presidente produziu o seguinte enunciado: "No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho [...]"⁶⁶. Apesar do pronunciamento ter sido transmitido nacionalmente, dias após o feito, o presidente negou ter intitulado a covid-19 de "gripezinha" e afirmou que não existe nenhuma gravação que comprove o contrário.

Mesmo com a repercussão negativa deste pronunciamento entre a mídia tradicional, os políticos de oposição e em parte da população brasileira, o presidente continuou enunciando discursos contra a vacinação, o *lockdown* e o uso de máscaras. Além disso, persistiu no pensamento negacionista em relação às comprovações científicas da letalidade do vírus e a favor do uso de remédios cuja eficácia não estava cientificamente comprovada, como a cloroquina e a ivermectina, mesmo quando a covid-19 já havia ceifado a vida de inúmeros brasileiros. Ao refletir sobre a subjetividade na era da pós-verdade, Dunker (2017, p. 13) aponta

⁶⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE&ab_channel=Planalto. Acesso em: 29 jan. 2022.

⁶⁶ 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 07 dez. 2021.

que a pós-modernidade instaurou o surgimento de “uma espécie de avaliação permanente da retórica empregada, que induz e valoriza declarações impactantes e menosprezo por autoridades ou especialistas que possam desmenti-las”. Assim, no cenário educacional da pós-verdade, segundo o psicanalista, a atitude estética, flexível e humorada fomenta um cenário no qual é mais relevante quem está falando, com seu estilo e carisma, do que demonstrações, argumentos de qualquer autoridade anônima que apresenta ideias contrárias aos do primeiro sujeito. O sucesso dessa fonte da pós-verdade depende do trabalho minucioso do esquecimento, ou seja, o que importa são o consenso do momento e a confiança na última palavra. Nesse contexto, pensamentos diferentes “merecem no máximo o tratamento de ‘inclusão’ e no mínimo o desprezo silencioso” (DUNKER, 2017, p. 13).

No pronunciamento oficial citado, o presidente profere o discurso de maneira risonha, além de citar alguns sintomas do vírus na forma diminutiva, como “gripezinha” e “resfriadinho”, o que vai na contramão da seriedade do assunto e de como um sujeito que ocupa o cargo político mais alto do executivo da política brasileira deveria se portar no momento de uma pandemia mundial. Esse exemplo ilustra o perfil de um sujeito que (re)produz a estética da pós-verdade mencionada acima. Mais que isso, esse e outros discursos públicos mentirosos de Bolsonaro sobre a pandemia da covid-19 explicitam a incorporação do *troll* por parte do presidente. Avelar (2021) afirma que a estratégica retórica da *trollagem* sagrada pelo bolsonarismo teve no trumpismo estadunidense de 2016 o seu primeiro laboratório. No entanto, ainda que a estratégia retórica seja copiada, os investimentos enérgicos dos dois presidentes são divergentes. Enquanto Trump só se importava com os mortos pela pandemia no momento em que esses afetavam sua imagem e o mercado da Bolsa de Valores, Bolsonaro atua vivamente no maquinário da morte e na instrumentalização da pandemia para um genocídio dos sujeitos marginalizados. Percebemos, assim, que a ascensão do Partido dos Trolls à língua estatal, mediante o jogo discursivo da seriedade da pandemia como uma brincadeira, vem causando efeitos desastrosos no país.

A indistinção entre verdade factual, hipótese não fundamentada e pura invenção, traços indispensáveis à retórica da *trollagem*, como vimos no subtópico anterior e exemplificamos com o enunciado acima, associada à permissividade, que o populismo concede aos seus líderes e seguidores, de classificar tudo do que se discorda como mentiras da mídia e/ou conspirações contra a nação, o líder ou o povo, rememora a rejeição do fascismo em estabelecer a verdade empiricamente (FINCHELSTEIN, 2019). O campo associado da tática *troll* bolsonarista de inserir no debate público ideias polêmicas e controversas, com requintes humorísticos, irônicos e distante de uma criticidade, possui margens históricas na “bufonaria” fascista de Mussolini,

a qual mesclava propositalmente o ameaçador e o ridículo, em direção oposta à racionalidade comum da política na época⁶⁷.

A *trollagem*, enquanto parte da estética da extrema direita brasileira, inserida neste cenário de guerra cultural e pós-verdade, possui como característica mais visivelmente problemática a persistência de dissociação emocional do *troll* (PHILLIPS, 2016). Esse distanciamento emocional constrói o que Phillips (2016) intitula de “máscara da trollagem”, isto é, uma barreira afetiva que possibilita ao *troll* reduzir as consequências dos seus atos e amparar a inocência dos seus objetivos sob o pretexto de que não pretendia causar danos e que o feito foi apenas uma “brincadeira” ou para diversão própria.

Essa estratégia tem como pano de fundo um mecanismo assimétrico que a autora elucida a partir da teoria antropológica do jogo de Gregory Bateson. De acordo com Phillips (2016), a composição do jogo é dada quando os participantes indicam através da linguagem que determinados comportamentos devem ser vistos como brincadeira, algo fora da realidade. Apesar da *trollagem* designar uma estrutura similar, diferentemente da teoria de Bateson, em que há um engajamento recíproco e positivo entre os participantes do jogo, a máscara usada pela *trollagem* impede a reciprocidade, pois só o *troll* pode usar a máscara. A brincadeira é sempre feita às custas do outro, com o intuito de divertimento próprio e de quem consegue assimilar o seu espetáculo. Logo, a comunicação sempre será dupla⁶⁸. Por outro lado, quanto mais a sério os *normies* (pessoas que não são *trolls*) levarem o comportamento zombeteiro do *troll*, mais efetiva será a *trollagem*, pois se o alvo não enxergar a *trollagem* com seriedade, o *troll* terá falhado em sua missão.

A dupla comunicação é uma tática essencial para compreender a direita alternativa e, consequentemente, o núcleo ideológico do bolsonarismo. Segundo Nunes (2020), o jogo comunicacional da *trollagem* é base da técnica da direita alternativa de inserir ideias “controversas” e “polêmicas” no debate público de forma humorística, irônica e não comprometida com a crítica, características que fomentam a dúvida sobre a seriedade ou não da prática da *trollagem*.

Assim, alguns *trolls* utilizam essa estratégia de jogar com os limites dos *normies* para disseminar concepções extremistas no *mainstream*, através da brincadeira e do humor. Esse

⁶⁷ *Após marcha troll de Bolsonaro sobre São Paulo, democratas precisam isolar direita lunática*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/09/apos-marcha-troll-de-bolsonaro-sobre-sao-paulo-democratas-precisam-isolar-direita-lunatica.shtml>. Acesso em: 07 dez. 2021.

⁶⁸ *Alvim errou a mão na trollagem nazi inspirada na direita dos EUA*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/alvim-errou-a-mao-na-trollagem-bolsonarista-inspirada-na-direita-dos-eua.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2021.

tipo de *troll* é nomeado como *edgelord*, que conforme o dicionário urbano pode ser definido como “alguém que, especialmente mediante postagens da internet, utiliza discursos chocantes, niilistas e opiniões que eles próprios podem ou não acreditar a fim de chamar a atenção e transparecer a ideia de uma pessoa mais perigosa e única” (tradução nossa)⁶⁹.

No atual contexto político brasileiro, alguns integrantes da ala ideológica da extrema direita, inclusive o presidente Jair Bolsonaro e seus filhos, podem ser classificados como *trolls edgelords*. Um exemplo do uso dessa estratégia aconteceu durante uma entrevista com o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PSL), transmitida no Youtube, feita pela jornalista Leda Nagle. Durante a entrevista, o Deputado sugeriu a criação de um novo AI-5 (Ato Institucional Número 5) em resposta a uma possível radicalização da esquerda. Vejamos alguns trechos deste diálogo:

Vai chegar um momento em que a situação vai ser igual ao final dos anos 1960 no Brasil, quando sequestravam aeronaves, executavam e sequestravam grandes autoridades, cônsules, embaixadores, execução de policiais, militares. Se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta, e uma resposta ela pode ser via um novo AI-5, pode ser via uma legislação aprovada através de plebiscito, como ocorreu na Itália. Alguma resposta vai ter que ser dada porque é uma guerra assimétrica (...) (UOL, 2019)⁷⁰.

Ao proferir publicamente, em um cenário democrático, um possível retorno do decreto mais autoritário da ditadura militar brasileira, o Deputado testa os limites do aceitável através da língua da *trollagem*. Caso seja questionado pelo público externo, o *troll*, neste caso Eduardo Bolsonaro, poderá recuar e dizer que foi mal interpretado ou que não há mais liberdade de expressão na era do politicamente correto. O jogo discursivo é fomentado pelo discurso bélico de combate ao (falso) inimigo, em que qualquer medida é admissível para destruir o perigo, discurso que provoca engajamento digital, pois tanto os aliados quanto os adversários divulgarão o conteúdo, os primeiros por concordarem com o que foi dito e os segundos por indignação. De qualquer forma haverá circulação da *trollagem*, não importa se essa visibilidade foi positiva ou negativa, pois o que é relevante para *troll* é o engajamento e a sensação de ter feito os *normies* caírem na armadilha.

⁶⁹ Versão original: “Someone, especially posting on the internet, who uses shocking and nihilistic speech and opinions that they themselves may or may not actually believe to gain attention and come across as a more dangerous and unique person”. Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=edgelord>. Acesso em: 10 dez. 2021.

⁷⁰ Eduardo Bolsonaro fala em novo AI-5 “se esquerda radicalizar”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/31/eduardo-bolsonaro-fala-em-novo-ai-5-se-esquerda-radicalizar.htm>. Acesso em: 11 dez. 2021.

Diferente do humor comumente presente na política brasileira, em que havia a coparticipação dos pares presentes na comunicação, a *trollagem* inaugura um humor da superioridade, uma vez que apenas o *troll* e os outros membros do grupo possuem o conhecimento do estatuto de seriedade da sua prática, direcionando os outros interlocutores a um estado de menoridade.

A fim de discutir a respeito da ideia de menoridade kantiana, Foucault (2010b) se atém aos aspectos teóricos do texto *O que é o Iluminismo? (Was ist Aufklärung?)*, escrito pelo próprio Kant. Conforme Foucault (2010b, p. 25), a resposta à pergunta que intitula o texto kantiano é “A saída do homem da sua menoridade, pela qual ele próprio é responsável”. Além disso, segundo o filósofo francês, Kant define menoridade a partir da incapacidade do homem de usar o seu entendimento sem a direção de outra pessoa. O estado de menoridade é responsabilidade do próprio sujeito, uma vez que a sua causa se dá em uma omissão de coragem e de decisão para utilizar o seu conhecimento sem a direção de outrem.

Ainda sobre o texto kantiano, Foucault (2010b) elucida sobre o que é sair do estado de menoridade e o que fundamenta essa saída. Primeiramente, esse estado não deve ser confundido com uma espécie de infância da humanidade ou impotência natural, pois os homens são absolutamente capazes de guiarem-se por si próprios, o que falta, geralmente, é uma determinada falta de vontade de orientar-se sozinho. Assim, a menoridade é muito mais uma noção jurídica ou político-jurídica do que algo natural. Diante da incapacidade de direção própria dos sujeitos, outros exercem essa função. No entanto, ao contrário do que muitos poderiam pensar, esse estado não é exercido através de uma privação de direitos, como percebemos por alguns exemplos mencionados por Kant: um livro que faz o papel de entendimento ou um médico que decide pelo paciente o seu regime, por conseguinte este está isento de preocupação. Deve-se salientar, ademais, que a questão kantiana não se refere à ilegitimidade dos livros ou da condução médica, mas sim ao modo como os homens

fazendo sua própria consciência moral funcionar, ele a substitui pela consciência moral de um diretor de consciência que lhe diz o que deve fazer. E é enfim uma certa maneira de se servir de seu saber próprio acerca da sua própria vida, uma maneira tal que ele substitui o que pode saber, decidir ou prever da sua vida pelo saber que um médico dela possa ter (FOUCAULT, 2010b, p. 29-30).

É nessa relação viciada entre governo de si e governo dos outros, ou seja, a forma como usamos a nossa razão e a direção dos outros que se define o estado de menoridade. Uma espécie de carência na relação de autonomia consigo mesmo, por meio de uma espécie de “preguiça”

ou “covardia”, que impossibilita o usufruto da nossa razão e moral e cria condições de possibilidade para uma superimposição da direção de outrem. O funcionamento do estado da menoridade, de acordo com a leitura de Foucault do texto kantiano, se dá a partir de dois pares: “[primeiro,] opar obediência e ausência de raciocínio; segundo, o par, ou pelo menos a confusão entre duas coisas que devem ser distinguidas: o privado e o público” (FOUCAULT, 2010b, p. 33). No que concerne ao primeiro par, Kant aponta que nas sociedades há uma crença comum entre os governantes e os governados (por covardia e preguiça) que só pode haver obediência onde não há raciocínio. Em relação ao segundo par, o que Kant nomeia como privado o que entendemos por público/profissional.

Essa caracterização faz referência ao uso que fazemos das nossas faculdades quando somos pertencentes a uma instituição ou a um corpo político, pois quando somos peças que desempenham alguma função agimos como indivíduos inseridos em um conjunto e não como sujeitos universais. Por outro lado, o uso público acontece quando usamos a nossa faculdade e o nosso entendimento em uma posição de sujeito universal. Somos sujeitos universais quando nós, como sujeitos racionais, nos direcionamos ao grupo dos seres racionais. Consequentemente, há menoridade a partir do momento em que há desarranjo entre obedecer e não raciocinar e nessa confusão oprime-se o uso universal e público do nosso entendimento. Em contrapartida, poderá haver maioridade se não for imposta uma relação de autoridade, pois ao passo que na menoridade haverá obediência e, por consequência, o não uso da razão no uso público ou privado, na maioridade não há a conexão entre raciocínio e obediência nos dois usos.

O uso de uma estética que sobrepõe o emocional ao racional, instiga a polarização e a destruição do opositor político e promove o constante jogo discursivo entre brincadeira e seriedade, através da *trollagem*, é recorrente na extrema direita brasileira. Esses traços contribuem para a permanência dos seus seguidores/eleitores no estado de menoridade kantiano, em que o uso público do entendimento é oprimido por um seguidismo irracional ao líder/presidente.

Há, no século XXI, a imposição de um novo regime de verdade em que práticas discursivas políticas adquirem, através do uso excessivo das emoções, características próprias do marketing, tendo como efeito a manipulação dos consumidores/seguidores (ARNOUX, 2021). Neste contexto, a prática da *trollagem* e o compartilhamento do comportamento *troll* no mundo digital, por meio de grupos do *whatsapp* e de postagens em redes sociais (Twitter, Instagram, Youtube etc), geram uma sensação de pertencimento grupal em usuários que

compartilham conteúdos que fora de uma determinada bolha ideológica são julgados como politicamente incorretos e/ou discurso de ódio.

O funcionamento e a forma de circulação do discurso político na era digital da pós-verdade condiciona o uso de uma prática da *trollagem* política que dissemina inverdades no debate público. Por meio de uma visão subjetiva da realidade, introduz ideias polêmicas, preconceituosas e violentas sob o véu da ironia e do humor e fomenta a falta de criticidade, o seguidismo obediente em relação ao *troll*/político e, por conseguinte, a manutenção de um estado de menoridade, como exemplificamos através de alguns enunciados que materializaram formas de *trollagem* na política brasileira contemporânea. A ruptura que essa prática vem promovendo no discurso político é um acontecimento discursivo que precisa ser estudado, caracterizado e enfrentado pelos cidadãos que prezam por uma democracia igualitária, em que haja um balanço justo entre o uso do *ethos*, do *pathos* e do *logos* no debate público.

CAPÍTULO III – A DISPERSÃO DO ACONTECIMENTO DA *TROLLAGEM* EM DISTINTAS MATERIALIDADES

Neste capítulo, teceremos algumas considerações a respeito de dois conceitos centrais para a perspectiva foucaultiana de análise dos discursos: o enunciado e o acontecimento. Esses conceitos servirão de base teórica para a análise dos enunciados. Posteriormente, analisaremos a dispersão do acontecimento da *trollagem* no discurso político brasileiro materializada em distintas materialidades, mais especificamente em *memes* políticos, falas públicas e gestos públicos.

3.1 – O enunciado e o acontecimento: a perspectiva foucaultiana de análise dos discursos

Michel Foucault foi um dos mais relevantes intelectuais do século XX e, através de suas obras, nos concedeu uma expressiva caixa de ferramentas teórico-metodológicas que permitem a estudiosos de diferentes áreas a problematização de noções essenciais às ciências humanas, como verdade, história, discurso, sujeito, dentre outros. A teoria foucaultiana é, didaticamente, dividida em três fases: a primeira diz respeito à arqueologia, a segunda à genealogia e a terceira à ética e à estética de si. Neste tópico, discutiremos as características do enunciado – teoria cunhada na fase arqueológica - e a noção de acontecimento, conceitos que permearão as análises desenvolvidas neste capítulo.

Tendo em vista que analisaremos diferentes materialidades sincréticas (compostas por textos verbais e imagens) divulgadas na *web*, a noção de enunciado, desenvolvida por Foucault, servirá de base para enxergarmos as materialidades sob a perspectiva discursiva. Conforme o autor, o enunciado deve ser analisado não enquanto uma proposição, frase ou ato de fala, mas sim enquanto um átomo do discurso:

À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso (FOUCAULT, 2016, p. 96).

Foucault assume que o enunciado se difere da proposição, da frase e do ato de fala por conta da limitação imposta à delimitação dessas três categorias, uma vez que “encontramos enunciados sem estrutura proposicional legítima, encontramos enunciados onde não se pode reconhecer nenhuma frase; encontramos mais enunciados do que os *speech acts* que podemos

isolar” (FOUCAULT, 2016, p. 101). O enunciado, então, é algo mais tênue, menos carregado de determinações e menos estreitamente estruturado. Ao invés disso, é mais onipresente que todas essas figuras, como se seus caracteres fossem reduzidos e menos difíceis de serem agrupados; sendo, por isso mesmo, impedido de ser definido de modo limitado, tendo em vista que é um objeto histórico e se configura a partir de distintos meios. Isto posto, o enunciado não é uma unidade, mas sim “uma função que cruza um domínio de estruturas e de enunciados possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2016, p. 105).

Desse modo, o enunciado foucaultiano é caracterizado enquanto função enunciativa. Quatro características definem a função enunciativa, as quais elencamos abaixo:

[Primeira característica]: Um enunciado não tem diante de si (e numa espécie de conversa) um *correlato* – ou uma ausência de *correlato*, assim como uma proposição tem um referente (ou não), ou como um nome próprio designa um indivíduo (ou ninguém). Está antes ligado a um “referencial” que não é constituído de “coisas”, de “fatos”, de “realidades”, ou de “seres”, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo a formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade. (FOUCAULT, 2016, p. 109-110)

[Segunda característica]: Para que uma série de signos exista, é preciso – segundo o sistema de causalidades – um “autor” ou uma instância produtora. Mas esse “autor” não é idêntico ao sujeito do enunciado, e a relação de produção que mantém com a formulação não pode ser superposta à relação que une o sujeito enunciante e o que ele anuncia. (FOUCAULT, 2016, p. 112)

[Terceira característica]: ela não pode se exercer sem a existência de um domínio associado. Isso faz do enunciado algo diferente e mais que um simples agregado de signos que precisaria, para existir, apenas de um suporte material – superfície de inscrição, substância sonora, matéria moldável, incisão vazia de um traço. (FOUCAULT, 2016, p. 116)

[Quarta característica]: deve ter existência material. [...] O enunciado é sempre apresentado através de uma espessura material, mesmo dissimulada, mesmo se, apenas surgida, estiver condenada a se desvanecer. Além disso, o enunciado tem necessidade dessa materialidade; mas ela não lhe é dada em suplemento, uma vez bem estabelecida todas as suas determinações: em parte, ela o constitui. (FOUCAULT, 2016, p. 121)

A descrição do nível enunciativo não se assemelha a uma análise formal, pois o próprio referencial do enunciado define as leis de possibilidade e as regras de existência do jogo enunciativo. Outra característica intrínseca ao enunciado é o lugar determinado e vazio que o indivíduos divergentes podem ocupar, uma vez que para uma proposição, uma frase ou um conjunto de signos assumirem o posto de enunciado é necessário assinalar a posição do sujeito, isto é, não analisar o que o autor quis dizer, mas sim “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2016, p. 116). Em associação às duas primeiras características, a função enunciativa não se exerce sem relação de todo um campo adjacente, o que impossibilita a existência de um enunciado livre, neutro e independente; ao contrário disso, o enunciado está sempre integrado a um jogo enunciativo, apoiando-se e diferenciando-se de outros enunciados nesse meio. A quarta e última condição da função enunciativa refere-se à substância, ao suporte, ao lugar e à data que estão intrínsecas ao enunciado. Quando há alguma mudança nesses requisitos, há mudança de identidade no próprio enunciado.

Postas essas quatro características da função enunciativa, a descrição dos enunciados, conforme Foucault (2010), está relacionada às condições nas quais se realizou a função que concebeu a uma série de signos uma existência específica. Esta a faz revelar-se como relação com um domínio de objetos, como um jogo de posições possíveis para um sujeito, como um elemento em um campo de coexistência e como uma materialidade repetível. Assim, a descrição dos enunciados aponta, segundo uma dimensão de certa forma vertical, as condições de existência dos divergentes conjuntos significantes. A análise enunciativa é, dessa forma, uma análise histórica, uma vez que às coisas ditas é indagado de que modo existem, o significado de sua manifestação, o fato de terem deixado rastros e, talvez, de perdurarem para uma reutilização eventual; o porquê delas apareceram – e nenhuma outra em seu lugar.

O discurso na perspectiva foucaultiana é, então, “constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2016, p. 143). Essa limitação discursiva é atribuída, conforme Foucault (2016), à diferença entre o que poderíamos dizer segundo as regras gramaticais e lógicas em uma época e o que é dito efetivamente. Assim, o discurso é histórico, ao passo em que é unidade e descontinuidade na própria história, que problematiza os seus próprios limites, cortes, transformações e modos específicos de sua temporalidade.

A análise enunciativa, portanto, diferente das noções que ligavam entre si o pensamento humano e os seus discursos, propõe apenas a relação de aceitação com uma população de

acontecimentos dispersos. Dessa forma, uma vez colocadas em suspenso as formas prévias de continuidade, como abordamos no primeiro capítulo, possibilita-se a liberação de um domínio imenso, caracterizado pelo conjunto de todos os enunciados efetivos. A análise dos enunciados sob a ótica da descontinuidade permite, então, restitui-lo à sua singularidade de acontecimento, uma vez que “ele é tratado em sua irrupção histórica; o que se tenta observar é essa incisão que o constitui, essa irreduzível – e bem frequentemente minúscula – emergência” (FOUCAULT, 2016, p. 108). Portanto, é esse acontecimento de natureza estranha que emergiu na contemporaneidade, posto neste trabalho como a *trollagem* na ordem do discurso político brasileiro, imerso em um jogo de relações e articulado a outros acontecimentos das mais diversas ordens, como política, econômica, social etc, que nos interessa analisar a partir da perspectiva arqueológica de análise dos enunciados.

3.2 – Reverberações da eleição de Jair Bolsonaro em 2018: o acontecimento da *trollagem* na ordem do discurso político brasileiro

Treze candidatos disputaram as eleições presidenciais de 2018, sendo os principais: Fernando Haddad (PT), Jair Bolsonaro (PSL), Ciro Gomes (PDT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos (PSOL), Cabo Daciolo (Patriota) e Marina Silva (REDE). O segundo turno foi disputado entre os candidatos do PT e do PSL, sendo o segundo o vitorioso. A campanha foi marcada pela imensa e intencional disseminação de *fake news* e discurso de ódio por parte dos candidatos e dos seus apoiadores nas redes sociais, algo inédito desde a redemocratização política do país.

A *trollagem* também conquistou grande espaço no ambiente político brasileiro, principalmente após as eleições, tornando-se uma prática regular na estética da extrema direita brasileira. Um dos principais atributos da *trollagem* é a utilização do humor para encobrir discurso de ódio contra minorias sociais e opositores políticos, o que proporciona a atenção necessária do leitor mediante a volubilidade de informações na rede e o pertencimento a um grupo que compartilha semelhantes emoções e vontades de verdade, além de pôr em xeque a austeridade do enunciado, o que coloca o não *troll* em constante dúvida acerca da seriedade/brincadeira daquele humor sem filtro. Isto posto, analisaremos, nos próximos subtópicos, o funcionamento da *trollagem* no discurso político brasileiro a partir distintas materialidades: *memes* políticos, falas públicas e gestos públicos.

3.2.1 – A memeficação da política: o funcionamento da *trollagem* em memes políticos

O uso intenso e regular da *web* na contemporaneidade provocou diversas mudanças sociais, dentre elas a incorporação da linguagem das redes sociais pelos políticos, tanto nas campanhas eleitorais quanto na comunicação diária desses sujeitos públicos com a população. Um dos principais adeptos dessa linguagem é o presidente brasileiro Jair Bolsonaro. Segundo Moura & Cobellini (2019), mesmo que o discurso de Bolsonaro esteja atrelado a temas fortes e controversos, não é recorrente o político transmiti-lo de maneira clássica, mas sim a partir de uma linguagem folclórica, lúdica e juvenil. Essa linguagem é soberana em redes como WhatsApp, Youtube, Instagram, Twitter e Facebook e conquista milhões de seguidores no mundo digital.

O fenômeno retórico da linguagem memética tornou-se traço estético não só do presidente, mas também de grande parte dos adeptos à extrema direita, que compartilham regularmente conteúdos desse espectro ideológico nas redes sociais. Este acontecimento, que provocou uma descontinuidade na recorrente seriedade do discurso político, conquistou forte notoriedade nas eleições presidenciais de 2018, sobretudo no que Avelar (2021) intitula de “WhatsApp bolsonarista”, cujos principais eixos se dão a partir de quatro espaços: bairro, família, igreja e escola. Esses grupos foram responsáveis pela construção de uma rede de sociabilidade entre os bolsonaristas, engajando milhares de eleitores a partir de laços com familiares, grupos religiosos e de bairro.

Nesse contexto, o funcionamento do *meme* bolsonarista em tais grupos e em outras redes sociais se dá, em primeiro plano, a partir da suspensão da distinção entre o discurso constativo e performativo, o que dificulta a identificação dos conteúdos falsos presentes nesses enunciados. Além disso, a rede de sociabilidade citada acima permite a confiabilidade no discurso presente no *meme*, haja vista que, teoricamente, o usuário que o repassou é uma pessoa confiável e que não mente. Além de validar os laços de confiança entre os sujeitos, o *meme* também reforça esses mesmos laços, porque junto a esses *memes* também circulam nesses grupos mensagens religiosas, frases de autoajuda, ânimo empreendedorista e uma *trollagem* cômica materializada em *memes* e vídeos (MOURA; COBELLINI, 2019). Cabe-nos analisar, então, a *trollagem* materializada nos *memes*, isto é, descrever a maneira de funcionamento desses enunciados a partir das suas características e mapear as condições de possibilidade e de circulação desses discursos, atentando ao modo como sua prática reativa discursos historicamente enraizados no imaginário brasileiro, agencia dizeres e produz efeitos que extrapolam o campo simbólico.

Para tanto, consideramos os *memes* que analisaremos como uma forma de *trollagem* política, conceito cunhado por Lamerichs et al (2018) e definido anteriormente neste trabalho. Entendemos que esses enunciados não só materializam discursos de ódio como também fomentam comportamentos tóxicos. Assim, dividiremos o primeiro momento da nossa análise com base em algumas temáticas observadas como regulares nesses enunciados, são elas: a virilidade, a homofobia e a xenofobia.

3.2.1.2 - Virilidade

No século XXI, principalmente após a ascensão da extrema direita no cenário político ocidental, observa-se o recrudescimento de um ideal viril associado ao conservadorismo e que, consequentemente, promove a perseguição aos sujeitos que não se encaixam nesse estereótipo másculo heteronormativo, como mulheres e homossexuais. Neste escopo, Courtine (2020) aponta que a vitória de um candidato assumidamente sexista e racista, nas eleições americanas de 2016, foi o acontecimento decorrente de uma raiva coletiva, fruto de uma ansiedade de massa, composta majoritariamente por homens brancos, que sentiram insegurança e medo com a derrocada dos seus privilégios e com a diminuição de *status* social nos últimos anos. Os ecos desse acontecimento reverberaram, não aleatoriamente, no cenário brasileiro, posto que verificamos, principalmente após a eleição do representante da extrema direita no Brasil, Jair Bolsonaro, a legitimação de um discurso que propaga um ideal viril filiado ao militarismo, à violência e contra as minorias sociais. Trata-se de um discurso que esteve, desde sempre, associado às relações de poder, aos processos de subjetivação que produziram o homem viril no decorrer do tempo histórico, que desempenhou a manutenção de um discurso dominante em favor dos grupos e das instituições a quem valia a dominação masculina (COURTINE, CORBIN, VIGARELLO, 2013)

Agora, cabe-nos demonstrar, com nossas análises, o funcionamento contemporâneo deste discurso e mais particularmente o modo como ele se dá a ver no cenário político a partir da *trollagem*: as relações de poder que exerce, os enunciados que compreende, as retomadas discursivas que aí se inscrevem e as subjetividades que produz.

Para tanto, acostamo-nos a Empoli (2019), que caracteriza a atual configuração política como uma nova forma de tecnopopulismo pós-ideológico, esculpida pela internet e pelas novas tecnologias, em cujo funcionamento os insultos e a vulgaridade perdem o *status* de tabu. É assim que os preconceitos, o racismo e a discriminação de gênero emergem e as *fake news* e o conspiracionismo se transformam em modelos para a interpretação da realidade. Nesse cenário,

a extrema direita faz valer uma estratégia política que dissemina ideais políticos/sociais pela *web*, no interior da qual o uso de *memes* se tornam uma tendência mundial pelo impacto político de que se mostram capazes. No limite, diríamos que as mídias participativas como os *memes* são a chave para se engajar com a democracia e a cidadania contemporâneas, conforme argumentam Lamerichs et al (2018).

Assim como os *memes* da extrema direita estadunidense, os brasileiros trabalham na regularidade de algumas temáticas, dentre elas, aquela que atribui a seus principais representantes, como o atual presidente brasileiro Jair Bolsonaro, um ideal masculino de virilidade⁷¹. Vejamos o primeiro enunciado:

Figura 4: Associação de Bolsonaro aos cavaleiros templários⁷²



Fonte: Site de divulgação científica *Mais história, por favor*

Este primeiro enunciado retrata o atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, cavalgando em uma espécie de descampado. Montado em um cavalo, Bolsonaro porta uma armadura revestida por um uniforme branco com uma cruz vermelha, além de uma capa. Em punho, a

⁷¹ Em julho de 2020, uma matéria de *Folha de São Paulo* discutiu o assunto: *Entenda por que memes da ultradireita fetichizam homens fortes e machões*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 09 abr. 2021.

⁷² Os cavaleiros templários... No Brasil? Em 2020? Disponível em: <https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/os-cavaleiros-templ%C3%A1rios-no-brasil-em-2020-35582def0cdf>. Acesso em: 09. abr. 2020.

bandeira imperial brasileira. Toda a imagem é produzida para demonstrar o movimento enérgico da cavalgada: o cavalo tem uma de suas patas dianteiras suspensa, dando a impressão de que está em pleno galope; enquanto isso, o vento bate não só em seus cabelos, como ainda na roupa de Bolsonaro e na bandeira que traz em mãos. Abaixo do enunciado, em letras verdes, uma convocação: “Bom dia soldados! Dispostos a lutar?”. Acima, a imagem de um padre abençoa a cena; o padre é aqui representado por Enéas Carneiro, ex-militar, político e considerado um dos principais representantes do conservadorismo nacionalista brasileiro.

De modo geral, o enunciado traça uma espessura histórica com a produção de discursos medievalistas, particularmente aquele que remonta aos Cavaleiros Templários, ordem militar de cavalaria que existiu entre os séculos XII e XIV. Seus membros usavam o mesmo uniforme usado no enunciado por Bolsonaro, e tinham por função a proteção dos cristãos que peregrinavam até Jerusalém. Esta Ordem é atualmente retomada por um grupo autointitulado Cavaleiros Templários do Brasil, que se caracteriza como uma “organização religiosa, paramaçônica e tradicional com base nos Cavaleiros da Idade Média”⁷³ e possui como representante político o atual presidente Jair Bolsonaro. Assim, conforme o fizeram outrora os cavaleiros medievais, Bolsonaro passa a ser, no enunciado, o cavaleiro que, com a coragem enérgica que lhe confere sua virilidade e com a benção de um religioso conservador, protege a peregrinação de seu povo. Além disso, este enunciado corresponde a uma estética de imagens daqueles séculos, pois simula o padrão imagético de pinturas recorrentes na época.⁷⁴

Este intento está materializado ainda na pergunta/convocação impressa no enunciado – “Bom dia soldados! Dispostos a lutar?” –, na qual já se pressupõe a função de soldado dos interlocutores e ainda sua necessária disposição à luta. Trata-se da construção de Bolsonaro como guerreiro medieval e como líder da tropa, e de seus seguidores/eleitores como soldados dispostos a lutar em prol da nação. Há aqui uma reativação da imagem do soldado corajoso e combativo, cuja virilidade, para Bertaud (2013), é conservada por conta de uma educação moral alimentada pelo amor à pátria: “A virilidade militar toma as cores do patriotismo e o soldado se torna cidadão” (BERTAUD, 2013, p. 200).

Além disso, o uso intencional da forma do plural, observada na expressão “dispostos”, implica um engajamento denotado pela escolha de uma linguagem inclusiva. Assim, a mensagem verbal materializada no *meme* convida à luta bélica/política tanto o emissor quanto

⁷³ Fonte: <https://medium.com/@podcastmaishistoriafavor/os-cavaleiros-templ%C3%A1rios-no-brasil-em-2020-35582def0cdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

⁷⁴ Um exemplo de estética gráfica semelhante ao *meme* em análise são as ilustrações presentes na obra *A Luz da Liberal e Nobre Arte da Cavallaria offerecida ao Senhor D. João Príncipe do Brasil*, escrita por Manuel Carlos de Andrade. A obra é um tratado de cavalaria da era do Antigo Regime.

o receptor da mensagem, sendo esses sujeitos do discurso os milhares de usuários que compartilham e visualizam o enunciado em suas redes, que se sentem incluídos em uma rede discursiva de ideais e sentimentos semelhantes.

O militarismo, o patriotismo e a religião cristã são discursos/ instituições que fomentam a virilidade e que historicamente ocuparam lugares de poder, atuando em conjunto na subjetivação dos cidadãos ocidentais com vistas à construção de um ideal masculino viril e disposto a lutar e a morrer pela nação. No cenário político contemporâneo, este funcionamento está atualizado pelo mote do Integralismo⁷⁵ retomado pela direita alternativa brasileira: “Deus, Pátria e Família”; ou ainda pelo mote do próprio Jair Bolsonaro: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Assim, cenários de recorrentes crises econômicas e políticas, como este que vivemos atualmente, propiciam condições de possibilidade para a legitimação de discursos saudosistas, como o do *meme* acima, em que modelos de virilidade, que são atualmente combatidos por discursos progressistas, ganham força e possibilitam o retorno de discursos autoritários e violentos que estavam adormecidos, porém não mumificados. Trata-se da reativação e da atualização de discursos que reacendem o ideal do homem viril como herói capaz de salvar a nação dos perigos contemporâneos, fazendo-a retornar a um passado de glória e grandeza.

Um segundo *meme* da extrema direita que aqui analisaremos nos mostrará outra particularidade recorrente nesta iconografia, que é a fetichização de um corpo ultramasculino. Vejamos:

⁷⁵ Movimento surgido na década de 1930, no Brasil, inspirado pelo fascismo europeu.

Figura 5: Bolsonaro “Make Brazil Great Again”⁷⁶



Fonte: Folha de São Paulo

Este segundo *meme* retrata uma disputa entre dois homens em um cenário de guerra e destruição. Acima, disparando um chute que derruba seu inimigo, está a imagem de Jair Bolsonaro, que ostenta sua arma enquanto liquida seu adversário. Já caindo e soltando uma espécie de fuzil, está a imagem de Lula, em uma expressão de derrota. Sem camisa, Bolsonaro ostenta seus músculos, que se apresentam como metonímia da força necessária para o golpe que dispara; Lula, por seu turno, está com um macacão, e ainda que os músculos de seu braço direito apareçam rapidamente, isto não sugere qualquer potência, mas antes a habilidade de seu oponente em rasgar a manga de seu uniforme. Acima da cena, a afirmação: “Bolsonaro make Brazil great again”.

O que se tem, neste enunciado, é a atualização de uma memória cinematográfica. O cinema, enquanto entidade que produz saber e poder, funciona como uma rede de elementos discursivos e não discursivos que estão inscritos na sociedade. A série de filmes estadunidenses *Rambo* desempenhou um papel relevante para a disseminação de modelos viris no Ocidente baseados na potência muscular, além de ter sido difundida enquanto propaganda norte-americana contra o comunismo, tendo em vista que o personagem principal da série, John

⁷⁶ Meme veiculado em: *Entenda por que memes da ultradireita fetichizam homens fortes e machões*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 09 abr. 2021.

Rambo, é um ex-combatente da Guerra do Vietnã. Assim, partindo do pressuposto de que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2016, p. 118), o que o *meme* em questão opera é a atualização de um imaginário já cristalizado na cultura ocidental. De um lado, a representação de Bolsonaro enquanto Rambo, herói e salvador da nação, derrotando seu adversário; de outro lado, Lula, representado como um soldado vietnamita⁷⁷, comunista e inimigo da pátria, ou seja, um oponente a ser expurgado. Mas além disto, há ainda a atualização do lema do ex-presidente norte-americano Donald Trump – “Make America great again” –, por meio da frase “Bolsonaro make Brazil great again”.

A respeito desta atualização enunciativa, Courtine (2014, p. 105-106) conceitua a noção de memória discursiva que, conforme o autor, relaciona-se “à *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (grifos do autor). Ao contrário de uma memorização psicológica cujo interesse está em uma medida cronométrica, a memória discursiva rompe com a noção de visão cronológica da história, uma vez que se volta à pluralidade dos tempos históricos. Assim, o efeito de memória acontece com a recuperação e atualização da formulação-origem norte-americana feita pela extrema direita brasileira, assumindo, deste modo, não só a luta do outro, mas também a sua língua.

Trata-se, uma vez mais, da reativação do discurso da virilidade em resposta a um cenário de crise política e social. Segundo Finchelstein (2019), a reprodução de uma memória masculina ideal associada à luta corporal e à destruição do inimigo são características fundamentais dos líderes messiânicos fascistas, sendo estas retomadas no presente em virtude das condições de possibilidade representadas pela (re)ascensão de governos populistas de extrema direita ao redor do mundo. Trata-se de uma resposta à visibilidade e à legitimidade conquistada, nas últimas décadas, por governos democráticos e progressistas, bem como pelos movimentos sociais que pautam identidades minoritárias e que colocam em xeque, de certa forma, esta virilidade que se ampara entre o heroísmo cinematográfico e a violência deliberada. Mas não é só isso: trata-se ainda da reprodutibilidade dos *memes*, na medida em que é colocado o rosto de Bolsonaro no lugar do personagem original, na tentativa de aproveitar os sentidos ali postos e de atualizar estrategicamente tais imagens – um novo rosto, um novo suporte, um novo momento histórico.

Conforme abordamos no capítulo anterior, o conceito de guerra cultural envolve uma concepção agônica de disputa cultural em que há a eliminação de tudo que seja diverso. O *meme* acima, assim como outros que regularmente circulam dentro dessa mesma cadeia

⁷⁷ A roupa de Lula representa as vestes usadas pelos soldados vietnamitas durante a Guerra do Vietnã.

enunciativa (re)produzida pela *trollagem* da extrema direita brasileira, utilizam o humor e a paródia, atributos intrínsecos aos *memes*, como recursos de propagação de discursos tóxicos no mundo digital. Mais que isso, esses *memes* trabalham com uma estética de enquadramento que se materializa por meio da narrativa principal e da piada de todo o enunciado, envolvendo os elementos visuais e textuais. Os *memes* políticos compartilhados por adeptos da extrema direita frequentemente atacam oponentes políticos. Desse modo, através do humor e da paródia, eles desviam das limitações das agendas dos meios de comunicação de massa e fabricam suas próprias narrativas sobre o contexto político, como apontam Lamerichs et al (2018). A propagação reiterada de *memes* envolvendo um cenário de batalha entre Bolsonaro e seus opositores, tanto nas eleições de 2018 quanto durante o seu mandato presidencial, serve para construir a ideia de um inimigo imaginário e encobrir o despreparo político do representante da extrema direita.

A despeito da aparente inofensividade dos *memes* políticos, eles possuem um discurso de ódio que ultrapassa o campo simbólico e atinge a vida dos sujeitos considerados inimigos. Prova dos efeitos dessa prática discursiva foram algumas ameaças feitas pelo então candidato da extrema direita, nas eleições de 2018, aos seus adversários políticos, sobretudo aos filiados ao PT, a exemplo da fala de Bolsonaro que mencionamos no capítulo anterior: “Vamos fuzilar a petralhada toda aqui do Acre”. Percebemos, então, como o funcionamento da *trollagem* política, materializada nos *meme* acima, emerge como estratégia retórica de um discurso extremamente agressivo contra o oponente sob o véu do humor que garante o aspecto de dubiedade acerca da seriedade do enunciado em questão, além de conservar o engajamento digital/eleitoral dos adeptos desses discursos injuriosos.

Sobre a hipermasculinidade estampada pelo *meme*, Courtine (2013b, p. 558) assinala que ela “se tornou um elemento central na cultura do corpo na América de hoje e, além disso, de uma cultura visual global”. Assim, os *memes* da extrema direita brasileira, ao hiperbolizarem essa cultura viril do *body-building*, contribuem para um conjunto de práticas que é muito mais que a representação de um ideal, mas uma construção ideológica que se assenta em um suporte material, pois é “produzida por uma indústria, organizada em um mercado, disseminada em um conjunto de práticas de massa” (COURTINE, 2013b, p. 563). Todo um conjunto de práticas, portanto, que vai trabalhar em prol da virilidade e cuja iconografia, de fetichização do corpo másculo, se coloca à esteira dos ideais viris disseminados em governos totalitários, como o nazismo e o fascismo, em que posições de poder devem, e são, ocupadas por homens, pois sujeitos que não estão inscritos nessa ordem masculina, como as mulheres, estão fadados a permanecer em posições de subalternidade.

Nessa conjuntura, o cenário de crise política e social contemporâneo, como abordamos acima, possibilita a recuperação de uma memória conservadora da virilidade, isto é, a imagem de um salvador viril que vai encaminhar o retorno a um passado em que havia a conservação de determinados preceitos considerados ideais para a manutenção de uma sociedade. Essa memória remonta ao sentimento propagado pelo nazifascismo no período entreguerras. Naquele momento histórico, os adeptos a essa ideologia, por mais que tenham constituído um movimento de massa, não acreditavam que um grupo de pessoas poderiam governar. “Somente uma vanguarda, servindo a um grande líder, seria capaz de impulsionar a nação e criar uma nova ordem social” (EATWELL, 2020, p. 85). A (re)atualização desse discurso nos dias atuais está materializada nos enunciados acima, sendo o líder viril da pátria não Mussolini ou Hitler, mas sim Jair Bolsonaro.

Além de compreender o funcionamento da espessura histórica (re)atualizada nos enunciados acima, precisamos também entender as forças de poder construtivas de masculinidades que atuam a partir da reiteração de discursos violentos nesses dois *memes* da extrema direita brasileira. A *trollagem* materializada nesses enunciados atuam no mesmo campo associado de acontecimentos que o decreto sobre a flexibilização da posse de armas de fogo, assinado em janeiro de 2019 pelo presidente Jair Bolsonaro. Eles atuam em semelhante campo adjacente, pois não há enunciado livre, neutro e independente, mas sempre um enunciado atuando no interior de uma série ou conjunto (FOUCAULT, 2016). Assim, tanto os *memes* acima quanto o decreto armamentista possuem um componente de gênero na medida em que seu público-alvo são homens. Homens violentos, amedrontados e frágeis que ostentam no fetiche de um discurso bélico uma ilusão de remédio para os seus problemas, imaginários ou reais. Esses enunciados possuem uma dimensão performativa, dado que roteirizam e geram masculinidades que se constituem pelo padrão bala, atuando na construção de subjetividades que terão esse padrão viril como ideal, conforme aponta Ambra (2021). Logo, os efeitos desses discursos moldam a produção de masculinidades, desde crianças a adultos, que se ancorarão nesse padrão ideal de homem viril, atingindo, diretamente, sujeitos que estão fora da ordem desse modelo de masculinidade.

Dessa maneira, as emoções ocupam lugar central na construção de subjetividades que estão sustentadas na mobilização de identidades coletivas e sentimento de pertencimento a partir de um reconhecimento mútuo, de um vínculo comum (MARIOT, 2020). Assim, a emergência de discursos que exaltam a virilidade é possibilitada pela mobilização coletiva de sensibilidades ressentidas de uma parte da população brasileira, ressentimento baseado na concepção nietzshiana, que está associado a uma rebelião de impotência e de amargura,

componente constitutivo do Partido dos Trolls, segundo Avelar (2021). Destarte, sujeitos que se consideravam reprimidos por uma onda do politicamente correto, propiciada pela ascensão de pautas progressistas no Brasil, enxergaram no jogo discursivo entre humor/discurso de ódio da *trollagem*, materializado também nos *memes*, uma maneira de mobilizar digitalmente sujeitos com semelhantes ideais saudosistas de virilidade. A *trollagem* funciona, assim, como uma válvula de escape humorística para a proliferação de discurso de ódio de homens raivosos e ressentidos com a resistência de grupos minoritários em prol de uma descontinuidade da manutenção histórica do poder viril.

3.2.1.3 Homofobia

No interior dessa mesma série enunciativa, que já nos apresentou o Bolsonaro cavaleiro medieval e o Bolsonaro combatente de guerra, os *memes* da extrema direita brasileira, materializados sob a linguagem aparentemente inofensiva da *trollagem*, possuem ainda recorrentes discursos de ódio contra a população LGBTQIA+. Vejamos mais um *meme*:

Figura 6: Bolsonaro e Jean Wyllys em sua juventude⁷⁸



Fonte: Folha de São Paulo

⁷⁸ Meme veiculado em: *Entenda por que memes da ultradireita fetichizam homens fortes e machões*. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 09 abr. 2021

O *meme* acima apresenta uma comparação entre Bolsonaro e Jean Wyllys, ambos “em sua juventude”. O primeiro aparece em uma espécie de foto oficial, representado em trajes militares, numa menção ao fato de que o atual presidente atuou no Exército brasileiro antes de ingressar na carreira política. O segundo, o ex-Deputado Federal Jean Wyllys⁷⁹, aparece em uma ocasião informal e porta roupas historicamente atribuídas ao universo feminino. Lamerichs et al (2018, p. 183) apontam que “teoricamente, *memes* podem ser lidos como uma mídia incrivelmente poderosa e persuasiva, a qual foi adotada pela direita alternativa a fim de justificar seu discurso tóxico” (tradução nossa)⁸⁰. É o caso do *meme* em questão, que dispõe uma valorização da imagem de Bolsonaro como soldado em contraposição a uma imagem depreciativa de Jean Wyllys como homem “afeminado”, reiterando práticas discursivas sexistas e homofóbicas há muito construídas.

Isto porque os discursos homofóbicos presentes nos *memes* da extrema direita possuem uma espessura histórica que remonta a ideologias oriundas de regimes totalitários fascistas. Chapoutot (2013) elenca algumas razões do ódio nazista aos homossexuais, dentre elas estão uma tradição de discriminação pautada em religiões e culturas ocidentais, além de preconceitos e rejeições do período vitoriano e ainda o argumento da diminuição da natalidade nacional. Sendo uma das características da virilidade fascista o acasalamento frequente com o objetivo de conceder filhos à pátria, à raça e ao Führer, o homossexual é considerado pelo regime como um ser “anormal”, haja vista sua desobediência relativamente à determinação da procriação (CHAPOUTOT, 2013). É assim que, através de uma mobilização orquestrada por instituições de poder, como o Estado e a Igreja, e em nome de uma recuperação moral perdida na Primeira Guerra Mundial, no interior do movimento fascista, a heterossexualidade exclui qualquer sujeito que esteja fora da ordem hegemônica.

Apesar dos governos populistas modernos, como o governo de Jair Bolsonaro no Brasil, terem acrescentado as novas tecnologias de comunicação à sua retórica e à sua estética, não houve modificação na sua abordagem política essencial, segundo Finchelstein (2019), o que confirma a visão foucaultiana de que não há um discurso originário, mas sim uma produção discursiva de continuidades e descontinuidades ao longo da História. A retórica clássica populista de uma substituição de diversas vozes por uma única, mais especificamente a do líder, reproduz uma continuidade em relação aos discursos anteriores às novas tecnologias

⁷⁹ Em janeiro de 2019, Jean Wyllys desistiu de assumir o terceiro mandato como Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro e decidiu dedicar-se à carreira acadêmica fora do Brasil devido às ameaças de morte que vinha recebendo constantemente.

⁸⁰ Versão original: “Theoretically, memes can be read as incredibly powerful, persuasive media which are adopted by the alt-right to justify their toxic discourse”.

comunicacionais. Dessa forma, enunciados que transmitem mensagens sintéticas, como o *meme* acima, produzem efeitos de verdade que facilitam, ainda mais, o escárnio e a demonização dos inimigos que não compactuam com o ideal heteronormativo do líder, sendo este representado pelo atual presidente brasileiro.

Além disso, o enunciado acima atua em uma rede discursiva, impulsionada pela guinada da extrema direita, que objetiva recuperar ideais intolerantes e conservadores que imperavam e ainda atuam com veemência na sociedade brasileira. Schwarcz (2019, p. 206) assevera a relevância de conhecer o passado para compreender o presente, pois, historicamente, “quanto mais autoritários são os regimes políticos, maiores são as tendências para que se intensifiquem tentativas de controle das sexualidades, dos corpos e da própria diversidade”. Percebemos, assim, a irrupção contemporânea de uma hegemonia discursiva homofóbica difundida no período da Ditadura Militar brasileira, em que houve perseguição, censura, detenções arbitrárias, dentre outras medidas autoritárias, pautadas em um aparelho de controle moral, contra determinados comportamentos sexuais considerados “desviantes”, “perversos” e “anormais”⁸¹. Isto posto, a recuperação desses ideais pelo governo bolsonarista, que possui como dois dos seus principais princípios a exaltação do militarismo ditatorial e a pauta de costumes não é aleatória, haja vista a reprodução, no *meme* acima, de uma imagem militar positiva de Bolsonaro e pejorativa de Jean Wyllys como “gay afeminado”, o que atesta a função enunciativa do *meme* acima, haja vista a necessidade de um campo associativo para transformar uma série de signos em enunciado, pois “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 2016, p. 119).

Por fim, seria preciso lembrar que, conforme o dissemos no capítulo anterior, a quarta característica recorrente no discurso de líderes populistas é “uma ideia dos antagonistas políticos como inimigos do povo” (FINCHELSTEIN, 2019, p. 42). Dado o histórico embate político entre os dois sujeitos dispostos no *meme*, uma das estratégias discursivas utilizadas pela extrema direita é atacar os atributos pessoais dos oponentes como uma forma de atingir a sua índole profissional. Assim, o *meme* utiliza a *trollagem* humorística para reproduzir um discurso injurioso que ataca, em primeiro plano, a homossexualidade do ex-Deputado Federal, mas que possui como real alvo o ataque aos projetos políticos do oponente. Percebemos, nos enunciados que materializam a *trollagem* política, uma continuidade do discurso derrisório praticado pelo também político da extrema direita Jean-Marie Le Pen, no qual tecemos algumas considerações no primeiro capítulo. De maneira semelhante, tanto o político francês quanto os

⁸¹ Para mais informações, ver: <https://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/>. Acesso em: 4 jan. 2022.

praticantes da *trollagem* no contexto brasileiro utilizam a estratégia derrisória para, aparentemente, tomar as pessoas como alvo, no entanto são os programas, as ideias e a política dos adversários que são os principais interesses dos adeptos ao discurso da extrema direita (BOFFANOUS, 2002). Há, no *meme* acima, a difamação do opositor político através do enfoque na caricaturização do ex-Deputado como “gay afeminado”, o que supostamente o destoaria dos homens que praticam a profissão política com seriedade, reafirmando, assim, o poder discursivo da *trollagem* como uma estratégia de enunciação que recupera e atualiza o preconceito contra a comunidade LGBTQIA+, historicamente perene no imaginário social.

Desse modo, pode-se dizer que os *memes* da extrema direita brasileira se inscrevem no interior de uma discursividade que encampa a heteronormatividade, tanto em sua relação com o exercício do poder, quanto na produção de subjetividades. Em tais *memes*, irrompe a memória de uma heterossexualidade excludente, a qual, amparada por instituições de poder como o Estado, o Exército, a família e a Igreja, trabalha na produção de subjetividades que, em prol de sua autoafirmação, atacam sujeitos historicamente violentados pela sociedade ocidental, como a população LGBTQIA+ e as mulheres, e exaltam líderes políticos autoritários. Trata-se de responder à visibilidade e ao respeito conquistado, nas últimas décadas, pelos grupos progressistas e minoritários. Um retrocesso, portanto, na luta por equidade social e na construção de uma democracia efetivamente plural.

Para encerrar esta seção, analisaremos mais um enunciado a respeito da homofobia relacionada à prática da *trollagem*.

Figura 7: “Você só existe hoje pq Adão e Eva não eram gays”⁸²



Fonte: Folha de São Paulo

No *meme* acima, há a representação imagética de um casal branco heterossexual com o seu filho. A linguagem verbal do enunciado reafirma o discurso em prol da heterossexualidade e contra a homossexualidade, uma vez que supostamente apenas casais compostos por homens e mulheres são capazes de gerar filhos. Desse modo, o *meme* é composto pela imagem de um casal aparentemente feliz, em que a mulher, no seu papel materno, segura o bebê, transmitindo uma ideia de mãe zelosa, que cuida do seu filho. O pai, por seu turno, é representado imageticamente como um homem musculoso e, conseqüentemente, viril, o que coloca este *meme* na mesma série enunciativa daqueles anteriormente analisados neste trabalho. Ao lado dessas características, há ainda a recuperação dos personagens bíblicos Adão e Eva, haja vista a menção a estes tanto na linguagem verbal quanto na linguagem imagética, por conta do plano de fundo representado por uma floresta, convergindo com a descrição bíblica do local em que viveu o casal, além de ratificar o imaginário bíblico e histórico de uma heterossexualidade “natural” e, conseqüentemente, de uma “homossexualidade” desviante.

⁸² Meme veiculado em: *Entenda por que memes da ultradireita fetichizam homens fortes e machões*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2021

Este enunciado, assim como outros produzidos e circulados pela extrema direita brasileira, traça uma espessura histórica com a produção de discursos religiosos, especificamente os cristãos. Muszkat (2021) afirma que o mito de Adão e Eva é um dos discursos constitutivos da cultura ocidental, repetido sem questionamento ou constrangimento. Adão é idealizado por Deus, além de ser criado à sua imagem e semelhança. Eva, por sua vez, é feita através da costela de Adão, região sem qualquer nobreza aparente, diferentemente de Adão. Para a autora, o mito traz uma versão inaugural da humanidade, na qual “uma *inversão* absolutamente naturalizada retira da mulher sua condição de quem gesta e pare sujeitos, e torna-a um ser gerada *do* e feita *para* o homem” (MUSZKAT, 2021, p. 41) (grifos da autora). Ao encontro da ideia subjetivante deste mito para a cultura ocidental, estão os efeitos de verdade que enunciados como este reproduzem no social, uma vez que o mito se encontra em uma cadeia enunciativa que impõe como natural a relação de poder em que o homem heterossexual é superior à mulher e/ou aos sujeitos LGBTQIA+.

No que diz respeito à linguagem verbal do *meme*, materializada através da frase “você só existe hoje pq Adão e Eva não eram gays”, apresenta-se uma abreviação do “porque” recorrente na linguagem digital/jovial memética. Sobre o uso dos *memes* de extrema direita pelos jovens, Avelar (2021) afirma que, diferentemente das guerras culturais anteriores, agora não se trata de uma juventude progressista que luta contra os velhos hábitos de uma geração anterior. Ao contrário, “tanto na cultura do 4chan nos EUA como na cultura do Youtube e da internet bolsonarista em geral, a rebelião juvenil agora era de direita” (AVELAR, 2021, p. 262). A juventude de direita se apropriou de uma gama de palavras, práticas e expressões combatidas pela esquerda identitária a favor da pauta da “liberdade de expressão”. Além disso, há, no *meme* acima, um discurso direto endereçado ao sujeito que está do outro lado da tela. O uso do “você”, associado ao restante do enunciado, tem como efeito a mobilização de sentimentos de raiva e medo no interlocutor em relação aos sujeitos não-heterossexuais, haja vista que o *meme* reproduz o discurso de que os gays são responsáveis pela diminuição da taxa da natalidade e seriam, do mesmo modo, responsáveis por uma consequente extinção da humanidade, o que vai ao encontro do imaginário ocidental cristão de perpetuação natural da espécie através da união entre homens e mulheres.

Ademais, o enunciado materializa um contraponto de sentido comumente usado nos *memes*. A imagem representa um casal e seu filho felizes, além de apresentar uma vasta disposição de cores em um cenário natural, reforçando o aspecto positivo do enunciado. Outro aspecto relevante é a robustez física do homem, traço recorrente nos *memes* já analisados aqui.

Perassolo (2020)⁸³ aponta que a beleza física como significante da masculinidade rememora os princípios gregos de harmonia, proporção e controle. Esses atributos passaram a vigorar nas sociedades modernas desde a segunda metade do século XVIII e início do XIX, condizendo com a ascensão da burguesia europeia. A frase, por seu turno, aparece em tamanho menor e possui como efeito um ataque direto à comunidade LGBTQIA+, rompendo com a aparente pacificidade da imagem. Tal recurso é fruto da típica estratégia discursiva intrínseca aos *memes* políticos de tentativa de minimização do efeito bélico do discurso de ódio através do humor e/ou imagens que nos remetem a uma memória positiva. O funcionamento discursivo da *trollagem* nos *memes* trabalha, assim, com o que se diz, mas principalmente com os modos de dizer, reatualizando constantemente os efeitos de determinados enunciados.

Abordamos, no capítulo anterior, que os *memes* foram um traço retórico singular do bolsonarismo, durante e após as eleições presidenciais de 2018. O enunciado acima atua, assim, no interior de uma ordem discursiva que possui como intuito utilizar o viés jocoso da *trollagem* para disseminar, em bolhas digitais, discursos de ódio que inflamam os usuários mediante a atualização de discursos saudosistas, patriarcais e conservadores de constante ataque às minorias sociais. Destarte, a espessura histórica cristã do enunciado em questão converge, esteticamente, com os *memes* da direita alternativa americana, analisados por Lamerichs et al (2018). Segundo os autores,

essas referências históricas não podem ser vistas como naturais. A direita alternativa cria uma versão nostálgica do passado, e esse imaginário sugere uma volta aos tempos em que líderes masculinos fortes comandavam o mundo ocidental. (LAMERICHS ET AL, 2018, p. 199) (tradução nossa)⁸⁴

A construção de uma linguagem injuriosa contra a comunidade LGBTQIA+, que rememora uma visão teológica na contemporaneidade, não é aleatória, o que confere ao *meme* acima um *status* de acontecimento enunciativo. Nesta direção, Foucault (2016) assevera que um enunciado, desde sua raiz, se delimita em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, criando relações com o passado e lhe abrindo um futuro eventual. Essa especificação impede a ideia de um enunciado livre, independente e neutro, ao contrário, há sempre a integração de um enunciado em um jogo enunciativo, no qual ele desempenha um papel no meio dos outros, se apoiando e se distinguindo dos outros enunciados simultaneamente. Dessa forma, o *meme* da

⁸³ Informação veiculada em: *Entenda por que memes de ultradireita fetichizam homens fortes e machões*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/entenda-por-que-memes-da-ultradireita-fetichizam-homens-fortes-e-machoes.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2022.

⁸⁴ Versão original: “These historical references should not be seen as neutral. The alt-right creates a nostalgic version of the past, and its imagery suggests that they go back to times in which strong masculine leaders ruled the Western world” (2018, p. 199).

mitologia bíblica figura em um campo enunciativo regular da extrema direita brasileira, que se apoia em uma pauta de costumes que visa o constante ataque à comunidade LGBTQIA+, às feministas, aos sujeitos não-cristãos, dentre outros que estão historicamente à margem da moralidade autoritária tupiniquim. A despeito do humor aparentemente inofensivo do *meme* acima, este desempenha e participa da mesma discursividade do enunciado proferido pelo então deputado federal Jair Bolsonaro, em entrevista concedida à revista Playboy em 2011: “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”⁸⁵. Por mais que os dois enunciados possuam graus de agressividade divergentes, ambos afluem ao mesmo objetivo: atacar, tanto no campo simbólico quanto na prática, os sujeitos que estão fora do fluxo heteronormativo viril.

Assim, Butler (2021) aponta que a tese que apoia o discurso de ódio é ilocucionária – produz um efeito real – além de ser sustentada por um aparente ritual da subordinação. Conforme a filósofa, um dos argumentos mais fortes em prol da regulamentação estatal do discurso de ódio é o de que alguns enunciados, quando proferidos pelos que estão em posição de poder em relação aos seus subordinados, produzem o efeito de ressubordinar os alvos de tais enunciados. A ressubordinação atua no interior de um processo ininterrupto de sujeição e os *memes* da extrema direita trabalham nessa tentativa de impor condutas homogêneas a todos os sujeitos.

A proliferação de *memes* que materializam a *trollagem* política no contexto brasileiro, mais especificamente após as eleições presidenciais de 2018, foi possibilitada por um cenário de polarização política que favoreceu a popularização de enunciados injuriosos, como os dois analisados neste tópico, que até então eram mais compartilhados no submundo digital dos *trolls* da extrema direita, mas ganharam notoriedade e adeptos no *mainstream* político. Desse modo, o discurso de ódio contra a comunidade LGBTQIA+, presente nos dois *memes*, reatualizam algumas das características do “fascismo eterno” ou “Ur-Fascismo”, descritas por Eco (2019). São elas: “O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social” (2019, p. 50); “Como tanto a guerra permanente quanto o heroísmo são difíceis de jogar, o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais” (2019, p. 54). Há, nos *memes* da extrema direita que materializam a *trollagem*, um efeito de confluência entre as duas características, haja vista que do mesmo modo que o discurso fascista histórico seduziu fortemente as classes médias

⁸⁵ *Relembre as falas polêmicas de Jair Bolsonaro com a comunidade LGBTQIA+*. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/comportamento/relembre-as-polemicas-de-jair-bolsonaro-com-a-comunidade-lgbtqia>. Acesso em: 11 jan. 2022.

frustradas, contemporaneamente a pauta de costumes da extrema direita brasileira conquistou sujeitos ressentidos com a conquista recente de direitos pelas minorias sociais. Concomitante a isso, a origem do machismo inerente ao fascismo, segundo Eco (2019), vai desde o desdém pelas mulheres até a condenação intolerante de práticas sexuais não conformistas.

Assim, as análises acima demonstram que há uma mutação discursiva em relação aos modos de dizer, uma vez que o discurso de ódio contemporâneo se adapta ao uso de estratégias humorísticas regulares no ambiente digital, no entanto há a manutenção do que se diz e dos respectivos efeitos gerados para esses sujeitos, o que reafirma a tese de um fascismo eterno de Eco (2019). Devemos, então, ficar atentos aos novos sentidos dessa ideologia histórica, pois “O Ur-Fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis” (2019, p. 60).

3.2.1.4 Xenofobia

Analizamos, nos tópicos passados, a série enunciativa que nos mostrou *memes* da extrema direita brasileira cujos conteúdos exaltam a virilidade e destilam a homofobia. No interior dessa mesma série, que utiliza o viés humorístico da *trollagem* para disseminar discurso de ódio contra minorias sociais, apresentaremos mais dois enunciados, compartilhados por adeptos da extrema direita no Brasil, que materializam xenofobia contra os chineses e os nordestinos.

No ano de 2020, o ex-ministro da Educação do atual Governo Federal, Abraham Weintraub⁸⁶, conhecido por pronunciamentos agressivos e preconceituosos ao longo do seu mandato, publicou o seguinte *tweet*:

⁸⁶ No dia em que o *tweet* foi publicado, em 4 de abril de 2020, Abraham Weintraub ainda era Ministro da Educação.

Figura 8: *Tweet* de Abraham Weintraub⁸⁷

Fonte: Twitter

No enunciado, o ex-ministro faz menção à crise mundial causada pela pandemia do coronavírus (COVID-19), que teve início na China. Apesar de ser um assunto que envolve o máximo de seriedade, Weintraub vale-se da *trollagem* para inferir uma teoria da conspiração na qual a China teria causado a atual crise em benefício próprio, com a intenção de “dominar o mundo”. O enunciado verbal possui relação direta com o imagético, pois há a relação da linguagem do personagem Cebolinha, da Turma da Mônica, com a dos chineses, como podemos visualizar na imagem. O presente *tweet* foi responsável pela determinação de um inquérito, feito pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Celso de Mello contra o ex-Ministro, com a acusação de racismo contra os chineses, bem como com a ridicularização do sotaque chinês, pois Weintraub comparou o problema de fala que marcou o personagem Cebolinha dos quadrinhos de Maurício de Souza (a troca da letra “R” pela letra “L”), ao sotaque chinês, configurando um caso de preconceito linguístico. Além do inquérito, tal publicação ocasionou um conflito diplomático com o representante da embaixada chinesa no Brasil, que acusou Weintraub de racismo.

⁸⁷ Tweet postado na conta oficial de Abraham Weintraub. Disponível em: <https://twitter.com/jotainfo/status/1255478128027336704>. Acesso em: 15 jul. 2020.

O *meme* presente na postagem, representado pelo enunciado imagético, apresenta uma estratégia discursiva que mescla elementos visuais da obra fictícia *Turma da Mônica* e símbolos que remetem à China. O cenário do enunciado é representado por uma atualização da Muralha da China, uma das construções arquitetônicas chinesas mais conhecidas mundialmente. O país asiático também é retratado pela sua bandeira, colocada em evidência no *meme*, tendo em vista que esta é um dos grandes símbolos do Partido Comunista da China. Além da bandeira, há a representação do país através de uma suposta alusão ao principal dialeto da língua chinesa, o mandarim. Os personagens, postos no *meme* como cidadãos chineses, expressam gestos de alegria que, de acordo com a publicação de Weintraub, são efeitos de um suposto fortalecimento chinês em virtude da pandemia da COVID-19. A convergência entre o *meme* e a publicação do ex-ministro tem como efeito o reforço às teorias conspiratórias construídas contra os chineses, que aumentaram em virtude do primeiro caso do coronavírus ter sido na China, tendo como consequência o fortalecimento da xenofobia, nos países ocidentais, contra toda a população.

Diferentemente dos outros enunciados que já analisamos neste trabalho, este *meme* foi diretamente publicado pelo perfil oficial de um Ministro da República. A compreensão do *meme* acima como um enunciado leva em conta a posição-sujeito que Weintraub ocupa em relação a ele e não a análise das relações entre o que ele disse, o que quis dizer ou o que disse sem querer. Mais especificamente, o desígnio da função enunciativa é “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2016, p. 116). Nesta linha de raciocínio, o hasteamento da língua da *trollagem* à condição de língua de aparato estatal deixa implícito a maior relevância de quem diz sobre o que é dito, pois o objetivo dessa estratégia discursiva é sempre e somente reforçar o próprio poder e garantir a atenção popular, como explica Singer (2021)⁸⁸. Não é relevante para a bolha digital da extrema direita se é verdadeiro ou falso, o que importa é que foi compartilhado por um membro de confiança do Governo Federal, que ocupa um cargo de poder, e, mesmo que seja confirmado o teor falso do seu conteúdo, era só um *meme*/brincadeira do ex-Ministro.

A publicação acima, além de outras que vêm sendo proferidas por esse grupo político no país, marcam uma ruptura com a ordem humorística presente na classe política, se compararmos aos enunciados humorísticos veiculados na campanha presidencial de 2014 e que foram analisados no primeiro capítulo. Essa ruptura se dá através da introdução de novos

⁸⁸ Informação veiculada em: *Após marcha troll de Bolsonaro sobre São Paulo, democratas precisam isolar direita lunática*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/09/apos-marcha-troll-de-bolsonaro-sobre-sao-paulo-democratas-precisam-isolar-direita-lunatica.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2022.

componentes que se situam entre o humor e o discurso de ódio, pois a *trollagem* faz emergir um tipo de humor brutal, em que há a torção da ordem séria do discurso que, por meio da piada, se diz o obsceno, como aponta Pinto Neto (2018). A ambiguidade é um traço retórico deste tipo de humor, pois não conseguimos, enquanto leitores, designar se o que está sendo dito é ou não sério, o que garante ao sujeito político, no caso do enunciado analisado, a negação do postocaso este seja questionado.

A xenofobia contra estrangeiros é um dos principais traços do discurso de ódio proliferado pela extrema direita ao redor do mundo, sendo este preconceito materializado em vários *memes* compartilhados em grupos digitais dos adeptos a essa ideologia, bem como em falas públicas de líderes da extrema direita como Jair Bolsonaro, Donald Trump, Marine Le Pen, Viktor Orbán, dentre outros. O *meme* acima é um enunciado no interior de uma série enunciativa que recupera um ideal nacionalista fascista, haja vista que “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 2016, p. 119). Isto posto, o enunciado em análise encampa a sétima característica do “fascismo eterno”:

Para os que se veem privados de qualquer identidade social, o Ur-Fascismo diz que seu único privilégio é o mais comum de todos: ter nascido em um mesmo país. Esta é a origem do “nacionalismo”. Além disso, os únicos que podem fornecer uma identidade às nações são os inimigos. Assim, na raiz da psicologia Ur-Fascista está a *obsessão da conspiração*, possivelmente internacional. Os seguidores têm que se sentir sitiados. O modo mais fácil de fazer emergir uma conspiração é fazer apelo à *xenofobia*. Mas a conspiração tem que vir também do interior: os judeus são, em geral, o melhor objetivo porque oferecem a vantagem de estar, ao mesmo tempo, dentro e fora. (ECO, 2019, p. 50-51) (grifos do autor)

O principal mote do bolsonarismo, desde a campanha presidencial de 2018, é “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. O patriotismo intrínseco ao enunciado possui como efeito tanto repassar o sentimento de nação homogênea aos brasileiros, em que todos que compartilham os ideais da extrema direita são um único povo, quanto fomentar o sentimento de ódio contra determinados estrangeiros, mais especialmente os “comunistas” como os chineses, venezuelanos, cubanos etc. Assim como a obsessão conspiratória fascista, a emergência do discurso xenofóbico contra determinados sujeitos, no Brasil contemporâneo, conquistou mais seguidores após a pandemia da COVID-19, em virtude da proliferação de *fake news* sobre a origem do vírus e supostas conquistas econômicas que o país asiático teria obtido por conta do acontecimento. O *meme* acima é um exemplo dessa construção discursiva, pois infere que a disseminação do vírus teria sido um plano da China e de países aliados para dominar o mundo.

Apesar da regularidade do discurso xenofóbico entre os adeptos da extrema direita brasileira, percebemos uma xenofobia seletiva nesse discurso, ou seja, o preconceito é contra apenas alguns estrangeiros. Ao mesmo passo em que há a disseminação de *memes* e falas públicas contra os estrangeiros “comunistas”, há a exaltação/endeusamento de países como os Estados Unidos. Um exemplo disto aconteceu durante um evento em Dallas, nos EUA, onde Bolsonaro bateu continência à bandeira estadunidense e, durante sua fala, reconfigurou o bordão bolsonarista para “Brasil e Estados Unidos acima de tudo”⁸⁹. Assim, o discurso nacionalista “Brasil acima de todos” é contraditório, uma vez que o “todos” se limita aos países que seguem ideologias contrárias à extrema direita.

Foucault (2014) afirma que há regularmente nas sociedades uma espécie de nivelamento entre os discursos: os discursos corriqueiros e os discursos que “indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer (2014, p. 21) (grifos do autor). A *trollagem*, materializada no *meme* anterior, nos mostra que as mutações no *modus operandi* da política possibilitou a transformação nos modos de dizer do discurso xenofóbico. A incorporação do humor/brincadeira em um discurso que possui uma regularidade de traços coléricos possibilita uma maior difusão do discurso de ódio por representantes políticos. Os efeitos dessa prática discursiva nociva são muitos, haja vista a escalada de violência e preconceito contra a comunidade asiática durante o período pandêmico.

Os *memes* xenofóbicos que materializam a *trollagem* também possuem como alvo a população nordestina, como veremos no último enunciado a ser analisado neste tópico.

⁸⁹ Bolsonaro bate continência à bandeira dos EUA e muda bordão. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/bolsonaro-recebe-premio-bate-continencia-a-bandeira-dos-eua-e-erra-o-proprio-bordao,3e51701c017f264ac65c2f3bcce8d1c0oldta994.html>. Acesso em: 15 jan. 2022.

Figura 9: *Meme* xenofóbico veiculado no WhatsApp⁹⁰



Fonte: *Blog da Folha de São Paulo*

O *meme* acima foi veiculado após o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2018. O enunciado é reflexo do resultado eleitoral: Jair Bolsonaro foi vitorioso no Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte, enquanto Fernando Haddad foi vitorioso apenas no Nordeste. No enunciado, há a representação do mapa brasileiro com dois lados antagônicos: grande parte do mapa, mais especificamente as regiões onde Bolsonaro foi vitorioso, é retratada pela cor verde em alusão ao próprio Brasil. Além disso, há a caracterização de Bolsonaro fazendo o gesto de “arminha” que se popularizou ao longo da sua campanha e é um símbolo de ataque direto ao inimigo. Outro aspecto relevante é a mimetização do *meme* “Pepe The Frog” no rosto de Bolsonaro. Essa estratégia se dá na substituição da boca do político pela boca do personagem. Vimos no segundo capítulo que o *meme* foi apropriado pela *Alt-Right* americana para disseminar símbolos de ódio na *web*. De maneira semelhante, a extrema direita utiliza o símbolo do sapo em *memes* que materializam discursos de ódio. Do outro lado do mapa, mais especialmente na região Nordeste, há a representação de um *meme*

⁹⁰ *Meme* veiculado em: *Após primeiro turno, nordestinos são alvos de preconceito mais uma vez*. Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2018/10/07/apos-primeiro-turno-nordestinos-sao-alvos-de-preconceito-mais-uma-vez/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

popular entre os *trolls*, um personagem careca raivoso que, neste enunciado, também representa a população nordestina que votou em Haddad. Em contraponto ao verde bolsonarista, a região nordestina é caracterizada pelo vermelho “petista/comunista”. Percebemos, então, que o *meme* materializa o discurso da guerra cultural alimentada pela extrema direita. De um lado do campo de batalha estão os verdadeiros brasileiros, as pessoas que votaram em Bolsonaro, no campo inimigo estão os traidores da pátria, isto é, os nordestinos/petistas/comunistas.

Desde 2002, na primeira eleição do ex-presidente Lula, há uma divisão, em maior ou menor grau, entre os resultados eleitorais na região Nordeste e no restante do Brasil. De forma semelhante ao ocorrido em 2018, nas eleições presidenciais anteriores também houve a preferência pelos candidatos petistas nesta localidade. Este fato vem contribuindo para a emergência de um recorrente discurso xenofóbico nas redes sociais contra os nordestinos, porquanto parte da população de outras regiões é historicamente mais adepta ao voto em candidatos presidenciais da direita e/ou centro/direita. Querino (2021) produziu uma análise discursiva sobre como cada época construiu uma vontade de verdade acerca da identidade nordestina. Seus resultados apontam que os dizeres negativos sobre a identidade nordestina são diversos. Esses discursos sustentam práticas xenofóbicas, demonstram aversão ao nordestino e, conseqüentemente, colaboram para a preservação de desigualdades. Tal reflexão nos mostra que o arquivo que compõe o discurso de ódio contra nordestinos possui uma longa espessura histórica e, desde as eleições presidenciais de 2018, a *trollagem* política passou a ser uma estratégia retórica regular na circulação de dizeres injuriosos contra essa população.

As características antagônicas presentes no *meme*, como citamos acima, também reproduzem o histórico discurso contrastante que opõe o Sul ao Nordeste. A respeito dessa dicotomia, Albuquerque (*apud* QUERINO, 2021, p. 35) estabelece a produção desse discurso a partir de “[...] uma dicotomia que opõe, Nordeste e Sul, improdutivos e trabalhadores, rural e urbano, atraso e progresso, pobreza e riqueza”. O *meme* reforça esse antagonismo na medida em que projeta uma imagem positiva e superior do representante da extrema direita, a partir de uma expressão alegre e debochada, enquanto a esquerda denota sinais de raiva e/ou inferioridade em consequência da derrota no primeiro turno das eleições de 2018. Na esteira dessa ideia, o enunciado também reproduz a prática dos *trolls* de atribuir aos *normies* o *status* de emocionalmente descontrolados, sem senso de humor etc. Neste caso, os nordestinos são colocados como os inimigos raivosos na estratégia de guerra cultural da extrema direita.

O enunciado acima, assim como os outros já analisados neste tópico, integra a mutação do discurso político propiciada pela influência das redes sociais nas sociedades contemporâneas. No tocante a esse assunto, Schwarcz (2019) diz que

O uso das redes sociais, em vez dos veículos tradicionais de comunicação, também se comporta como elemento que aguça a comunicação bipartida. No vale-tudo da internet, não há tempo para a confirmação dos fatos, documentos e fontes, tampouco para a autoria intelectual, ou para a análise menos passional do que aquela feita no “calor da hora”. Ao contrário, as mensagens tomam a forma de propagandas, que tencionam a formação ainda mais exacerbada das polarizações. O sucesso delas será garantido quanto mais retomarem palavras de ordem conhecidas e disseminadas como medo, ódio, insegurança, ou, melhor, quanto mais se arriscarem a introduzir teorias conspiratórias e assim geram esse tipo de sentimento (SCHWARCZ, 2019, p. 212-213).

A prática da *trollagem* presente nos *memes* analisados atua como um componente estratégico na rede discursiva que alimenta a polarização entre os opositores políticos, pois a interpolação entre humor/discurso de ódio é fundamental para a aderência e compartilhamento desses discursos nas redes digitais. Percebemos a construção de uma “narrativa de batalha”⁹¹ nesses enunciados. Nos *memes* que tematizam a virilidade, há um cenário bélico em que Bolsonaro é colocado como o único e possível “salvador da pátria” e o inimigo político como o traidor da nação. Nos enunciados que materializam a prática da homofobia, analisamos um discurso que reproduz um humor brutal contra aquele sujeito que não está inserido na ordem discursiva heteronormativa. Por fim, os *memes* que tematizam a prática xenofóbica contra chineses e nordestinos emergem de um preconceito fomentado pelas teorias conspiratórias da extrema direita contra os chineses durante a pandemia, haja vista as denominações preconceituosas que algumas figuras políticas concederam ao vírus, por exemplo “comunavírus” e “vírus chinês”. Em relação ao *meme* que tematiza a prática xenofóbica contra os nordestinos, inferimos que este é mais um componente no interior de uma sucessiva prática discursiva de histórico preconceito contra esses sujeitos.

A análise enunciativa busca estabelecer uma lei da raridade que segue o direcionamento de “determinar o princípio segundo o qual puderam aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados” (FOUCAULT, 2016, p. 146). Entre as lacunas e os vazios discursivos decorrentes do *déficit* linguístico, o acontecimento da *trollagem* foi condicionado em um contexto de polarização política e consequente ascensão da extrema direita no Brasil e em outros países. Os ecos desse acontecimento vêm provocando o uso estratégico do humor a fim de possibilitar a disseminação de discursos de ódio não tão recorrentes na tradicional polidez política. Assim, o poder de difusão digital das vontades de verdade materIALIZADAS nos *memes* da extrema direita representa um perigo discursivo não só para os sujeitos que são vítimas dos

⁹¹ Termo cunhado por Schwarcz (2019).

discursos de ódio desses enunciados, mas para todos que estão preocupados com a manutenção do diálogo democrático no ambiente político.

3.2.2 – A materialização da *trollagem* política em falas e gestos públicos

As continuidades e descontinuidades que perpassam a arqueologia da fala pública estão diretamente ligadas às relações de poder intrínsecas ao discurso político. Piovezani (2015) afirma que, a despeito de não ser uma característica exclusiva do discurso político, a fala pública é um componente essencial deste e seu objetivo relativamente manifesto compreende a preservação ou a conquista da adesão ideológica. Em virtude da inerência entre fala pública e política, os modos de os oradores dirigirem-se ao seu público mudam no tempo e no espaço, de acordo com as modificações dos regimes de governo, os padrões sócio-históricos de uma determinada cultura, os dispositivos tecnológicos e as condições subjetivas.

O trajeto da análise do discurso acompanha essa mutação dos modos de dizer da fala pública no discurso político. Ao empreender uma análise acerca das metamorfoses do discurso político, Courtine (2006) aponta que as mídias modernas propiciaram o desenvolvimento de personalização da esfera pública. Esse processo é responsável pelo encolhimento da retórica e das prescrições gramaticais e sua permuta por uma linguagem mais familiar, dialogada e pessoal que melhor se adequa à emergência das classes médias e suas respectivas reivindicações políticas e comerciais, características de uma sociedade de massa.

Contemporaneamente, a incorporação dos sujeitos políticos no mundo volátil das redes sociais vem inserindo ainda mais componentes de mudança a esse discurso político que até pouco tempo parecia impermeável. Apesar da tradicional tendência a uma visão teleológica dos acontecimentos, Foucault (2014, p. 53) aponta que os conjuntos articulatórios da análise do discurso que ele desenvolve “são as do acontecimento e da série, com o jogo de noções que lhes são ligadas; regularidade, causalidade, descontinuidade, dependência, transformação”. Desse modo, a articulação analítica desse agrupamento não objetiva entender o jogo de causas e efeitos que perpassam os acontecimentos, mas sim em “estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o ‘lugar’ do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição” (2014, p. 53). É na dispersão de enunciados que já nos apresentou a *trollagem* materializada em *memes* políticos da extrema direita que iremos analisar, neste último tópico do nosso trabalho, o funcionamento do acontecimento da *trollagem* em falas e gestos públicos no contexto político brasileiro. Seguindo os gestos foucaultianos, questionamo-nos: Quais as condições de

possibilidade para a ascensão da *trollagem* da *deep web* para língua estatal? Por que estes enunciados e não outros em seu lugar?

Para tanto, comecemos nossa análise retomando o acontecimento descrito na abertura da nossa introdução.

Figura 10: Insinuação sexual de Bolsonaro contra a jornalista Patrícia Campos Mello⁹²



Fonte: *Folha de São Paulo*

Retonando brevemente a descrição feita na abertura do nosso trabalho, o acontecimento acima refere-se a uma fala pública do presidente Jair Bolsonaro feita no começo do ano de 2020. Em um clima derrisório e aparentemente inócuo, o presidente profere a seguinte insinuação contra a jornalista da Folha de São Paulo Patrícia Campos Mello:

Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim [risos dele e dos demais]. Lá em 2018 ele [Hans] já dizia que ele chegava e ia perguntando: “O Bolsonaro pagou pra você divulgá-lo pelo WhatsApp informações?” E outra, se você fez *fake news* contra o PT, menos com menos dá mais na matemática, se eu for mentir contra o PT,

⁹² Imagem veiculada em: *Bolsonaro insulta repórter da folha com insinuação sexual*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2021.

eu tô falando bem, porque o PT só fez besteira. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020)⁹³.

O insulto foi uma referência ao depoimento de um ex-funcionário de uma agência de disparos de mensagens em massa pelo WhatsApp dado à CPMI das Fake News no Congresso. A jornalista foi responsável por matérias jornalísticas que revelavam a contratação de empresas de marketing que enviavam mensagens em série durante a campanha eleitoral de 2018 e, desde então, vem sendo duramente perseguida por grupos populistas de direita. Além da ofensa misógina contra a jornalista, Bolsonaro utiliza o contexto derrisório para disparar um discurso agressivo contra o PT que, como já vimos, foi o seu principal adversário durante as eleições presidenciais.

Foucault (2014, p. 54) afirma que “os discursos devem ser tratados, antes, como conjuntos de acontecimentos discursivos”. Esses acontecimentos não são imateriais, ao contrário, eles se efetivam na materialidade. Alinhada a esta ideia, os acontecimentos são produzidos “como efeito de e em uma dispersão material” (2014, p. 54). O enunciado acima, assim, irrompe como um acontecimento que se inscreve em um conjunto de formulações heterogêneas em que se dispersa a *trollagem* no contemporâneo contexto político brasileiro.

A materialidade do enunciado acima nos remete ao uso estratégico da derrisão no discurso político. Feuerhahn (2001) assevera que o ridículo e a derrisão possuem como pontos em comum o desprezo e a subtração da valorização do objeto. A derrisão apresenta-se como estratégia de desvalorização e exclusão dos objetos sociais considerados desprezíveis. Logo, o riso da derrisão é rir de um objeto que se desvaloriza. A sinalização de distanciamento sob esse riso provoca um movimento duplo: por um lado intensifica o sentimento de pertencimento entre aqueles que compartilham os valores conferidos ao objeto e, por outro lado, põe-se um distanciamento em relação ao mesmo.

Isto posto, a ambiguidade derrisória da palavra “furo”, no contexto de produção da enunciação de Bolsonaro, possibilita a inferência de dois significados para este signo por parte do interlocutor: ao passo que, no primeiro momento em que o presidente menciona o termo, este remete ao sentido jornalístico da palavra, ou seja, ao “furo jornalístico”, no segundo momento de sua enunciação, a mesma palavra também recupera o sentido sexual/misógino do termo. Tal jogo enunciativo opera de acordo com o duplo sentido da derrisão: da mesma forma que o riso partilhado entre o locutor (Bolsonaro) e os seus apoiadores marca a misoginia dos

⁹³ *Bolsonaro insulta repórter da folha com insinuação sexual.* Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>. Acesso em: 17 jan. 2021.

mesmos em relação à jornalista, este mesmo riso derrisório sinaliza o distanciamento desses sujeitos em relação à fala misógina e às possíveis represálias daqueles que não aderem ao discurso compartilhado desta piada, tendo em vista que “o humor possibilita dizer ou sugerir ideias desagradáveis, sem medo de represálias ou reações violentas”⁹⁴ (ZIV; DIEM, 1987, p. 17 *apud* MERCIER, 2001, p. 11, tradução nossa).

O uso da derrisão com o objetivo de referir-se aos órgãos sexuais da jornalista é uma temática discursiva recorrente de líderes populistas machistas. Conforme Finchelstein (2019, p. 280) “essa vulgaridade e obsessão machista com os órgãos sexuais não são ocasionais e mostram bem uma tendência peculiar do populismo recente”. Assim como Bolsonaro, o ex-presidente equatoriano Abdalá Bucaram também proferiu recorrentes discursos com conotações sexuais, um exemplo foi quando comparou os seus “grandes tomates” aos órgãos genitais dos seus opositores políticos. De la Torre (*apud* Finchelstein, 2019) explana que tais líderes exibem sua virilidade como uma forma de resistência às “elites afeminadas”. Nas suas falas objetificadoras em relação ao gênero feminino, eles alegam expressar o que todos os homens pensam, mas não podem dizer. Segundo esses líderes populistas, seus atos e corpos reiteram a masculinidade do povo: o “povo”, neste caso, diz respeito somente aos seus seguidores masculinos. Esses discursos resultam na manutenção de estereótipos que subordinam as mulheres e ampliam o pacto de poder autoritário machista.

Tais recursos da derrisão coexistem com a estética retórica da *trollagem* usada pela extrema direita, sendo o enunciado acima um dos componentes dessa cadeia discursiva. A ambiguidade característica da derrisão, como vimos anteriormente, também é um traço adotado pela *trollagem*, pois esta confere a incerteza sobre a seriedade ou não do enunciado e da crença ou descrença do locutor nele, garantindo a função de denegação automática caso o enunciado seja desmentido ou questionado (AVELAR, 2021). Na fala acima, Bolsonaro emite declarações machistas contra a jornalista, além de proferir hipóteses não fundamentadas sobre a conduta política do Partido dos Trabalhadores. Apesar dos possíveis efeitos negativos do seu discurso, o presidente utiliza a denegação automática inerente à *trollagem* como uma rota de fuga para as consequências dos seus atos.

O uso da *trollagem* como uma tentativa de atenuação da seriedade acerca da produção de discursos injuriosos vai de encontro à responsabilidade desse tipo de enunciação. Segundo Butler (2021, p. 54), “quem enuncia o discurso de ódio é responsável pela maneira como ele é

⁹⁴ Versão original: « l’humour permet de dire ou de suggérer des idées désagréables, sans avoir à redouter ni réactions violentes ni représailles » (ZIV, Avner; DIEM, Jean-Marie. **Le sens de l’humour**. Paris: Dunod, 1987).

repetido, por reforçar esse tipo de discurso, por restabelecer contextos de ódio e injúria”. Uma vez compartilhado nas redes sociais, o discurso de ódio atinge a vítima não só simbolicamente, mas também através de ameaças reais, pois a enunciação pública de um discurso de ódio misógino, feito por um sujeito que ocupa um cargo de poder na política brasileira, alimenta o machismo estrutural existente no Brasil e possibilita a atualização desse discurso em outros contextos enunciativos.

Vimos no primeiro tópico deste capítulo que a função enunciativa não pode ser exercida sem a existência de um domínio associado. Essa terceira característica enunciativa sustenta que “não há enunciado que não suponha outros (...). Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola” (FOUCAULT, 2016, p. 121). Mencionamos no primeiro capítulo o uso estratégico da derrisão contra jornalistas por parte de J.M Le Pen, cuja relação com a mídia era bastante conflituosa. Contemporaneamente, o também político da extrema direita, Jair Bolsonaro, semelhantemente mantém um regular discurso agressivo contra a mídia tradicional. Desse modo, a *trollagem* bolsonarista atualiza a estratégia de derrisão do político francês, uma vez que o presidente brasileiro utiliza a derrisão tanto para deslegitimar a veracidade das acusações da jornalista contra atos feitos em sua campanha quanto para esquivar-se de questionamentos problemáticos sobre o assunto, basta ver que o usado enunciado “Ela queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim” foi proferido logo após a pergunta de um jornalista ao presidente sobre o assunto.

Da mesma forma que Jair Bolsonaro utiliza os recursos da *trollagem* para propagar discurso de ódio misógino, também faz uso dessa retórica em pronunciamentos negacionistas sobre a vacina contra a COVID-19. A seguir apresentaremos um desses enunciados:

Figura 11: Bolsonaro associa vacina à transformação do vacinado em jacaré⁹⁵



Fonte: YouTube

Durante um evento no Aeroporto Internacional de Porto Seguro, em prol da assinatura de atos de apoio ao setor produtivo, na cidade de Porto Seguro (BA), ocorrido no dia 17 de dezembro de 2020, o presidente Jair Bolsonaro fez a seguinte declaração:

Se o cara não quiser ser tratado que não seja, eu não quero fazer uma quimioterapia e vou morrer, o problema é meu e nós do Governo Federal já vínhamos dizendo isso, a vacina uma vez certificada pela Anvisa vai ser extensiva a todos, queiram tomar, eu não vou tomar. Alguns falam que eu estou dando péssimo exemplo, o imbecil, o idiota que está dizendo que eu estou dando péssimo exemplo, eu já tive o vírus, eu já tenho anticorpos, para que tomar vacina de novo? E outra coisa que tem que ficar bem claro aqui, doutora Raissa, lá na Pfizer está bem claro lá no contrato, nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral, se você virar um jacaré o problema é de você, pô! Não vou falar outro bicho senão eu vou começar a falar besteira aqui. Se você virar super-homem, se nascer um homem como uma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não tem nada a ver com isso. (SITE DO GOVERNO FEDERAL, 2020)⁹⁶

A condição de produção desse discurso ocorreu durante o período de negociação, entre o Governo Federal e a empresa estadunidense Pfizer, para a compra de vacinas contra a

⁹⁵ Imagem veiculada em: “Bolsonaro: se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>. Acesso em: 18 jan. 2022.

⁹⁶ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cerimônia de assinatura de atos de apoio ao setor produtivo Aeroporto Internacional de Porto Seguro. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2020/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-assinatura-de-atos-de-apoio-ao-setor-produtivo-aeroporto-internacional-de-porto-seguro>. Acesso em: 19 jan. 2022.

COVID-19. Na contramão de outros líderes mundiais e em consonância a outros representantes da extrema direita, o presidente brasileiro, desde o começo da pandemia, vem discursando e tomando medidas contrárias às indicadas por órgãos sanitários competentes, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), dentre outros.

A despeito da comprovação científica de que as vacinas contra a COVID-19 não causam efeitos colaterais como “virar jacaré”, tal afirmação é condicionada e fomentada por uma narrativa de batalha da pós-verdade que sustenta discursos não verídicos de grupos anti- vacina espalhados ao redor do mundo. A *trollagem* é estratégia fundamental no contemporâneo cenário de guerra cultural, pois ela “introduz ideias ‘polêmicas’ e ‘controversas’ no debate público de maneira irônica, humorística ou certo distanciamento crítico, mantendo sempre a dúvida sobre o quanto ali é brincadeira ou para valer” (NUNES, 2020)⁹⁷. Desse modo, Bolsonaro utiliza, no enunciado acima, o mecanismo chave para a compreensão da tática *troll*: a dupla comunicação. Ao afirmar que os efeitos colaterais da vacina podem transformar o ser humano em jacaré, super-homem etc, o presidente não brinca com os interlocutores, mas às custas destes. Não há reciprocidade neste jogo discursivo, uma vez que a diversão se limita ao locutor e ao público apto a entender e apreciar o espetáculo. Em acréscimo a essa ideia, a fala do presidente brasileiro é difundida como uma brincadeira para os outros *trolls*, mas simultaneamente deve ser levada a sério pelos *normies*, pois quanto mais um *troll* conseguir expandir a sua brincadeira e confundir os *normies*, mais ele será visto com seriedade por seus semelhantes.

O discurso antivacina presente no trecho acima é sustentado pela estratégia de divisão “nós contra eles”, característica da estética bolsonarista. Ainda no mesmo pronunciamento, o presidente alega que, diferentemente de países como Venezuela e Cuba, a democracia brasileira preza pela liberdade dos que optam pela não vacinação, assim como o próprio Bolsonaro. Schwarcz (2019) aponta que, para neutralizar, ou até mesmo eliminar os inimigos, a produção de qualquer tipo de exagero ou teoria é válida, o que abre espaço para as mais variadas invenções. Essa estratégia é constituinte da *trollagem* presente na retórica da extrema direita contemporânea e é recorrente em discursos autoritários. A respeito disso, vejamos o que diz Arendt em *Essays in Understanding*:

⁹⁷ *Alvim errou a mão na trollagem nazi inspirada na direita dos EUA*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/alvim-errou-a-mao-na-trollagem-bolsonarista-inspirada-na-direita-dos-eua.shtml>. Acesso em: 19 jan. 2022.

Para essa fabricação de uma realidade mentirosa, ninguém estava preparado. A característica essencial da propaganda fascista não esteve jamais em suas mentiras, pois essa prática é mais ou menos comum na propaganda de todo lugar e em todos os momentos. A parte essencial foi que eles exploraram o preconceito ocidental que permite confundir realidade com verdade (ARENDT, 1994, pp. 150-50 *apud* SCHWARCZ, 2019, p. 214).

Assim como a propaganda fascista, a narrativa conspiratória de Bolsonaro se vale da transfobia e do machismo enraizados na sociedade brasileira para fomentar a ideia desses sujeitos como inferiores, pois, segundo o presidente, possíveis efeitos colaterais da vacina seriam “virar um outro bicho” além de jacaré, ou até mesmo “nascer um homem como uma mulher aí ou um homem começar a falar fino”. De modo semelhante ao primeiro pronunciamento analisado neste tópico, este também foi proferido entre risadas do locutor (Bolsonaro) e da plateia. Mais uma vez, o humor brutal da *trollagem* é utilizado para pôr em xeque a seriedade do enunciado e alimentar o discurso de ódio partilhado entre sujeitos que fomenta a pauta de costumes da extrema direita brasileira.

Foucault (2016, p. 111) afirma que, na medida em que uma frase é enunciado, ela está ligada a um referencial que “define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade”. Dessa forma, a ligação da frase a esse conjunto que qualifica o nível enunciativo faz com que este enunciado possa ou não receber um valor de verdade. Como apontamos no capítulo anterior, a noção de vontade de verdade foucaultiana está ligada ao poder e às condições de possibilidade que amparam e definem os discursos verdadeiros. Consequentemente, enunciados conspiratórios como o expresso por Bolsonaro são possibilitados em um contemporâneo regime de verdade dicotômico e sustentado por sensibilidades raivosas em que há a tentativa de construção, por parte da nova direita neofascista brasileira, de uma “história em que o poder determina qual é a narrativa de seu interesse” (AB’SABER, 2021, p. 54).

Os efeitos do uso da *trollagem* em discursos contrários aos procedimentos científicos em combate à pandemia da COVID-19 vêm sendo nefastos no Brasil, haja vista as milhares de vidas que foram ceifadas no país pelo vírus. O regime de verdade de uma sociedade também é definido pelo “estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdade” (FOUCAULT, 2011 *apud* SARGENTINI; CARVALHO, 2021, p. 76). Assim, a *trollagem*, como traço recorrente do discurso presidencial em prol da prescrição de vontades de verdade anticiência, desestabiliza a própria democracia, pois, conforme Foucault (2004), nada é mais inconsistente e perigoso que um regime político indiferente à verdade e que tenta preconizar a sua verdade.

Mas o acontecimento da *trollagem* no discurso político não se restringe aos *memes* e às falas públicas, ele se estende, ainda, aos gestos públicos. Vejamos o enunciado abaixo:

Figura 12: Bolsonaro e apoiadores políticos tomam um copo de leite durante transmissão ao vivo⁹⁸



Fonte: *El País Brasil*

No dia 29 de maio de 2020, houve a transmissão de uma *live* do presidente Jair Bolsonaro. Na *live* estavam presentes o próprio Bolsonaro, que está posicionado no centro da imagem. Ao lado esquerdo do presidente, aparece o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães e, ao lado direito, está o secretário de Agricultura e Pesca, Jorge Seif Júnior. Apesar de Bolsonaro ter afirmado publicamente que o gesto de tomar leite puro, feito pelos três participantes da *live*, ter tido o objetivo de cumprir o “Desafio do Leite”, sugerido pela Associação Brasileira de Produtores de Leite (Abraleite), pois a data é comemorada no dia 1º de junho, muitos internautas e pesquisadores das áreas de História e Antropologia associaram o gesto ao emprego do leite como um símbolo do supremacismo branco por parte de grupos de extrema direita dos Estados Unidos. Esta associação também foi corroborada pelo fato do blogueiro Allan dos Santos (alvo de um inquérito que investiga propagação de *fake news* e ataques ao Judiciário e Legislativo), também durante uma transmissão ao vivo, feita no dia 29 de maio do mesmo ano, ter feito um brinde com um copo de leite puro e, logo após, ter

⁹⁸ Imagem veiculada em: *Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>. Acesso em: 19 jan. 2022.

mencionado a seguinte frase: “Entendedores entenderão”, seguida de risos de todos os participantes da transmissão.

O gesto de beber leite é recorrentemente feito por integrantes do movimento *Alt-Right*, nos Estados Unidos. O grupo utiliza o leite como uma maneira preconceituosa de exaltar os brancos em relação aos demais, principalmente aos negros. Além do argumento da cor do leite, membros da *Alt-Right* fortalecem a ideia do supremacismo através da deturpação de artigos acadêmicos que apresentam disparidades nas características genéticas de cada pessoa. Essa distorção foi responsável pela disseminação de uma hipótese de que pessoas brancas poderiam digerir a lactose presente no leite mais facilmente do que pessoas com cores de pele diferentes no decorrer da fase adulta da vida⁹⁹.

Segundo Nemer (2020)¹⁰⁰, o gesto feito por Bolsonaro e seus apoiadores é componente de uma política intitulada *dog whistle* (apito de cachorro). Essa política faz uso de uma linguagem codificada que significa uma coisa para a população em geral, mas tem significado específico para o subgrupo que é o seu alvo. Assim, esse subgrupo compreende a mensagem e se empodera.

Além disso, o enunciado acima atualiza uma memória histórica e cinematográfica do gesto supremacista de beber leite. Stănescu (2018) argumenta que, a despeito do gesto ter conquistado notoriedade contemporaneamente com a *Alt-Right*, esse movimento não é novo. No século XIX e início do século XX, em razão do medo da imigração e do declínio da classe trabalhadora branca, o leite transformou-se em um substituto para o privilégio e para a cidadania brancos. Alguns filmes estadunidenses retomam o ato de beber leite associado à supremacia branca, podemos citar como exemplos a cena inicial do filme *Bastardos Inglórios*, do diretor Quentin Tarantino, na qual o coronel nazista Hans Landa pede um copo de leite para a família Dreyfus durante uma visita à sua casa, na França. O gesto demonstra uma superioridade do nazista em relação aos franceses, uma vez que, logo após o ato, o coronel promove o assassinato de judeus dentro da casa. Outro exemplo semelhante ocorre no filme *Corra!*, do diretor Jordan Peele. Na penúltima cena da obra cinematográfica, uma das personagens principais bebe um grande copo de leite, cena que tem como objetivo mostrar ao público a crença da personagem na supremacia branca. Tanto o exemplo histórico quanto o

⁹⁹ Informações veiculadas em: *Entenda: por que o copo de leite na live de Bolsonaro provocou controvérsia*. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/entenda-por-que-o-copo-de-leite-na-live-de-bolsonaro-provocou-controversia.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

¹⁰⁰ Informações veiculadas em: *Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

cinematográfico demonstram a espessura histórica e cultural da associação do gesto ao discurso de ódio supremacista, sendo o ato político acima mais um elemento que compõe essa rede discursiva formada por divergentes instâncias de poder-saber.

A política do apito de cachorro, mencionada anteriormente, também foi acontecimentalizada em outro gesto público, feito por um membro da extrema direita brasileira, como mostra o enunciado abaixo:

Figura 13: Gesto antissemita usado pelo ex-assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República¹⁰¹



Fonte: BBC

Durante uma sessão do Senado em que parlamentares cobravam a saída do chanceler Ernesto Araújo do cargo, no dia 24 de março de 2021, o assessor internacional da Presidência, Filipi Martins, foi flagrado fazendo gesto obsceno e racista às costas do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG). O assessor juntou o polegar ao indicador, manteve os demais dedos esticados e fez movimentos repetitivos com a mão ao lado do paletó. A crítica ao gesto se deu em razão da ligação deste a movimentos racistas. Os três dedos esticados exprimem a letra w, uma alusão à palavra em inglês *white* (branco). O círculo formado, por sua vez, faz referência à letra “p”, para a palavra *power* (poder). Essa conotação supremacista surgiu no *4Chan*, fórum que agrupa militantes de direita, como já apontamos em outros capítulos. O símbolo, então, simboliza o poder branco. O gesto obsceno também é associado, no Brasil, a uma forma de dizer “vai tomar no cu”. A despeito das acusações, Martins refutou

¹⁰¹ Imagem veiculada em: *Por que gesto ‘OK’ de assessor de Bolsonaro está em lista de símbolos de ódio nos EUA*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49861739>. Acesso em: 15 ago. 2021.

posteriormente qualquer conotação racista no gesto e asseverou que estava apenas arrumando a lapela do terno¹⁰².

O uso de gestos que possuem um duplo sentido, ou seja, um sentido para determinado grupo e outro para a maior parte da população, faz parte do uso estratégico da *trollagem*, por parte da direita alternativa estadunidense, para difundir códigos entre os seus membros e possibilitar a difusão do discurso de ódio no cenário público. Essa estética foi apropriada pela extrema direita brasileira e vem sendo utilizada por alguns adeptos a essa ideologia, como poder perceber pelos dois enunciados acima. Assim como os outros modos de materialização da *trollagem* que já mostramos ao longo deste capítulo, o uso de gestos injuriosos fora de determinadas bolhas ideológicas pode causar efeitos negativos aos sujeitos que praticam tais atos, haja vista as críticas feitas ao presidente, no caso do primeiro gesto, e ao assessor, no caso do segundo. No entanto, a denegação automática e a dubiedade intrínsecas à *trollagem* gestual são possíveis rotas de fuga utilizadas pelos *trolls*. Em relação ao primeiro enunciado, Bolsonaro associou o gesto ao Dia Mundial do Leite e rebateu as críticas como sendo *fake news* dos adversários políticos. Naquilo que concerne ao segundo enunciado, Martins alegou que estava apenas arrumando a lapela do terno e refutou qualquer conotação racista do gesto.

Os *trolls* políticos também se valem da repercussão acerca da utilização de gestos polêmicos com o objetivo de desviar o foco do debate público para o próprio ato da gesticulação. Sobre essa característica da *trollagem*, Avelar diz que

Definidora de troll é a quantidade infinita de tempo e de energia dedicada à arte de intervir repetidamente em uma conversa de forma a dinamitar as condições de possibilidade daquela conversa, enquanto transforma o próprio frangalho de diálogo que sobra em um eterno bate-boca sobre ele próprio, sobre quem é ele, sobre o que ele faz. Isso é um troll. (AVELAR, 2021, p. 260).

A utilização de uma linguagem codificada através de gestos pouco usuais no cotidiano dos *normies* provoca uma centralização do debate em torno dos possíveis significados daquele gesto e do grau da seriedade e/ou brincadeira deste. Este movimento desvia o debate político de alguns tópicos para assuntos diários, como os próprios gestos. Desse modo, membros da extrema direita brasileira que se inspiram na estética da direita alternativa fazem uso desses gestos para também pautar e conduzir os rumos da política no país. Prova disso é que os dois

¹⁰² Informações veiculadas em: *Senado cobra afastamento de Filipe Martins, e Bolsonaro procura cargo de compensação para aliado*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/senado-cobra-afastamento-de-filipe-martins-e-bolsonaro-procura-cargo-de-compensacao-para-aliado.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2022.

enunciados acima foram acontecimentalizados durante um período crítico da pandemia no Brasil, onde milhares morriam diariamente no país em decorrência do coronavírus e várias críticas, de diferentes setores da sociedade, eram tecidas no tocante à condução negacionista do Governo Federal em relação ao vírus.

Os dois enunciados materializam o humor específico da *trollagem*: o humor da superioridade. Como apontamos no segundo capítulo, nesse tipo de humor, não há a coparticipação dos pares presentes na comunicação, uma vez que apenas o *troll* e os integrantes do seu grupo possuem o conhecimento do estatuto de seriedade da sua prática, direcionando os outros interlocutores a um estado de menoridade. O humor da superioridade opera sob uma lógica de pertencimento grupal na qual os pertencentes a esse grupo mobilizam sensibilidades tóxicas semelhantes, como indignação e raiva, em relação aos não pertencentes desse jogo retórico. Assim, a frase “Entendedores entenderão”, pronunciada pelo blogueiro da extrema direita sobre o gesto de beber leite puro, é tanto um aceno aos outros *trolls* quanto uma externalização da sua “superioridade” sob os demais interlocutores que não possuem o conhecimento acerca da seriedade/brincadeira da ligação daquele gesto com o movimento supremacista branco.

A despeito do fato de que o humor da superioridade desloca os não integrantes da *trollagem* grupal em um estado de menoridade, essa mesma prática também pode firmar os membros do grupo neste estado, uma vez que a estética da *trollagem*, fomentada por grupos autoritários de direita, justapõe o emocional ao racional e exige um seguidismo irracional aos líderes dessas bolhas digitais/políticas, contribuindo para a permanência dos seus seguidores/eleitores no estado de menoridade kantiano, em que o uso público do entendimento é oprimido por uma adoração irracional ao líder.

Assim, o acontecimento da *trollagem* no discurso político brasileiro, materializado em distintas materialidades, como *memes*, falas e gestos públicos, é possibilitado pelo recrudesimento de discursos autoritários, machistas, LGBTfóbicos, xenofóbicos e racistas no cenário político do país. Courtine (2006, p. 77) afirma que, ao estudar o fenômeno autoritário, “a análise do discurso não pergunta se o que o discurso diz é verdade, mas tenta perguntar como o discurso assegura como verdade o que foi construído”. Então, cabe aos sujeitos que lutam por uma democracia igualitária entender o funcionamento dessa estratégia discursiva, que encoberta discursos de ódio através do humor, e combater os seus efeitos bélicos de perseguição a minorias sociais e tentativas regulares de imposição de determinadas narrativas da verdade.

4. Considerações finais

*O tempo da pesquisa consiste
em correr atrás do acontecimento.*
[COURTINE, **Metamorfoses do discurso político**,
2006, p. 109]

Apresentamos, na abertura da nossa introdução, o enunciado proferido, em 2020, pelo presidente brasileiro Jair Bolsonaro: “Ela [repórter] queria dar um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim [risos de Bolsonaro e dos demais presentes]”. Este enunciado, assim como outros analisados ao longo deste trabalho, é possibilitado pelo acontecimento da *trollagem* no interior do discurso político brasileiro. Ao analisar um discurso, o intuito não é problematizar os códigos, mas sim os acontecimentos: “a lei de existência dos enunciados, o que os torna possíveis; (...) as condições de sua emergência singular; sua correlação com outros acontecimentos anteriores ou simultâneos, discursivos ou não” (FOUCAULT, 2010a, p. 9). Dessa maneira, investigamos discursivamente as condições de possibilidade do acontecimento da *trollagem* no contexto político brasileiro contemporâneo, seu lugar no limiar entre humor e discurso de ódio e sua dispersão em distintas materialidades.

Para tanto, observamos que o humor é uma característica importante da sociedade humana desde a Grécia Antiga. Como tal, ele atua socio historicamente a partir de continuidades e discontinuidades e aparece de diferentes formas: como transgressão, como resistência, como manutenção do poder etc. No que concerne ao discurso político, o uso do humor nesta ordem demorou a conquistar relevante espaço em virtude de uma das suas regularidades ser o tratamento dos fatos de uma maneira não séria. Apesar disso, no caso brasileiro contemporâneo, mais especificamente, o humor não só conquistou espaço, como apresenta-se particularmente agressivo e fomenta, sobretudo, a polarização e o aviltamento do oponente político.

A partir de uma breve análise de enunciados do perfil humorístico do Facebook Dilma Bolada e do perfil oficial do Facebook da então candidata à reeleição Dilma Rousseff, mostramos que a eleição presidencial de 2014, no Brasil, promoveu uma ruptura em relação ao que era regular nas campanhas presidenciais até então. A aposta no uso das redes sociais como uma maneira de personalização dos candidatos e aproximação com os usuários/eleitorado criou condições de possibilidade para o uso estratégico do humor agressivo, que regularmente é usado com o objetivo de criticar o adversário político. Desse modo, a utilização das redes sociais pelos políticos brasileiros possibilitou a inserção do discurso humorístico em uma

ordem discursiva que até então era dominada por uma língua de madeira extremamente formal e conspícua.

Esta ruptura provocada pelos novos modos de fazer política em 2014 foi acentuada durante as eleições presidenciais brasileiras de 2018. A ascensão da extrema direita no cenário político brasileiro, principalmente a partir da eleição do presidente Jair Bolsonaro, em 2018, e o uso massivo das mídias sociais como ferramenta de comunicação política, viabilizaram o uso do humor como uma forma de camuflar discursos de ódio. Dessa forma, desde a última campanha presidencial, o funcionamento de um humor brutal contra adversários políticos e minorias sociais, materializado principalmente através da prática da *trollagem* política, vem sendo regularmente utilizado como estratégia retórica do presidente e de seus respectivos aliados políticos, sobretudo aqueles que pertencem à sua base ideológica e reproduzem uma estética discursiva advinda da direita alternativa americana, na qual a *trollagem* é componente essencial.

Assim, analisamos a dispersão do acontecimento da *trollagem* política no contexto brasileiro mediante três materialidades: *memes* políticos, falas públicas e gestos públicos. Durante a investigação do nosso *corpus* de análise, observamos, em relação aos *memes* políticos, a recorrência de três temáticas nesses enunciados: virilidade, homofobia e xenofobia. Em relação à primeira temática, apontamos a virilidade como um discurso que esteve, historicamente, associado às relações de poder, aos processos de subjetivação que produziram o homem viril no decorrer do tempo histórico, que desempenhou a continuidade de um discurso dominante em favor dos grupos e das instituições a quem valia a dominação masculina. Contemporaneamente, a *trollagem* materializada em *memes* que recuperam esse ideal viril traça uma contiguidade histórica com essa construção discursiva e atua em um campo associado semelhante ao de políticas públicas decretadas pelo governo de extrema direita de Jair Bolsonaro, que buscam reacender uma masculinidade que vem sendo combatida por contradiscursos de grupos feministas e LGBTQIA+. Desse modo, salientamos que os sentidos conferidos à virilidade estão em constantes diálogos e duelos. A *trollagem* funciona, dessa maneira, como uma válvula de escape humorística para a propagação de discurso de ódio de homens raivosos e ressentidos com a resistência de grupos minoritários, que trabalham em prol de uma descontinuidade relativamente à manutenção histórica do poderviril.

Acerca da homofobia materializada em *memes* da extrema direita brasileira, observamos que tais enunciados possuem uma espessura histórica que remonta a ideologias oriundas de regimes totalitários fascistas, assim como sustenta vontades de verdade

homofóbicas na recuperação de discursos religiosos. Em tais *memes*, irrompe a memória de uma heterossexualidade excludente, a qual, sustentada por instituições de poder como o Estado, o Exército, a família e a Igreja, trabalha na produção de subjetividades que, em benefício de sua autoafirmação, atacam sujeitos historicamente violentados pela sociedade ocidental, como a população LGBTQIA+ e as mulheres, e exaltam líderes políticos autoritários.

Já em relação à xenofobia em *memes* da extrema direita, percebemos uma recorrência de enunciados que materializavam essa prática contra dois grupos: os chineses e os nordestinos. No que diz respeito à comunidade chinesa, a emergência do discurso xenofóbico contra esse grupo, no Brasil contemporâneo, conquistou mais adeptos após a pandemia do COVID-19, em virtude da proliferação de *fake news* sobre a forma como se originou o vírus e supostas conquistas econômicas que o país asiático teria obtido por conta do acontecimento. A incorporação do humor/brincadeira, através da *trollagem*, em um discurso que possui uma regularidade de traços coléricos possibilita uma maior difusão do discurso de ódio por representantes políticos. Os efeitos dessa prática discursiva lesiva são muitos, haja vista a escalada de violência e preconceito contra a comunidade asiática, sobretudo a chinesa, durante o período pandêmico.

No tocante à prática xenofóbica contra os nordestinos, percebemos que o arquivo composto pelo discurso de ódio contra nordestinos possui uma longa espessura histórica e, desde as eleições presidenciais de 2018, a *trollagem* política passou a ser uma estratégia retórica regular na circulação de dizeres injuriosos contra essa população. Por conta das sequentes vitórias de partidos progressistas nessa região, os nordestinos são colocados como os inimigos raivosos do Sudeste/Sul na estratégia de guerra cultural de construção de inimigos imaginários da extrema direita.

Observamos, com as análises das três temáticas recorrentes nos *memes* da extrema direita brasileira, que houve uma mutação discursiva em relação aos modos de dizer do discurso de ódio, uma vez que este, atualmente, se adapta ao uso de estratégias humorísticas regulares no ambiente digital, ainda que haja manutenção do que se diz e dos respectivos efeitos gerados para as vítimas desses discursos.

Além disso, ressaltamos o lugar central que as emoções ocupam na construção de subjetividades que estão sustentadas na mobilização de identidades coletivas e sentimento de pertencimento a partir de um reconhecimento mútuo. Nessa perspectiva, a emergência de discursos que exaltam a virilidade e propagam a homofobia e a xenofobia, é possibilitada pela mobilização coletiva de sensibilidades ressentidas em uma parte da população brasileira,

ressentimento que está associado a uma rebelião de impotência e de amargura, sensibilidades que são essenciais para o fomento da prática da *trollagem*.

A *trollagem* materializada em falas e gestos públicos faz parte de um movimento de deslocamento da *trollagem* como prática dos usuários da *deep web* para prática estatal. Acerca desta prática em falas públicas, analisamos que ela opera retomando algumas características da derrisão, tais como o duplo sentido e a ambiguidade. Esta confere a incerteza sobre a seriedade ou não do enunciado e de sua crença ou descrença por parte do locutor, garantindo a função de denegação automática caso o enunciado seja desmentido ou questionado. Além disso, a *trollagem* da extrema direita brasileira materializada em falas públicas atua no mesmo campo associado de estratégias derrisórias que utilizam esse recurso tanto para deslegitimar a veracidade de acusações sobre práticas políticas, quanto para esquivar-se de questionamentos problemáticos sobre determinados assuntos. Analisamos, também, que o atual cenário de pós-verdade possibilita a utilização da *trollagem* para a produção de qualquer tipo de exagero ou teoria conspiratória.

Já em relação à prática da *trollagem* em gestos públicos, observamos que os dois enunciados que analisamos integram a política do “apito de cachorro”. Essa política faz uso de uma linguagem codificada que significa uma coisa para a população em geral, mas tem significado específico para o subgrupo que é o seu alvo. O objetivo dessa prática é difundir códigos entre os seus membros e possibilitar a propagação do discurso de ódio no cenário público. Ademais, os enunciados atualizam memórias históricas e cinematográficas de gestos feitos por grupos supremacistas brancos.

Outro ponto importante é que os gestos públicos analisados materializam o humor específico da *trollagem*, o humor da superioridade. Nesse tipo de humor, não há a coparticipação dos pares presentes na comunicação, uma vez que apenas o *troll* e os integrantes do seu grupo possuem o conhecimento do estatuto de seriedade da sua prática, direcionando os outros interlocutores a um estado de menoridade. O humor da superioridade opera sob uma lógica de pertencimento grupal na qual os pertencentes a esse grupo mobilizam sensibilidades tóxicas semelhantes, como indignação e raiva, em relação aos não pertencentes desse jogo retórico.

A partir das nossas análises, com base nas categorizações apresentadas na tabela de classificação da agressividade verbal no discurso político brasileiro, desenvolvida por Chiari (2021), encontramos no funcionamento da *trollagem* na ordem discursiva política brasileira um grau de agressividade descontrolado, puro e tolerante, ou seja, o maior grau de agressividade descrito na tabela da autora. Apesar de localizarmos o maior grau de agressividade nas três materialidades analisadas, consideramos que, hierarquicamente, as falas públicas materializam uma agressividade mais explícita que os gestos públicos e os memes políticos, em virtude da

presença de um discurso de ódio direto, isto é, sem duplo sentido, nos enunciados analisados. Além disso, há uma quebra expectativa da presença desse tipo de discurso em falas públicas pelo fato destas serem, historicamente, mais polidas. Apesar dessas considerações, ressaltamos que os discursos afetam os sujeitos de diferentes maneiras e, por isso, o grau de agressividade de um discurso não deve categorizado de forma universal.

Em relação às formas de agressividade, encontramos o funcionamento da *trollagem* em seis das nove categorizações elaboradas pela autora, são elas: 2) Ridicularização ou repreensão da fala do outro; 4) Alusões ou insinuações pelos procedimentos de: a) Falar de si para desqualificar o outro; 5) Ataques diretos e repetições enfáticas relacionadas à moral ou conduta do oponente; 6) Ironia; 7) Derrisão e, por fim, 9) Práticas estigmatizantes que conferem ao insultado características animais, físicas, escatológicas.

Desse modo, a intensidade e a recorrência da *trollagem* em várias categorizações da agressividade verbal nos mostra o quanto este acontecimento vem produzindo mutações e descontinuidades no discurso político brasileiro e o quanto essa estratégia discursiva é essencial para a constituição estética da extrema direita, principalmente em relação ao uso do discurso de ódio sob o véu da pretensa inocuidade humorística. Por consequência, essa estratégia produz discursos que operam com o intuito de ridicularizar o inimigo político e perseguir sujeitos que são historicamente colocados à margem da sociedade.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Tales. Ilusão, convicção e mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice, PIOVEZANI, CARLOS. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 41-57.
- AMBRA, Pedro. Homens e armas. In: AMBRA, Pedro. (Org.). **Cartografias da masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021. p. 83-89.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.
- ANTUNES, Bruno Conrado Dermartini. **A polarização política nas mídias sociais: o filtro bolha e a disseminação da cultura troll**. 2019. Tese (doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1983>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- ARNOUX, Elvira. A verdade e as emoções: Retórica e pós-verdade no discurso político. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice, PIOVEZANI, CARLOS. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 189-220.
- ATTARDO, Salvatore. **Linguistic theories of humor**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1994.
- AVELAR, Idelber. **Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- BOIN, Lígia Menossi. O dedo do Lula e a derrisão. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 1110–1120, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1042>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- BONNAFOUS, Simone. Sobre o bom uso da derrisão em J.M. Le Pen. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 35-46.
- BORTOLIN, Andriele; FERNANDES, Célia. We can do it!: o funcionamento discursivo dos memes no espaço digital. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 57, p. 81-102, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i57.24428>. Acesso em: 2 jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CÂMARA, Aliana Lopes. A oração subordinada adjetiva na produção de sentidos no texto: a perspectiva dos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 18, n. 2, p. 319-355, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v18i2p319-355>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo. Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530 - 557, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>. Acesso em: 16 nov. 2021.

CHAGAS, Viktor et al. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. **Intexto**, Porto Alegre, n. 38, p. 173-196, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201738.173-196>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CHAPOUTOT, Johann. Virilidade fascista. In: COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIAGRELLO, Georges. (Org.). **História da virilidade**. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 335-363.

CHIARI, Giovanna; SARGENTINI, Vanice. Da docilização à agressividade: os insultos em campanha eleitoral. In: SARGENTINI, Vanice. (Org.). **Mutações do discurso político no Brasil**: espetáculo, poder e tecnologias da comunicação. São Paulo: Mercado de Letras, 2017. p. 107-141.

CHIARI, Giovanna. **Da abertura política às eleições de 2018**: um estudo sobre as metamorfoses da agressividade no discurso político brasileiro. 2021. Tese (doutorado) - Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14677>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). **História das emoções vol. 1**: Da antiguidade às Luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIAGRELLO, Georges. (Org.). **História da virilidade**. Vol. 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCar, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos.(Org.). **História da fala pública**: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis: Vozes, 2015.

CURCINO, Luzmara. SARGENTINI, Vanice. Dizeres revoltos: discurso, verdade, tecnologia e política. **Heterotópica**, v. 2; n. 1, jan.-jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v2n1-2020-55555>. Acesso em: 20 jun. 2021.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Trad. Geraldo H. M. Florsheim, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias - volume II. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian et al. (Org.). **Ética e pós-verdade**. S2 Books, 2017.

EAGLETON, Terry. **Humor**: o papel fundamental do riso na cultura. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

EATWELL, Roger. **Nacional-populismo**: a revolta contra a democracia liberal. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

FEUERHAHN, Nelly. La dérision, une violence politiquement correcte. In : **HERMÉS**: la revue. Dérision – contestation, CNRS, n. 29, p. 185-197, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.4267/2042/14504>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.

FONTANA, Mônica Zoppi. **Pós-verdade e enunciação política**: entre a mentira e o rumor. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice, PIOVEZANI, CARLOS. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 87-104.

FOUCAULT, Michel. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Coleção ditos e escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 82-118.

FOUCAULT, Michel. Política e ética: uma entrevista. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Coleção ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 218-224.

FOUCAULT, Michel. Resposta a uma Questão. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Coleção ditos e escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. p. 1-24.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de novembro de 1970. Trad. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FRAGOSO, Suely. Huehuehue eu sou BR: spam, trollagem e griefing nos jogos on-line. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. v. 22, n. 3, p. 129-146, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2015.3.19302>. Acesso em: 15 set. 2021.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 7: o chiste e sua relação com o inconsciente** (1905). 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FRY, William. Encyclopedia of humor studies. In: ATTARDO, Salvatore. (Org.). **Encyclopedia of humor studies**. SAGE Publications, 2014. p. 27.

GEORGALIDOU, Marianthi. "Stop caressing the ears of the hooded" Political humour in times of conflict. In: TSAKONA, Villy; POPA, Diana. (Org.). **Studies in political humour: in between political critique and publique entertainment**. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2011. p. 83-107.

GIL, Javier; BREA, Sergio. Emotional Schockwaves, Populist Mode of Humour and Post-Truth Politics. In: FALCATO, Ana; SILVA, Graça (Org.). **The Politics of Emotional Schockwaves**. Springer Nature, 2021. p. 57-79.

GORMAN, Ginger. **Troll hunting: Inside the world of online hate and its human fallout**. Hardie Grant Publishing, 2019.

HAWLEY, George. **Making sense of the alt-right**. Columbia University Press, 2018.

KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. 1. ed. Contraponto Editora, 2019.

LAMERICHS, Nicolle et al. Elite male bodies: the circulation of alt-Right memes and the framing of politicians on Social Media. **Participations**, v. 15, n. 1, p. 180-206, 2018. Disponível em: <https://participations.org/Volume%2015/Issue%201/11.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MARIOT, Nicolas. Fúrias, comunhões e ardor cívico: a vida política das emoções. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Org.). **História das emoções, v. 3: Do final do século XIX até hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 101-130.

MAY, Rob; FELDMAN, Matthew. Understanding the Alt-Right: Ideologues, « Lulz » and Hiding in Plain Sight. In: FIELITZ, Maik; THURSTON, Nick, Bielefeld. **Post-Digital**

Cultures of the Far Right: Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US. Bielefeld: transcript Verlag. 2018. p. 25-36.

MERCIER, Arnaud. Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs. **Hermès**, n. 29, p. 9-18, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.4267/2042/14482>. Acesso em: 18 ago. 2021.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP. 2003.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva [recurso eletrônico]:** por que Bolsonaro venceu. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MUSZKAT, Susana. Revisitando Adão e Eva. In: AMBRA, Pedro. (Org.). **Cartografias da masculinidade**. São Paulo: Cult Editora, 2021. p. 39-48.

NAGLE, Angela. **Kill all normies:** Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right. John Hunt Publishing, 2017.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 1, n. 57, p. 08-33, dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.9682>. Acesso em: 16 ago. 2021.

OLSON, Candi; LAPOE, Victoria. Feminazis,” “libtards,” “snowflakes,” and “racists”: trolling and the spiral of silence impact on women, LGBTQIA communities, and disability populations before and after the 2016 election. **Journal of Public Interest Communications**, v. 1, issue 2, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PHILIPS, Whitney. **This is why we can’t have nice things**. Massachusetts: The MIT Press, 2015.

PINTO NETO, Moysés. Do Populismo Reacionário ao Exterminismo: yuppies, neggers e trolls. **Crise & Crítica**, v. 2, n. 2. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334067536_Do_Populismo_Reacionario_ao_Exter

minismo_yuppies_neggers_e_trolls/link/5d151e84299bf1547c841c87/download. Acesso em: 16 jun. 2021.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emílio. **A linguagem fascista**. São Paulo: Hedra, 2020.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

POSSENTI, Sírio. Estudos Linguísticos, humor, política e ensino de Língua. **Revista Heterotópica**, v. 2, n. 1, p. 51–60, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v2n1-2020-55561>. Acesso em: 15 jun. 2021.

QUERINO, Emília. **A construção discursiva da identidade nordestina em dicionários da língua portuguesa**: uma análise arqueológica. 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21622>. Acesso em: 15 jan. 2022.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: SOLANO, Esther. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. 1. ed. Boitempo: 2018a. p. 48-54.

ROCHA, Camila. “**Menos marx, mais mises**”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018b. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-19092019-174426/pt-br.php>. Acesso em: 14 out. 2021.

ROCHA, João César. **Guerra Cultural e Retórica do Ódio**: Crônicas de um Brasil Pós-político. 1. ed. Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SANTOS, Fabiano; TANSCHKEIT, Talita. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. **Colombia Internacional**, n. 99, p. 151-186, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>. Acesso em: 18 out. 2021.

SARGENTINI, Vanice. Discurso político e redes sociais. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 215-232, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1264>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SARGENTINI, Vanice. Mutações do discurso político: segmentação, docilização e estetização. In: SARGENTINI, Vanice. (Org.). **Mutações do discurso político no Brasil**: espetáculo, poder e tecnologias da comunicação. São Paulo: Mercado de Letras, 2017a. p. 85-106.

SARGENTINI, Vanice. O discurso político sob a ordem discursiva das redes sociais. In: SARGENTINI, Vanice. (Org.). **Mutações do discurso político no Brasil**: espetáculo, poder e tecnologias da comunicação. São Paulo: Mercado de Letras, 2017b. p. 159-174.

SARGENTINI, Vanice. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? **Revista Heterotópica**, v. 1, n. 1, p. 34-47, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48526>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SARGENTINI, Vanice; CARVALHO, Pedro. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das fake news. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice, PIOVEZANI, Carlos. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 73-86.

SARGENTINI, Vanice. Populismo na política brasileira: desobedecer para melhor obedecer. **Diacrítica**, Minho, 2022. (no prelo)

SOUZA, Alan Lobo de. **Limites do humor**: o funcionamento discursivo da polêmica. 2017. 185 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/325799>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

STĂNESCU, Vasile. “White Power Milk”: Milk, Dietary Racism, and the “Alt-Right”. **Animal Studies Journal**, v. 7, n. 2, 2018, p. 103-128. Disponível em: <https://ro.uow.edu.au/asj/vol7/iss2/7>. Acesso em: 16 jan. 2022.

TSAKONA, Villy; POPA, Diana. Humour in politics and the politics of humour: an introduction. In: TSAKONA, Villy; POPA, Diana. (Org.). **Studies in political humour**: in between political critique and publique entertainment. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2011. p. 1-32.

UNITED NATIONS. **United nations strategy and plan of action on hate speech**. 2019. Disponível em: https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/advising-and-mobilizing/Action_plan_on_hate_speech_EN.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZEPEDA, Andrés; FRANCO, Delia; PRECIADO, Octavio. O humor na estratégia de persuasão durante as campanhas eleitorais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 13. Brasília, jan. – abr. 2014, p. 245-258. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2154/1906>. Acesso em: 11 jun. 2021.